

Carla Victória Jara Murillo

O ESPANHOL DA COSTA RICA SEGUNDO OS TICOS:

*Um estudo de
Linguística Popular*

Editora da

ABRALIN

Carla Victória Jara Murillo

O ESPANHOL DA COSTA RICA
SEGUNDO OS TICOS:
um estudo de Linguística Popular

Editora da ABRALIN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Murillo, Carla Victória Jara

O espanhol da Costa Rica segundo os ticos [livro eletrônico] : um estudo de linguística popular / Carla Victória Jara Murillo ; tradução Mariana Morales da Silva, Roberto Leiser Baronas, Marcelo Rocha Barros Gonçalves. -- Campinas, SP : Editora da Abralin, 2024. -- (Traduções)

PDF

Título original: El español de Costa Rica según los ticos.

ISBN 978-85-68990-52-0

1. Língua espanhola 2. Linguagem 3. Línguas e linguagem 4. Linguística I. Título. II. Série.

24-236056

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Palavras das Editoras

Houve um tempo em que as grandes religiões se apresentavam como a principal fonte de parâmetros éticos explícitos para a vida em sociedade. Jessé de Souza, no livro *A tolice da inteligência brasileira*. Ou como o país se deixa manipular pela elite (Editora Leya, 2015, p. 12), entretanto, chama a nossa atenção para o fato de que esse papel tem sido hoje disputado com as ciências, na medida em que elas oferecem um conjunto de ideias (construídas em espaço social de prestígio) capturadas em programas de partidos políticos, de planejamento do Estado, de planejamento e condução do ensino, de elaboração e aplicação das leis, daquilo que a mídia publica. Pudemos testemunhar um tanto dessas disputas durante os períodos mais críticos da pandemia de SARS-COVID-19, em que cientistas, falsos cientistas e anti-cientistas ofereceram produtos e valores capturados pelo poder, levando, por um lado, a cenários caóticos inimagináveis e, por outro lado, a oportunidades de demonstração de tudo o que se ganha quando o conhecimento (teórico, aplicado, tecnológico) é respeitado.

A ABRALIN tem sido incansável no esforço de fortalecimento e de difusão dos saberes produzidos pelas ciências da linguagem no Brasil. Uma parte desse esforço resultou na criação, em 2020, desta Editora, cuja função é apoiar e divulgar a pesquisa em Linguística – o nosso modo peculiar de enfrentamento à ignorância, ao preconceito, à injustiça que se constroem com as línguas ou em torno delas.

Existe uma grande diversidade de áreas, temas, orientações, interesses, pessoas no nosso campo de estudo. A Editora da ABRALIN quer se firmar como um espaço para a expressão dessa diversidade, que aqui se alia a propósitos científicos, democráticos e humanitários. Sendo open access, gratuita e digital, ela quer contribuir para que a circulação de saberes linguísticos solidamente construídos seja garantida e alcance a todos e todas que por eles se interessarem (estudantes, docentes e quem mais quiser).

Cada obra passa pelo crivo de especialistas associados à ABRALIN, que gentilmente prestam esse serviço à comunidade, e pelas disposições de editais públicos, pensados para assegurar a ampla participação e também a relevância dos textos selecionados.

Assim, é com muita satisfação, que publicamos esta obra, plenamente inserida nesse conjunto de diretrizes e compromissos da Editora da ABRALIN.

Ana Paula Scher
Olga Ferreira Coelho Sansone

Apresentação da tradução
Prefácio à edição brasileira
Prefácio
Introdução

Capítulo

01

- 1.1. Motivação do livro
- 1.2. O que é linguística popular
- 1.3. Os preconceitos linguísticos
- 1.4. O estado da questão
- 1.5. EspCR em relação ao dialeto, língua espanhola e o espanhol da Costa Rica segundo o sistema especializado

Capítulo

02

- 2 Perspectiva teórica e metodologia
- 2.1. Introdução
- 2.2. Linguística popular, atitudes linguísticas e sistema especializado
- 2.3. A psicologia popular
- 2.4. O modelo cultural
- 2.5. Metodologia

Capítulo

03

- 3 Representação mental do espCR
- 3.1. Preliminares
- 3.2. Nível fonético: referências à pronúncia
 - 3.2.1. Valoração negativa
 - 3.2.2. Valoração positiva
 - 3.2.3. Referências a sons específicos
 - 3.2.4. Referências à variabilidade interna
 - 3.2.5. Percepção do sotaque como neutro em relação a outras variedades
 - 3.2.6. Referências à velocidade da fala
 - 3.2.7. Referências à especificidade fonética
 - 3.2.8. Comparação numérica das referências no nível fonético
- 3.3. Nível morfosintática: referências à gramática
 - 3.3.1. Valoração negativa
 - 3.3.2. Valoração positiva
 - 3.3.3. Referências à conjugação verbal
 - 3.3.4. Referências a aspectos variados
 - 3.3.5. Comparação numérica das referências no nível morfosintático
- 3.4. Nível léxico: referências ao vocabulário

Capítulo

03

- 3.4.1. Valoração negativa
- 3.4.2. Valoração positiva
- 3.4.3. Valorações combinadas
- 3.4.4. Referências à especificidade léxica
- 3.4.5. Referências à palavras alheias
- 3.4.6. Referências à variabilidade interna
- 3.4.7. Outros aspectos marginalmente relacionados com o vocabulário
- 3.4.8. Comparação numérica das referências no nível léxico
- 3.5. Referências à variação dialetal
 - 3.5.1. Variação diatópica (dialetos ou variantes geográficas)
 - 3.5.2. Variação diastrática (socioletos)
 - 3.5.3. Variação diacrônica (geracional)
 - 3.5.4. Variação estilística (registro)
 - 3.5.5. Variação idioletal
 - 3.5.6. Referências combinadas
 - 3.5.7. Referências às formas de tratamento
 - 3.5.8. Comparação numérica das referências à variação dialetal
- 3.6. Referências à influência estrangeira
 - 3.6.1. Referências gerais
 - 3.6.2. Anglicismo/influência dos Estados Unidos
 - 3.6.3. Influência da Nicarágua
 - 3.6.4. Comparação numérica das referências à influência estrangeira
- 3.7. Conclusão

Capítulo

04

- 4 Prescrição
 - 4.1. Preliminares
 - 4.2. A prescrição a partir do sistema especializado
 - 4.3. Comentários prescritivos de F
 - 4.3.1. Comentários semelhantes aos do tipo especializado
 - 4.3.2. Comentários do tipo prescritivo tradicional
 - 4.3.3. Ações corretivas específicas
 - 4.3.4. Responsabilidade das instituições sociais
 - 4.4. Conclusão

Capítulo

05

- 5 Modelos culturais sobre o espCR
- 5.1. Preliminares
- 5.2. Descrição dos quatro modelos culturais
 - 5.2.1. M1: O modelo sociolinguístico: a variação ou diversidade como normal
 - 5.2.2. M2: A lealdade crítica: é bom, mas...
 - 5.2.3. M3: A nostalgia pelo bem perdido: desaprovação absoluta
 - 5.2.4. M4: A lealdade incondicional: aprovação absoluta e comparada
 - 5.2.5. Relação de frequência dos modelos
- 5.3. Combinação de modelos
 - 5.3.1. M1 combinado com outros modelos
 - 5.3.2. M2 combinado com outros modelos
 - 5.3.3. M3 combinado com outros modelos
 - 5.3.4. M4 combinado com outros modelos
- 5.4. Conclusão

Capítulo

06

- Conclusões gerais
- Bibliografía consultada
- Bibliografía complementar
- Sobre a autora
- Sobre a/os tradutora/res e a prefaciadora
- Anexo

Apresentação da tradução

Por Mariana Morales da Silva¹ & Roberto Leiser
Baronas² & Marcelo Rocha Barros Gonçalves³

Antes, um breve histórico do campo

O livro que ora entregamos aos leitores de língua portuguesa se inscreve no macro campo dos estudos *folk*⁴, mais especificamente, no domínio da Linguística popular. Esse domínio irrompe no contexto norte americano em meados dos anos sessenta (1966) com uma palestra ministrada pelo historiador da linguística, Henry Hoeningswald. Nessa palestra, intitulada *Proposições para a Linguística popular*⁵, proferida na Universidade da Califórnia, Hoeningswald nos chama a atenção para o fato de que enquanto pesquisadores da linguagem deveríamos estar interessados não apenas em:

a) o que acontece (idioma), mas também em b) como as pessoas reagem ao que acontece (se são persuadidas, se são afastadas etc) e em c) o que as pessoas dizem sobre a linguagem.

1 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: marianamoralesdasilva@gmail.com

2 Professor de Linguística na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail baronas@ufscar.br

3 Professor de Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. E-mail: marcelo.barros@ufms.br

4 Segundo Achaad-Bayle e Paveau (2008/2020) existe atualmente, em diversos campos do conhecimento (filosofia; epistemologia; linguística; psicologia; neurociências; biologia e em outros domínios), uma robusta interrogação sobre a natureza dos saberes, sobre os modos de constituição e de legitimação dos conhecimentos ditos científicos. Nesse sentido, a *European Review of Philosophy* propõe as seguintes questões: a) Qual é o domínio adequado de um sistema de epistemologia popular? b) As avaliações epistêmicas envolvem o pensamento consciente? c) As avaliações epistêmicas são específicas de humanos? d) Como a epistemologia popular contribui para o pensamento racional? e) Quais são as relações (se houver) entre a epistemologia normativa, a epistemologia do senso comum e a epistemologia popular? f) Como a epistemologia popular se relaciona com nossa compreensão ingênua da verdade? g) Quais aspectos da cultura poderiam ser explicados com base em uma epistemologia popular? h) Os sujeitos compartilham as mesmas intuições epistemológicas entre culturas? Ou as epistemologias variam entre culturas? (HEINTZ; POUSSCOULOUS; TARABORELLI, 2008, p. 34).

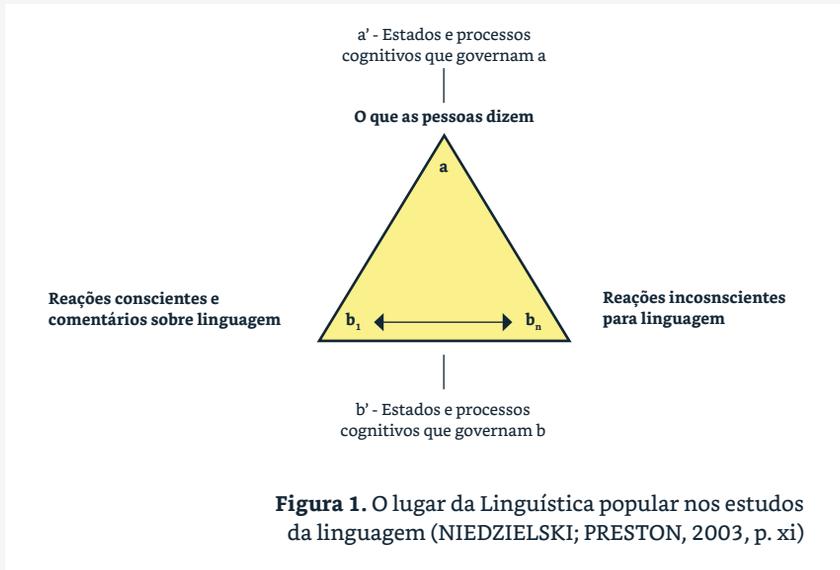
5 A tradução brasileira deste texto pode ser acessada em *Linguística Popular: Folk Linguistics - saberes linguísticos de meia tigela?.pdf* (ufms.br)

Não adianta descartar esses modos de conduta secundários e terciários apenas como fontes de erros” (HOENINGSWALD, H. 1966/2021, p. 27) (Grifos nossos).

Ao longo da história da linguística ocidental, esses modos de conduta secundário e terciário vão abarcar questões muito variadas, que buscam dar conta sumariamente das avaliações, atitudes, crenças, percepções e intuições linguísticas dos falantes. No entanto, sobretudo, a partir dos trabalhos de Niedzielski e Preston (2000 e 2003), autores da primeira obra de fôlego do campo, *Folk linguistics*, a Linguística popular vai reconfigurar as questões relacionadas à percepção, à avaliação e à intuição linguísticas, tomando-as como estados e processos cognitivos que governam o que as pessoas dizem. Esse tipo de abordagem segundo Preston (2008/2021, p. 40-1) se justifica por quatro razões:

A primeira é de ordem etnolinguística: praticar Linguística popular (aqui, doravante LP) é indispensável para quem deseja proceder a etnografia completa de uma comunidade linguística. Se ignorarmos o que os não-linguistas creem a propósito da linguagem ou de sua língua, perdemos a oportunidade de complementar nossos conhecimentos sobre o que talvez seja um dos elementos mais importantes de sua cultura. A segunda razão é estritamente linguística: a LP deve ser feita se alguém se interessa pelas intuições daqueles que usam a linguagem no cotidiano. Como poderíamos fingir que os linguistas não obteriam informações preciosas sobre a linguagem ouvindo os locutores populares que falam com perspicácia? A terceira razão diz respeito à variação e mudança linguística: seria surpreendente que a LP não tocasse em muitos dos elementos envolvidos na variação e mudança linguística. Em matéria de LP, muita coisa se passa no nível subconsciente, certamente, mas não todas, e as indicações que isso nos daria sobre os vencedores e perdedores da variação e da mudança deveriam ser interessantes, se não explicativas. A última razão diz respeito à linguística aplicada: podemos imaginar fazer LP sem saber quais são, em termos de LP, as representações do grupo com as quais será preciso trabalhar? Se o fizermos, nos expomos ao pior desastre, ou na melhor das hipóteses, a um enorme desdém pelas expectativas daqueles com quem trabalhamos.

No prefácio do *Folk linguistics*, edição de 2003, os pesquisadores Nancy Niedzielski e Dennis Preston apresentam o modelo proposto para os estudos em Linguística popular, inicialmente elaborado a partir das três questões propostas para o campo por Henry Hoengniswald ([1966] 2020):



Para Niedzielski e Preston, o campo da linguística popular (**b₁**) e o das atitudes linguísticas (**b_n**) constituem um *continuum*. Com efeito, o campo específico da linguística popular se debruça sobre as reações mais conscientes discursivamente elaboradas e explícitas dos falantes acerca da conduta verbal de sua comunidade. No que concerne ao estudo dos campos **a** e **b₁**, compreende-se que é necessário distinguir os estudos que se enquadram no campo correspondente ao sistema especializado (estudo de **a**), dos estudos que se enquadram na linguística popular (estudo de **b₁**).

No nosso entendimento, essa proposta de Niedzielski e Preston (2003), conforme enunciado, uma reconfiguração da proposta inicial de Hoeningwald, pode ser repensada e reescrita com base em Achard-Bayle e Paveau (2020) em quatro grandes linhas de pesquisa: 1) formas e domínios da linguística popular; 2) validade e legitimidade das teorias espontâneas; 3) compreensão da dimensão sócio-cognitiva dos metadiscursos dos não linguistas e 4) linguística popular e ensino de língua.

O livro de Carla Victória Jara Murillo, que ora traduzimos embora transite pelas quatro grandes linhas de pesquisa da Linguística popular, ao propor o modelo cultural de linguagem, enquanto um elemento crucial para a compreensão dos metadiscursos dos falantes comuns, se concentra de maneira mais detida na linha 03 - compreensão da dimensão sócio-cognitiva dos metadiscursos dos não linguistas.

Sobre a tradução

É quase um lugar comum, que qualquer gesto de tradução implica uma prática intercultural e um alargamento epistêmico (sempre muito difícil) para outra visão de mundo, que se diferencia em forma, conteúdo e história da nossa, pois a linguagem é, em si uma manifestação cultural e sem dúvidas, a mais singular de todas, pois por meio dela é que a cultura pode se manifestar. Nesse sentido, nem sempre há materialidades linguísticas aptas a engendrar significados e conceitos que não são previamente compartilhados pelos falantes de idiomas distintos. Eis um dos problemas que todo tradutor tem de enfrentar.

O livro *O espanhol de Costa Rica segundo os ticos*⁶: um estudo da *Linguística popular*, de autoria da pesquisadora costarriquenha Carla Victória Jara Murillo, foi publicado inicialmente em 2006 pela Editora

6 Segundo a autora, Miguel A. Quesada Pacheco “aponta a dissimilação do sufixo -ito em -ico quando o radical termina em [t], como em gatico, matica. Esse é o fenômeno linguístico que dá origem ao apelido carinhoso de ticos, com o qual gostamos de nos chamar popularmente na Costa Rica e daí o título deste livro. Historicamente, ele resultou da aférese de hermaníticos, a forma como nossos ancestrais do século XIX se descreviam (Quesada Pacheco 1995: 153-156). Vale a pena acrescentar aqui que Gagini, em seu *Diccionario de Costarriqueñismos (1989/1919)*, define o termo tico da seguinte forma: ‘Nome com o qual os nicaraguenses designam o habitante da C.R. porque ele é muito inclinado a usar diminutivos como hermanítico, hijitico, etc.’” (Jara Murillo 2006: 18).

da Universidade da Costa Rica⁷. Trata-se de uma obra muito importante no campo da Linguística popular, clássica, pois inaugura um novo modo de pensar esse domínio dos estudos da linguagem, com base no modelo cultural de linguagem. O modelo cultural de linguagem proposto por Jara Murillo é uma maneira própria e muito original de se fazer Linguística popular. Até então o campo estava muito centrado nas nas formulações germânicas de Antos (1996), nas proposições anglófonas de Niedzielski e Preston (2003), nas postulações francófonas de Achard-Bayle e Paveau (2008/2020), Vicari (2016) e na perquirições italianas de Santipolo (2012). Como diz a autora em seu prefácio:

Não é um livro sobre as particularidades do espanhol costarriquenho como descritas pelos linguistas. É um estudo sobre opiniões relativas ao falar da própria comunidade e, como tal, inscreve-se em um campo relativamente inexplorado da linguística, denominado “linguística popular”.

Não se trata, portanto, como assevera Jara Murillo, de um livro que se atém às particularidades linguísticas do espanhol costarriquenho, como equivocadamente a primeira parte do título do livro *O espanhol da Costa Rica segundo os ticos* nos conduziria a interpretar. Equívoco que poderia reduzir o número de interessados na sua leitura. Talvez, a bem da verdade, de maneira um pouco implícita, trata-se, daí a segunda parte do título e a densa pesquisa que o constitui, não deixarem dúvidas, de um ótimo roteiro de trabalho, que dá corpo a um conjunto robusto de traços de uma metodologia, podendo ser levada a cabo em outras pesquisas no âmbito da Linguística popular, sociolinguística, linguística aplicada e áreas afins com corpora engendrados em outras línguas.

Para esta tradução e, conseqüente revisão técnica, realizada a seis mãos e três cabeças e por estudiosa e estudiosos, que vêm desde 2019 se especializando no domínio da Linguística popular, procurou-se ao máximo ser fiel ao texto primeiro da autora. As intervenções só se deram quando não havia correspondentes em português. Nesses casos, optamos por explicar tais trocas em nota de rodapé.

7 Registramos nosso agradecimento muito especial à autora e aos responsáveis pela Editora da Universidade da Costa Rica pela autorização para a tradução e publicação do presente livro.

A Linguística popular talvez seja o mais neófito domínio a emergir no campo das ciências linguagem, praticadas no Brasil. Sua chegada aqui em terras brasileiras se dá no início de 2020, a partir de uma dupla certidão de nascimento. Primeiro na revista Fórum linguístico da UFSC, com a publicação do dossiê intitulado *Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: em vez do versus, propomos a integração*⁸, bem como com a realização do *I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular: homenagem a Amadeu Amaral – I* - SIELiPop⁹. Esses dois acontecimentos buscaram refletir sobre os mais diferentes temas atinentes à Linguística popular, objetivando evidenciar que os enunciados populares sobre as práticas linguísticas não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, (inter)subjetivos, militantes e (in)completos a serem integrados aos dados científicos da linguística, cuja pertinência deve ser avaliada muito mais pela sua constitutiva vontade de intervenção e, conseqüente mudança social do que pela validade estritamente científica.

De lá para cá, muitas atividades acadêmicas foram realizadas (oferecimento de disciplinas na graduação e na pós-graduação, elaboração de dissertações, teses, relatórios de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, publicação de artigos, capítulos e livros, organização de eventos nacionais e internacionais e, especialmente, tradução dos livros clássicos do campo) todas com objetivo de institucionalizar esse importante modo de compreender a linguagem a partir dos metadiscursos dos próprios falantes.

Para finalizar, chamamos atenção para esse esforço de tradução dos livros clássicos do campo, pois esse gesto possibilita que mais pessoas, notadamente as futuras gerações de estudiosos da linguagem, tenham acesso ao conhecimento produzido em outros espaços linguísticos. Além de democratizar o conhecimento, as traduções dos clássicos, especialmente as de livre acesso, possibilitam que se tenha uma visão mais holística do campo, buscando evitar assim a criação de seitas acadêmicas, centradas num único autor ou numa pequena

⁸ Este dossiê está disponível em *Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração* | Fórum Linguístico (ufsc.br)

⁹ A programação do evento está disponível em *Apresentação* | Sielipop (sielipopufscar.wixsite.com)

confraria de autores, infelizmente, tão comuns no meio acadêmico brasileiro.

Em tempo, sonhamos igualmente com a viabilização de gestos tradutórios que contemplem também as nossas línguas minoritárias. Tal qual o acontecimento linguístico (Guilhaumou, 2009), que possibilitou que a nossa Carta Magna, a Constituição de 1988, fosse recentemente traduzida para a língua Nheengatu¹⁰. Esse gesto digno de todos os elogios e repetição à exaustão, por um lado, se deu graças ao esforço do Poder Judiciário, na pessoa da Ministra Rosa Weber e, por outro, o não menos importante esforço hercúleo dos tradutores e consultores indígenas, que são em realidade bons exemplos de não-linguistas¹¹, que com essa prática linguística possibilitam que mais pessoas, especialmente os povos originários não falantes do português e falantes do Nheengatu tenham acesso a

uma forma concreta de reafirmar o reconhecimento dado pela Constituição de 1988 aos direitos originários dos povos indígenas ao respeito e à preservação dos próprios valores, costumes, tradições, idiomas e tudo que representa a sua autodeterminação, sua organização social e seu modo de vida: seus direitos à igualdade e à diferença. (Ministra Rosa Weber, 2023.)

São Carlos, UFSCar, verão de 2023/2024. Organizadora/
es, revisora/res e tradutora/res

10 Disponível em [ConstituicaoNheengatu_WEB1.pdf \(stf.jus.br\)](https://stf.jus.br)

11 Segundo a Agência Brasil a Constituição em Nheengatu foi feita por um grupo de 15 indígenas bilíngues da região do Alto Rio Negro e Médio Tapajós, em promoção ao marco da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032) das Nações Unidas. Essa matéria pode ser acessada na íntegra em Constituição brasileira é traduzida pela 1ª vez para língua indígena | Agência Brasil (ebc.com.br)

Prefácio à edição brasileira

Por Juliana Bertucci Barbosa¹²

Agradeço aos tradutores pela oportunidade de unir a minha escrita, na forma de prefácio, a deles (tradutores) e a da autora nesta obra que apresenta relevante discussão sobre a Linguística popular, as atitudes linguísticas, sobre sistematização de “julgamentos”/opiniões de falantes da variedade costarriquenha do espanhol e esquemas culturalmente compartilhados.

Como já apresentado pelos tradutores, a obra *O espanhol da Costa Rica segundo os ticos: um estudo de Linguística popular* foi escrita pela pesquisadora costarriquenha Carla Victória Jara Murillo e publicado em 2006 pela Editora da Universidade da Costa Rica. Configura-se como um importante estudo no campo da Linguística popular em interface com outras áreas da Linguística, como a Sociolinguística e a Análise do Discurso, e com outros campos de saberes como a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia, trazendo discussões sobre o que pensam os falantes não linguistas sobre uma determinada variedade linguística. Inicialmente, a obra resgata, sucintamente, discussões conceituais sobre a Linguística popular, sobre atitudes linguísticas e a psicologia popular e sobre o modelo cultural. Cabe destacar que, concordando com Niedzielski e Preston (2003), há um *continuum* entre o campo da Linguística popular e o das atitudes linguísticas. Tal *continuum* ainda carece de investigações que nos levem a compreender os significados e as avaliações sociais. Alhures (Labov já sinalizava essa necessidade) dos falantes não linguistas sobre sua própria língua e sobre o falar do outro, investigações, como a de Murillo, que identifica e sistematiza as reações mais conscientes discursivamente produzidas e explícitas pelos entrevistados participantes da pesquisa sobre o falar de uma dada comunidade (a sua própria comunidade). Como já apontava Labov (2008, p.21), os falantes podem atribuir avaliações

12 Docente pesquisadora na Universidade Federal do Triângulo Mineiro / UNESP-PPGLP-Araraquara / CNPq / CAPES / Comissão de Sociolinguística da Abralin / GT de Sociolinguística da ANPOLL e Pesquisadora do CNPq. E mail: julianabertucci@gmail.com

ou valorações sociais diferentes às diversas formas linguísticas de uma determinada língua, e isso pode ocorrer por opressões sociais e/ou culturais que agem constantemente sobre ela, “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” de uma língua, de uma comunidade (LABOV, 2008, p. 21).

Além desse objetivo, como afirma-se mais à frente nesta obra, o de “sistematizar as opiniões dos falantes sobre sua variedade linguística”, a autora ainda visa ao delineamento e à organização de esquemas culturalmente compartilhados presentes nas opiniões dos membros da comunidade em estudo. Assim, neste livro traduzido, como o próprio título já sinaliza - *O espanhol da Costa Rica segundo os ticos* (destaque meu) - apresenta-se a sistematização de opiniões dadas pelos “ticos”, ou especificamente, por um grupo de 930 pessoas de Costa Rica (de diferentes regiões) sobre sua própria língua, ao responderem a pergunta aberta “*O que você opina sobre o espanhol tal como é falado na Costa Rica?*”. Para o trabalho final de pesquisa, foram considerados 600 questionários, dos 930 inicialmente propostos.

Como se faz nas pesquisas sociolinguísticas (e outras), houve rigor teórico-metodológico, coletando-se informações sobre o perfil social dos entrevistados: a idade, o local de nascimento e o local de residência em Costa Rica. Ademais, as respostas foram analisadas considerando-se os julgamentos/opiniões dadas em relação ao “vocabulário”, “pronúncia”, “gramática”, “variação dialetal” e “influência estrangeira”.

Para identificar e determinar o modelo cultural que as respostas dos entrevistados refletia, Murillo analisou quatro operações discursivas: (a) a descrição: (quando há um enunciado não valorativo em que se descreve o espCR); (b) a valoração (quando num enunciado o entrevistado diz explicitamente se o espCR é bom, regular ou ruim); (c) a explicação (quando o falante produz um enunciado complementar à descrição ou à valoração, acrescentando as causas ou razões do julgamento explicitado) e (d) a prescrição (quando há uma menção explícita às ações corretivas sobre o falar do outro).

Dessa forma, a obra apresenta importantes reflexões sobre as marcas de julgamentos, indícios de pertencimento a determinado grupo,

traços de lealdade e insegurança linguística e discussões sobre os tipos de argumentos mobilizados pelos entrevistados, ou seja, pelos costarriquenhos de nascimento e residentes no país.

Por fim, por se tratar de uma tradução, não poderia deixar de comentar sobre ela. Diferentemente de uma “tradução juramentada”, as traduções técnicas, aqui de obras de uma dada área, não necessariamente precisam ser reconhecidos oficialmente, entretanto, promovem a ampliação de acesso ao conhecimento a quem possa interessar, incluindo pesquisadores de uma dada área, como a Linguística. Além disso, trata-se de uma obra publicada no âmbito de uma Associação, o que já traz, por si só, a “oficialização” da tradução. Acrescenta-se que esta tradução além de se mostrar essencial para várias áreas, incluindo a dos estudos linguísticos, apresenta escrita impecável e uma linguagem clara, objetiva e de compreensão acessível a vários grupos, não só ao acadêmico.

Termino este breve prefácio, desejando que essa publicação alcance e interesse não só aos pesquisadores acadêmicos, mas a todos aqueles que desejem compreender como por meio da/pela língua são realizados julgamentos (positivos e negativos) linguísticos, sociais e culturais. Desejo também que discussões como essas possam ser ampliadas e cheguem a diferentes espaços, como o escolar, que esse conteúdo tenha a função de multiplicar ações que visem ao respeito linguístico e o reconhecimento de várias normas linguísticas sejam em qual língua for e promova relações mais justas modificando positivamente condutas (pouco) sociais.

Referências bibliográficas:

- LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. Folk linguistics. Berlin: Mouton de Greuter, 2003.

Prefácio

Coloco este livro à disposição de educadoras, educadores, professores, estudantes, linguistas e público em geral como uma contribuição ao conhecimento sobre a nossa forma de pensar o espanhol tal como ele é falado na Costa Rica.

Não é um livro sobre as particularidades do espanhol costarricense como são descritas pelos linguistas. É um estudo sobre opiniões relativas ao falar da própria comunidade e, como tal, inscreve-se em um campo relativamente inexplorado da linguística, denominado “Linguística popular”.

Não é um livro notadamente crítico, mas sim descritivo. Trata-se de uma obra que recolhe as opiniões de 600 pessoas que tiveram a gentileza de expressar desinteressadamente suas opiniões sobre a nossa maneira de falar o espanhol. Entre elas há jovens, adultos e idosos das sete províncias da Costa Rica.

Frente à abundância de material, foi preciso escolher e circunscrever o estudo a algumas perguntas concretas, que permitiram apresentar as opiniões como um conjunto organizado de dados. Tais perguntas são:

- Os falantes fazem referência com maior frequência a quais aspectos da língua?
- Ao opinar sobre sua língua, os falantes entram o campo da prescrição, ou seja, fazem recomendações específicas sobre o que se deveria fazer com a nossa maneira de falar? E, se é assim, quais são essas recomendações?
- Ao opinar sobre sua língua, os falantes recorrem a quais esquemas explicativos básicos?

Os primeiros capítulos do livro, introduzem o tema e apresentam os fundamentos teórico-metodológicos, que foram aplicados na pesquisa.

O Capítulo 3 busca responder à primeira pergunta, determinando quais os níveis da língua emergem com maior frequência na representação mental que os falantes fazem dela.

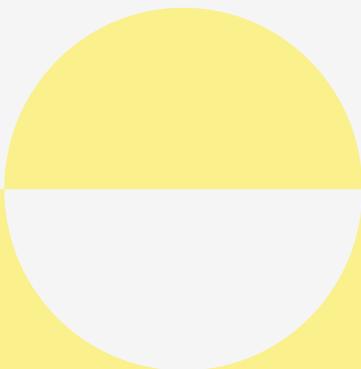
O Capítulo 4 trata da segunda pergunta e busca determinar se os falantes mostram um interesse prescritivo sobre língua.

No Capítulo 5, a terceira pergunta é abordada e nele são perquiridos os modelos culturais, refletidos nas opiniões sobre o espanhol da Costa Rica.

É um trabalho exploratório. Os leitores têm todo o direito de discordar das classificações propostas e verão que há uma infinidade de elementos que deveriam ser tratados e analisados de forma específica devido à importância que guardam para a nossa cultura linguística.

Em geral, o linguista ortodoxo não se interessa pelas opiniões populares sobre a linguagem; outros linguistas acreditam que é importante levar em consideração o que as pessoas comuns e sem formação em linguística pensam, porque todo falante é um especialista em sua língua, ainda que não o saiba; todo falante tem uma opinião sobre sua língua e o conjunto dessas opiniões nos permite desentranhar os modelos culturais que determinam nossa forma de falar, de pensar e – em última instância – de atuar e conviver em sociedade. O objetivo último deste trabalho é incentivar os costarriquenhos e demais interessados na exploração sobre o que sabem de nossa língua e a pensá-la linguisticamente.

Carla Victória Jara Murillo



Introdução

1

AB

1.1 Motivação do livro

O primeiro contato que tive com a expressão “Linguística popular ou *folk*” data dos meus primeiros passos na docência universitária, quando fui encarregada de ministrar o curso Introdução à Linguística I. Durante a preparação de uma classe que motivasse os estudantes ao estudo da linguagem humana, deparei-me com a seguinte explicação de A. Borst:

...apesar da aceitação do dom da linguagem articulada, alguns dos membros da maioria das culturas do mundo desenvolveram uma certa consciência sobre a extensão e o poder da linguagem. Essa autoconsciência linguística pode ter nascido por meio de contatos com falantes de outra língua, pela existência e reconhecimento de marcas dialetais dentro de uma comunidade linguística homogênea, ou por uma determinada orientação dessa curiosidade desinteressada, própria do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o rodeia. Dessas fontes surge a “Linguística popular”, espécie de especulação ou pronunciamento dogmático sobre a origem da linguagem, ou da própria língua e sobre a importância e o lugar que ela ocupa dentro da vida da comunidade. Pode ter nascido em forma de comentários pejorativos sobre os outros dialetos ou línguas; mas o certo é que muitas culturas possuem mitos etnológicos, que buscam descrever a origem da linguagem ou da língua oficial de seu povo. (Der Tumbau von Babel, Stuttgart, 1957, citado em Robins 1974, p. 13-4).

Comentando sobre as origens do pensamento orientado da atividade linguística do ser humano, Robins (1974) acrescenta:

Em algumas culturas (...) a curiosidade e a tomada de consciência do mundo que os rodeia converteram-se em ciência, ou seja, no estudo sistemático de uma determinada matéria (...). Entre as ciências que surgem dessa maneira, a linguística popular evoluiu em diferentes partes do mundo civilizado até ser convertida em ciência linguística.

No âmbito da linguística popular está localizado então, o conjunto de opiniões e formulações especulativas, pré-teóricas ou valorativas sobre a linguagem, que os membros de uma comunidade linguística fazem uso. Tal conhecimento popular está organizado no que vamos chamar neste trabalho de “modelos culturais” e contrasta com o conhecimento que se acumula da pesquisa científica sobre as línguas, a qual denominaremos “sistema especializado”.

A partir daquela primeira turma de alunos, tive a inquietude de recolher opiniões populares sobre a linguagem. Em 1999, apresentei o projeto “Linguística popular aplicada ao espanhol da Costa Rica” ao então recém-criado *Instituto de Investigaciones Lingüísticas* da Universidade da Costa Rica. O projeto foi aprovado pela vice-reitoria de pesquisa da Universidade da Costa Rica com o número 745-99-312 e sua duração foi de março de 1999 a dezembro de 2003. Durante esse período, vários estudantes colaboraram comigo aplicando um questionário sobre o espanhol da Costa Rica a várias pessoas de seu meio. Neste livro, é sistematizado e analisado esse conhecimento popular.

Por outro lado, em uma visita realizada em 1995 ao MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), pude perceber o papel central que os modelos de pensamento comum desempenham e a importância outorgada à pesquisa científica e tecnológica, isto é, as estratégias de organização do conhecimento utilizadas diariamente pelos seres humanos. Por exemplo, na descrição da área de pesquisa “*Learning in communities do Media Lab*”, está especificado: “Grande parte das nossas pesquisas coloca o foco na natureza social do pensamento, reconhecendo que a maneira como as pessoas pensam e aprendem é profundamente influenciada pelas comunidades e culturas nas quais e com as quais interagem”¹³.

13 Tradução do original em inglês nossa.

Em relação ao conceito de modelo cultural, seu papel é fundamental na pesquisa científica contemporânea: trata-se de modelos de pensamento cunhados socialmente pelos membros da comunidade em que vivemos (HOLLAND, QUINN, 1987). Esta foi convertida na noção central dos estudos interdisciplinares chamados “ciências cognitivas”, das quais nos interessam em particular a linguística, a psicologia e a antropologia cognitivas.

1.2 O que é linguística popular

A primeira proposta sistemática do campo específico denominado “Linguística popular” (*Folk linguistics*) aparece na apresentação do trabalho “*A Proposal for the Study of Folk-Linguistics*” de Henry Hoenigswald (1966). Neste trabalho, o pesquisador questiona a utilidade da realização de estudos sobre os juízos de valor dos membros de uma comunidade linguística em relação à sua própria conduta verbal para a linguística científica. A proposta de Hoenigswald consistia em que, na descrição geral de uma língua, fossem consideradas as opiniões dos falantes, já que tal informação permitiria uma melhor aproximação à variedade linguística em estudo.

Tradicionalmente, os estudos linguísticos excluíram os pronunciamentos dos falantes comuns sobre sua linguagem. A necessidade de distinguir os fatos da linguagem do que popularmente se diz sobre esses fatos levou a desconsiderar o estudo de tais opiniões populares. Enquanto isso, em outras áreas como a religião e a botânica, as crenças comuns foram consideradas dignas de estudo. Já o conhecimento popular sobre a linguagem não teve a mesma sorte.

O estudo sistemático de qualquer língua supõe várias etapas que incluem a elaboração de uma gramática e de um dicionário, a determinação dos dados tipológicos e genealogias da língua, a descrição da estrutura da comunidade linguística etc. O interesse de Hoenigswald em sua proposta era ampliar o âmbito da linguística tradicional para que ela abarcasse a pesquisa na área do pensamento popular sobre a linguagem. Nesse sentido, a Linguística popular estaria encarregada

de descrever aspectos como os atos de fala significativos para a comunidade em estudo. Seria apropriado pesquisar, por exemplo, quais são as características do diálogo, qual é a função da oratória e o monólogo, quais usos formalizados da linguagem existem: narrativa oral, sessões de piadas, de adivinhas, uso ritualístico de certas expressões. No caso de nosso estudo, poderíamos pensar em lexemas tais como: *hablar paja, comer gente, sermonear, echar una parla e outros*.

Além das diferenças que podem ser indicadas pelos falantes a respeito de outras falas, buscam-se reações relativas à estrutura interna da fala dentro da comunidade linguística. Pode-se esperar indicações a respeito das diferenças de idade, sexo, características específicas da variedade linguística etc. A reação pode ser explícita ou implícita. As manifestações implícitas não se manifestam por meio de um questionário como o que foi utilizado nesta pesquisa e, portanto, ficam fora do alcance deste estudo. Trabalhou-se com as reações explícitas e frequentes minuciosamente elaboradas pelos falantes com base em um sistema de opiniões culturalmente compartilhadas ou “modelos culturais”, conceito que já mencionei e o qual definirei mais adiante.

Isso nos leva a estabelecer um aspecto além da descrição desse sistema de opiniões: se é correto dizer que os ideais de correção e aceitabilidade existem, até que ponto as atividades corretivas (indicar erros, ridicularizar, insistir a partir de repetições, censurar etc.) se identificam com tais ideais? Ao mesmo tempo que pode ser difícil determinar o peso designado às características da fala em relação à aceitação de indivíduos por parte do grupo, é relativamente fácil observar a quais ideais a comunidade aspira. Vários aspectos relacionados a esse tema serão vistos no Capítulo 3, que versa sobre a prescrição.

Em termos gerais, a proposta de Hoenigswald pode ser resumida da seguinte forma: a linguística deve ter interesse não só pelo “o que é que ocorre com a linguagem”, mas também por “como as pessoas regem diante do que ocorre com a linguagem” e pelo “o que é que as pessoas dizem que ocorre com a linguagem”.

1.3 Os preconceitos linguísticos

De acordo com Hudson (1981), os juízos baseados na fala são geralmente julgamentos avaliativos e, a partir desse ponto de vista, é válido denominar tais julgamentos como “preconceitos linguísticos”. Embora os preconceitos linguísticos provoquem uma grande quantidade de problemas sociais, como a estigmatização e a marginalização, por sua vez, são de certa forma úteis porque constituem um elemento essencial da interação social. As pessoas avaliam os demais, favorável ou desfavoravelmente, com base nas características da fala, de modo que, se um falante manifesta em sua fala uma característica altamente valorizada, será, conseqüentemente, muito valorizado e vice-versa.

Em relação aos valores associados à fala, ocorre que a linguagem costuma ser empregada como símbolo de pertencimento a um determinado grupo e, a forma com que se avaliam as características da fala depende dos valores do grupo de pertencimento. Isso porque compartilhamos modelos culturais e esse fato é o que nos caracteriza como membros de um grupo ou cultura; a visão individual depende da visão do grupo. O fato de que as pessoas se sintam membros de uma determinada comunidade linguística incide na questão dos preconceitos linguísticos. São comuns os que consideram que o seu grupo fala a melhor variedade da língua e, ainda que não seja assim em todos os casos, a “lealdade linguística”, como é denominada na sociolinguística, ou seja, a atitude positiva em relação à variedade própria, é uma forma *disponível* de articular a autoestima de um grupo, conforme aponta Hudson.

Por outro lado, os grupos podem perceber sua variedade linguística como inferior, o que, em oposição à lealdade, é denominado “insegurança linguística”. Hudson (1981) fornece a seguinte explicação do motivo da insegurança linguística:

Os membros de uma sociedade complexa pertencem a grupos de diferentes níveis: moradia, grupo de amigos, região ou cidade, “classe socioeconômica” e nação (...). Se existe conflito entre os valores de dois grupos, pode ser que os valores de um nível triunfem em detrimento dos valores do grupo menos poderoso

(...). Os valores aceitos pela comunidade majoritária serão os do grupo com mais poder nesta comunidade, haja vista que será este grupo o que controlará os canais de influência, como as escolas e os meios de comunicação.

O fenômeno das atitudes em relação à variedade linguística de uma comunidade está intimamente relacionado à Linguística popular. No capítulo seguinte, será abordada a relação entre os dois campos.

1.4 O estado da questão

A Linguística popular, tal qual é retomada da proposta de Hoenigswald, é um campo virgem dentro da área de estudo da linguística na Costa Rica e, até onde temos informação, na América Latina. Em um âmbito mais amplo, a partir da década de noventa, no contexto norte-americano, o campo se desenvolveu, em particular, graças aos trabalhos de Preston (2000) e Niedzielski e Preston (2003), os quais me referirei no Capítulo 2.

A pouca atenção que até então esse campo praticamente havia recebido é refletida, por exemplo, no fato de que, de uma dezena de dicionários de linguística consultados, somente um inclui uma entrada correspondente, a saber: *A Student's Dictionary of Language and Linguistics* de R.L. Trask (1997)¹⁴, no qual é definido assim:

Linguística popular (*Folk linguistics*): Especulação não fundamentada ou mitologia sobre a origem e a natureza da linguagem humana ou da própria língua ou sobre seu lugar nos assuntos humanos. O mito da Torre de Babel é um exemplo famoso.

Em todo caso, quando tradicionalmente se falava em linguística popular, a ênfase estava nas teorias populares sobre a origem da linguagem. Nesta pesquisa, em vez disso, centramos nossa atenção em outro aspecto da definição: as características de uma variedade linguística a partir da perspectiva da comunidade que a utiliza.

14 NT. A tradução brasileira deste dicionário foi feita por Rodolfo Ilari com o título de Dicionário de linguagem e linguística e publicada em sua primeira edição em 2003.

A Linguística popular compartilha objetivos com duas correntes consolidadas da linguística: a etnolinguística, que é o estudo das relações entre a língua e a cultura, e a sociolinguística, o estudo das relações entre língua e sociedade.

A etnolinguística, em particular Hymes (1962, 1972), aponta a importância de se levar em consideração as crenças e juízos de valor dos membros da comunidade para o estudo de sua competência linguística e comunicativa. Alguns estudos realizados na Costa Rica que seguem os postulados da etnolinguística e, em particular, da etnografia da fala desenvolvida por Hymes, são: Constenla (1982), Jara Murillo (1986), Rojas (1988) e Lininger (1990). Nenhum desses trabalhos, no entanto, relacionam-se com a área específica da linguística popular.

No que diz respeito à sociolinguística, um dos seus campos de estudo é sobre as atitudes linguísticas, o qual está intimamente relacionado à área da Linguística popular. No Capítulo 2, veremos como esses campos se diferenciam. Sobre as atitudes linguísticas propriamente ditas, foram realizados em nosso país vários trabalhos, como Arrieta, Jara e Pendones (1986), Pendones (1986), Umaña (1989 e 1990b), Quesada Pacheco (1987, 1990a e 1990b), Jaén (1991), Solano e Umaña (1994) e Herzfeld (1994).

No campo próprio da Linguística popular existe um antecedente importante: *Mitos del lenguaje: expertos y autoridades* (1996), do Dr. Jack Wilson Kilburn eminente linguista e professor da Escola de Filologia da Universidade da Costa Rica.

Essa obra, de certo modo, toca em meus objetivos, uma vez que reúne ideias populares pré-teóricas sobre a linguagem; porém, como indica o subtítulo da obra, o trabalho se refere às concepções de “especialistas e autoridades” que reivindicam o direito de determinar a correção e a incorreção dos usos da língua. Meus objetivos diferem dos de Wilson em dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, em meu trabalho, no material coletado e analisado não me interessa tanto pelas opiniões de indivíduos específicos, mas em seu conjunto, o que nos permite reconstruir modelos culturais cunhados socialmente por membros da comunidade costarriquenha; as “autoridades” poderiam ser incluídas, mas não constituem o objeto central do

estudo. Em segundo lugar, a minha pesquisa não pretende dar uma visão crítica das opiniões manifestadas, mas propõe uma descrição e sistematização delas, a fim de estabelecer regularidades que permitam falar de modelos partilhados e, portanto, identificadores de uma comunidade linguística.

1.5 EspCR em relação ao dialeto, à língua espanhola e ao espanhol da Costa Rica de acordo com o sistema especializado

Neste livro, tratamos do tema do espanhol da Costa Rica visto a partir da perspectiva de seus falantes, conceito que identificamos como espCR. Essa abreviatura deve ser lida como um símbolo que representa um objeto particular: a variedade do espanhol que segundo os ticos é falado na Costa Rica. Em outras palavras, trata-se de um conceito fundamentado na noção de nacionalidade costarriquenha. É importante frisar, contudo, que isso não significa que espCR seja concebido como um objeto completamente separado e diferente do que é denominado como “espanhol da Costa Rica” em qualquer outro âmbito; o que pretendo fazer é uma distinção metodológica para circunscrever meu objeto de estudo e compreender melhor seus alcances. Feita essa aclaração, proponho distinguir espCR de vários outros objetos:

- EspCR *versus* as múltiplas variedades dialetais presentes em todo o território nacional. Essas variedades regionais internas (por exemplo, *Valle Central*, *Guanacaste* etc.) não são o objeto de trabalho deste estudo, uma vez que utilizei como objeto um conceito geral, global que apela ao sentido de nacionalidade dos falantes.
- EspCR *versus* a língua espanhola em geral. Como se verá, muitos dos falantes que opinaram no estudo concebem o espanhol como uma língua ideal, original, pura, perfeita e invariável; um objeto ao qual se aspira e do qual espCR é uma variação ou, mais frequentemente, um desvio. É interessante apontar que vários se referem ao espanhol como “o Espanhol”, querendo indicar com a letra maiúscula, a sua superioridade.

● EspCR *versus* o espanhol da Costa Rica a partir da perspectiva do sistema especializado. Finalmente, deve-se compreender que este trabalho faz referência ao espanhol da Costa Rica segundo seus falantes e não ao espanhol da Costa Rica segundo os linguistas profissionais. A posição do linguista profissional em relação ao estudo do espanhol da Costa Rica é refletida nitidamente, por exemplo, na introdução do *Nuevo Diccionario de Costarriqueñismos* do Dr. Miguel Ángel Quesada Pacheco (1991, p.11):

A tradição filológica na América Hispânica esteve dominada durante muitas décadas pelo purismo e pelo academicismo. Os estudos da língua eram feitos com critérios normativos e com fins corretivos, de modo que gerava uma barreira entre o estudioso da língua e seu objeto de estudo; o fenômeno linguístico não era descrito nem explicado a partir de uma perspectiva científica. No desejo de enquadrar a língua dentro de categorias que estavam longe de refletir a realidade, foram inventados certos termos técnicos (língua correta, língua incorreta, barbarismos, solecismo, provincialismo etc.) e diversas marcas fonéticas, morfossintáticas e léxicas da língua espanhola eram aceitas – ou rejeitadas – em função de critérios objetivos e impressionistas.

Porém, atualmente, na Costa Rica, devido aos avanços da linguística como ciência da linguagem, a velha visão normativa e purista da tradição filológica hispânica passou para segundo plano e, são cada vez mais os estudiosos que, livres de juízos de valores, deram-se ao trabalho de analisar o espanhol falado na Costa Rica com critérios objetivos, fundamentados em teorias e métodos científicos.

Para se ter uma ideia da forma como os linguistas profissionais descrevem o espanhol da Costa Rica, tomemos como exemplo o *Pequeño Atlas Lingüístico de Costa Rica* (Quesada Pacheco, 1992). Nesse estudo, o autor define a situação dialetal da Costa Rica no marco da geografia linguística. O autor, por meio de um questionário aplicado em 37 comunidades de todo o país, estabelece cinco zonas dialetais: *Valle Central*, Zona Noroeste, Zona Atlântica, Zona Norte e Zona Sul. Ele também desenha 77 mapas linguísticos nos quais mostra a

distribuição geográfica de vários traços fonéticos e, majoritariamente, léxicos.

Em uma obra mais recente, Quesada Pacheco (1996) caracteriza o espanhol da América Central e faz referência a alguns dos traços do espanhol da Costa Rica, ou melhor dizendo, compartilhados com a região centro-americana.

Por exemplo, em relação à pronúncia, ele indica variações de timbre nas vogais átonas, em especial na fala rural (*dispertar, escribir, decir*); o ensurdecimento de vogais finais (*noch, puent por noche, puente*); a ocorrência de /e/ e /o/ finais como [i, u] (*demi estu por deme esto*); ditingação de hiatos com tônica na segunda vogal (*patiar, pior por patear, peor*); e assim sucessivamente. Em relação às consoantes vibrantes (“r”, “rr”) e os grupos (“tr” e “dr”), Quesada Pacheco afirma o seguinte:

Na Costa Rica, a consoante com vibração simples também é assibilada na posição final e absoluta, mas não na posição implosiva, neste caso, a ocorrência da vibração alterna com uma variante retroflexa: [komeɻ] *comer, pero* [bɣieɻnes] *viernes*, [paɻke] *parque*. A sibilância de /r/ está documentada na Costa Rica desde os princípios do século XX. Não obstante, esta foi estigmatizada nos últimos anos e as gerações jovens das cidades evitam seu uso, favorecendo assim a ocorrência retroflexa. (...)

O grupo /tr/ é sibilado até chegar a um som fricativo alveolar surdo na parte central da Costa Rica (...): [tɻes] *tres*, [ʔotɻo] *otro*. Na Costa Rica ocorre o mesmo com o grupo /dr/ depois de consoante, de onde surge um som fricativo alveolar sonoro: [aldɻeðeðoɻ] *alrededor*, [bendɻa] *vendrá*. Contudo, na Costa Rica, tal como ocorre com a sibilância surda da vibração simples, as variantes [tr] e [dr], documentadas desde o final do século XIX, foi estigmatizada nos últimos anos, de modo que as gerações mais jovens das cidades evitam sua pronúncia e sua ocorrência passa a ser dada como oclusiva + vibração simples, da mesma forma como no resto da América Central. Em relação à vibração múltipla, na Guatemala e na parte central da Costa Rica se sibila até chegar a um som que varia entre alveolar fricativo sonoro e retroflexo sonoro: [ˈkaɻ] *carro*, [ˈpeɻ] *perro*. Na Costa Rica figura como africada depois da pausa: [dɻeˈsaɻ] *rezar* (Idem, 1996, pp. 105-106).

O objetivo dessa extensa citação é mostrar ao leitor não linguista que o sistema especializado, ou seja, a linguística científica, utiliza uma terminologia técnica muito sofisticada para descrever as ocorrências da língua. Os sons, por exemplo, são transcritos por meio de um alfabeto fonético que permite estabelecer com alta precisão o som em questão. Como veremos mais adiante, o falante comum tem sua própria maneira de descrever o que ocorre com os sons vibrantes em uma grande parte da Costa Rica: “*arrastamos os erres*”, é o que dizem as pessoas. Um estudo de Linguística popular que entrasse em mais pormenores do que este trabalho pretende detalhar, poderia se interessar em indagar o motivo de os falantes descreverem essa característica do espanhol da Costa Rica com a expressão “arrastar os erres”.

Voltando à descrição de Quesada Pacheco, ele aponta que um dos traços mais notórios do espanhol da América Central é o uso de um sistema tridimensional de tratamento que inclui *vos, tú e usted*. Essas formas, salvo o uso normal do *usted* como forma de marcar distância e respeito, alternam para denotar solidariedade, afeto ou familiaridade, usos que se denominam respectivamente: *voseo, tuteo e ustedeo*. Referindo-se à Costa Rica, Quesada Pacheco indica que “registrou-se um aumento no emprego do *tú* nos últimos anos, em substituição ao tradicional *vos*” (Idem, 1996, p.107).

A respeito de outros fenômenos que veremos nas respostas dos nossos entrevistados, Quesada Pacheco menciona como um traço do sistema verbal, a personalização do verbo *haber*: *hubieron muchas personas* (Idem, idem, p. 110). Em relação à influência do inglês no vocabulário, o autor diz:

O espanhol centro-americano também não escapou da influência do inglês, o qual vêm de duas fontes principais. Por um lado, das línguas crioulas de base inglesa faladas em diversas partes do istmo, principalmente na costa atlântica; por outro lado, dos contatos comerciais e culturais com os Estados Unidos, hoje em dia, o país mais visitado pelos centro-americanos (Idem, idem, p. 113).

O autor mesmo aponta o deslocamento do sufixo *-ito* para *-ico* quando o radical termina em [t], como em *gatico, matica*. Esse é o fenômeno linguístico que dá origem ao apelido carinhoso *ticos*, com o qual

gostamos de nos autodenominar popularmente e dele vem o título deste livro. Historicamente, resultou da aférese de *hermaníticos*, maneira com a qual os nossos antepassados do século XIX descreviam a si mesmos (QUESADA PACHECO, 1995, p. 153-156). Vale a pena acrescentar aqui que Gagini, em seu *Diccionario de Costarriqueñismos* (1989/1919) define o termo tico da seguinte forma: “Nome com o qual os nicaraguenses designam os habitantes da C.R. por serem muito suscetíveis a usar diminutivos como *hermanítico*, *hijítico* etc. (...)”.

As referências a trabalhos do linguista Quesada Pacheco servirão ao leitor para comparar a percepção do falante comum sobre aspectos representativos do espanhol que, nós, *ticos*, falamos em relação ao tratamento da língua no marco do sistema especializado.

No capítulo seguinte, no qual traçarei os delineamentos teóricos em que este trabalho se apoia, terei mais a acrescentar sobre a relação entre esses dois enfoques das ocorrências da língua: o enfoque da linguística popular, correspondente ao falante comum ou leigo e o enfoque da linguística científica, correspondente ao linguista profissional.



Perspectiva teórica e metodologia

2

AB

2.1 Introdução

Esta pesquisa se apoia em uma série de noções teóricas que são explicadas neste capítulo.

Em primeiro lugar, é necessário delimitar, dentro da área da linguística geral, o conceito de Linguística popular em relação à linguística científica (sistema especializado) e seus respectivos objetos de estudo. No âmbito do popular, também devemos distinguir entre objeto estudado pela Linguística popular e objeto de estudo das atitudes linguísticas. Trataremos desse tema na seção 2.2.

Em segundo lugar, é preciso situar o conceito de Linguística popular em um marco mais amplo. Uma teoria popular da linguagem deve ser parte do conceito geral da teoria popular: o que é uma teoria popular? Buscaremos a resposta a essa pergunta no campo da psicologia cognitiva, na seção 2.3.

Em terceiro lugar, é necessário estabelecer em detalhes o conceito de modelo cultural, haja vista que esta pesquisa busca determinar quais são os modelos culturais sobre o espanhol da Costa Rica que emergem da opinião de seus falantes. Na seção 2.5, caracterizaremos o conceito de modelo cultural dentro do campo da antropologia cognitiva.

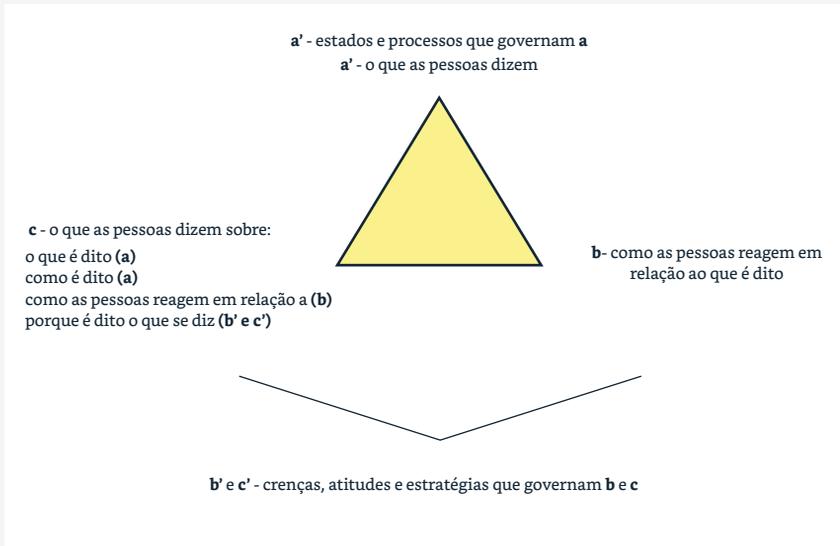
Ao fim do capítulo, são apresentadas as posturas metodológicas que foram seguidas na organização dos dados.

2.2 Linguística popular, atitudes linguísticas e sistema especializado

Um trabalho extremamente útil para compreender as relações entre a linguística como ciência (o sistema especializado), o estudo das atitudes linguísticas (como parte da sociolinguística) e a Linguística popular tal como é concebida aqui, é o livro *Folk Linguistics* (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003). Os autores, considerando a proposta de Hoenigswald (1966), apontam três áreas que concernem ao estudo da linguagem:

- a) o que ocorre com a linguagem;
- b) como as pessoas reagem ao que ocorre com a linguagem;
- c) o que as pessoas falam sobre todo esse fenômeno.

De acordo com essas três áreas de interesse propostas por Hoenigswald, os autores desenham o seguinte triângulo de relações (adaptado de NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. 26, figura 1.4):



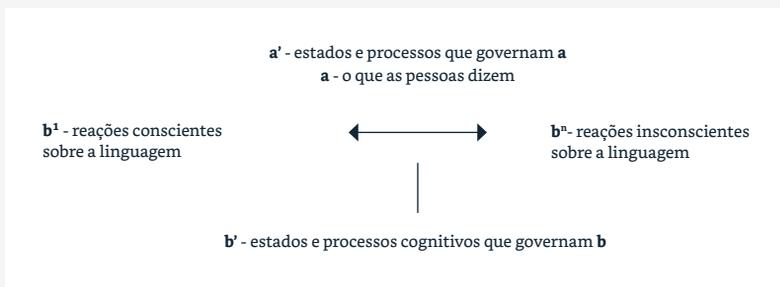
Com a figura anterior, pretende-se mostrar que o estudo da linguagem pode ser realizado a partir de três perspectivas:

A primeira - **a** na figura – corresponde ao sistema especializado; ou seja, a linguística científica encarrega-se de estudar os estados e processos que regem o que as pessoas dizem, sendo “o que as pessoas dizem” a linguagem como tal. A segunda – **b** na figura - corresponde ao campo de estudo das atitudes linguísticas: como as pessoas sentem e percebem o que é dito. Finalmente, o **c** corresponde ao campo próprio da linguística popular: o que as pessoas pensam a respeito do que é dito.

Segundo afirmam os autores,

Os informes correspondentes a **c** [ou seja, as opiniões das pessoas comuns] raramente são puros, haja vista que (...) muito do que se diz em **c** está influenciado por **b** [as atitudes] ou pelos estereótipos dos comunicadores ou pelas funções comunicativas. Essa impureza, no entanto, é parte da sabedoria e do raciocínio popular que pretendemos descobrir [por meio dos estudos da linguística popular]” (NIEDZIELSKY; PRESTON, 2003, p. 30).

O enfoque anterior havia sido apresentado por Niedzielski e Preston na edição de capa dura de sua obra *Folk Linguistics*, que foi a primeira editada no ano 2000. Para a edição de capa simples (sempre a primeira edição), os autores revisaram, em um prefácio especial para essa publicação, as relações entre os três campos. A modificação é significativa, como se verá pela mudança de perspectiva a respeito da relação entre atitudes linguísticas e Linguística popular. Enquanto, na primeira proposta **b** e **c** eram concebidos como campos separados, na reformulação das relações, **b** e **c** são concebidos como um continuum de reações, de mais conscientes a mais inconscientes. Uma percepção, sem dúvida, mais adequada dos processos mentais envolvidos nas reações das pessoas relativa à sua conduta verbal. Os autores propõem a seguinte versão modificada da figura (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. xi, figura 2):



Desse modo, concluímos, seguindo Niedzielski e Preston, que o campo da Linguística popular (**b¹**) e o das atitudes linguísticas (**bⁿ**) constituem um *continuum* e atribuímos ao campo específico da Linguística popular as reações mais conscientes discursivamente elaboradas e explícitas dos falantes sobre a conduta verbal de sua comunidade, tal como foram coletadas por meio da entrevista desenhada e administrada para esta pesquisa.

Em relação ao estudo dos campos **a** e **b¹**, está claro que é necessário distinguir os estudos que se enquadram no campo correspondente ao sistema especializado (estudo de **a**), dos estudos que se enquadram na Linguística popular (estudo de **b¹**). Na seção 1.5, vimos um exemplo de como são considerados os fatos do espanhol da Costa Rica a partir da perspectiva do sistema especializado, nos trabalhos de Quesada Pacheco.

Outros estudos linguísticos fundamentais sobre o espanhol da Costa Rica são os programas de pesquisa *Estudios de Lexicografía Hispanico-Costarricense* ELEXHICfIS, dirigidos por Victor Manuel Sánchez Corrales, e *Estudio del Habla Culta Costarricense*, iniciado por Yamileth Solano, ambos auspiciados pela Universidade da Costa Rica. Há uma grande quantidade de pesquisas de outros linguistas profissionais sobre as variedades linguísticas presentes na Costa Rica. Trata-se de um conjunto de descrições e análises de características linguísticas feitas com as diversas metodologias da linguística, tais como Ross (1977), Sanchez (1985, 1986), Solano (1986, 1989, 1991), Umaña (1990a), Calvo (1990, 1995, 1996, 1997) e Murillo (2000), para citar apenas alguns trabalhos.

Na presente pesquisa, conforme já enunciamos, o objeto de estudo não são os traços objetivos da fala costarrriquenha, mas os traços que, segundo os seus falantes, descrevem o espanhol costarrriquenho. A título de exemplo, em um dos questionários coletados, encontramos esta caracterização:

Na Costa Rica não se fala bem o espanhol porque:

- a) conjugamos mal os verbos: hubieron no lugar de hubo;*
- b) temos uma pronúncia ruim: arrastamos os erres;*
- c) não fazemos pausas ao falar;*
- d) não respiramos bem;*
- e) usamos anglicismos;*

Nos capítulos seguintes, veremos emergir recorrentemente essas e outras formas de descrição popular dos traços do espanhol da Costa Rica segundo os ticos.

2.3 A psicologia popular

Para determinar em que consiste uma teoria popular, convém coletar sua caracterização dentro do contexto amplo das ciências cognitivas e, em particular, da psicologia cognitiva. Em uma conferência sobre psicologia popular (*Folk psychology*) realizada na Universidade da Carolina do Norte em Greensboro em 1988, discutiu-se amplamente sobre esse conceito e sua relação com a psicologia científica. Em particular, pretendia-se determinar se a tradicional teoria popular sobre a conduta seria falsa ou verdadeira à luz dos recentes avanços das ciências cognitivas e da neurociência. O resultado dessa conferência é o volume *The future of folk psychology. Intentionality and cognitive science*, editado por J.D. Greenwood (1991).

Em termos bastante gerais, entende-se por uma teoria popular do comportamento “o esquema conceitual que utilizamos cotidianamente para dar conta de nossas ações e as dos demais em termos de crenças, desejos, emoções e motivos” (GREENWOOD, 1991, p 1). A

respeito do estudo de uma teoria por parte da psicologia tradicional, Greenwood frisa:

Apesar da impressão criada por muitos críticos recentes da psicologia popular, seu tratamento sério como uma forma de teoria explicativa causal por parte de filósofos e psicólogos é um fenômeno relativamente novo. Por muitos anos, a filosofia da mente teve pouco a dizer sobre os estados psicológicos intencionais tais como crenças, desejos, emoções e motivos. (Idem, idem, ibidem).

Em termos gerais, a crítica que se faz à teoria popular é que “as explicações psicológicas *Folk* são (...) em geral, inexatas ou inferiores às explicações teóricas alternativas da conduta humana que se baseiam nos processos neurofisiológicos” (Idem, idem, p. 5).

Contudo, são muitos os estudiosos nesse campo que defendem a capacidade explicativa de uma teoria popular. Tal capacidade é baseada na discussão sobre se os estados psicológicos intencionais (crenças, desejos, emoções e motivos) se articulam linguisticamente como conjuntos de proposições, isto é, se são estados psicológicos com conteúdo proposicional. Para os críticos da teoria popular, se não o são, a teoria popular não deve ser considerada uma teoria.

De acordo com Dennett (1991), se o conjunto de princípios explicativos e preditivos que as pessoas comuns utilizam não se articula como um conjunto de proposições, essa seria uma boa razão para não o chamar de uma “teoria”. Por essa razão, para o autor, a psicologia popular é “uma fonte extraordinariamente poderosa de predição [da conduta humana]” (Idem, idem, p. 133), contudo não é uma teoria, mas sim uma “destreza” (*craft*). Ele afirma que o êxito da psicologia popular como habilidade explicativa pode ser melhor entendida se as crenças e desejos são considerados de maneira instrumental, isto é, “mais como centros de gravidade que como estados concretos e individualizados de um mecanismo”.

Outros não questionam a existência da teoria popular. Ela é assim definida por Churchland (1991, p. 51): como “um marco de conceitos que, de maneira geral, é adequado às necessidades da vida cotidiana, com o qual o ser humano comum compreende, explica, prediz e manipula um conjunto determinado de fenômenos”.

Deixando de lado a discussão sobre se a psicologia popular pode ser considerada uma teoria ou não, neste trabalho, assumimos a existência de uma teoria popular sobre o espanhol da Costa Rica, a qual consiste em um modelo explicativo formado por conceitos que se baseiam em opiniões, as quais se articulam como um corpo de proposições e que serve para dar conta de um conjunto de conhecimentos, por exemplo, o espanhol da Costa Rica.

Churchland (1991) argumenta que os conceitos da psicologia popular se dividem em duas classes: os conceitos plenamente intencionais que expressam atitudes proposicionais, tais como crenças e desejos, e os conceitos não intencionais ou quase intencionais, que expressam todos os demais estados mentais, como dor, medo, angústia, fome, em geral, emoções e sensações físicas. A matéria de estudo das atitudes linguísticas seria parte dos conceitos não intencionais (ver 2.2). Interessa-nos essa distinção tendo em vista caracterizar as crenças que conformam nossa Linguística popular como “conceitos intencionais que expressam atitudes proposicionais” (do tipo “eu acho *p*”).

Contudo, o mesmo autor argumenta que nosso conhecimento não é “tão linguístico como o assumimos cronicamente”, e sugere um enfoque alternativo baseado na noção de “protótipo”. A ideia é que, tal como sucede com as teorias científicas, seria problemático estabelecer as teorias populares como conjuntos de proposições, em outros termos, a psicologia popular enfrenta o problema de formular generalizações universais. Uma alternativa às generalizações universais é a noção de “protótipo”:

...os protótipos têm certas vantagens óbvias em comparação com as generalizações universais (...) um único protótipo complexo pode levar ao mesmo tipo de organização de traços correntes que aparece em uma longa lista de generalizações complexas (...). Nem todos os objetos *F* vão requerer ser *G*, mas os padrões ou normais o são, e os não regulares devem estar em uma relação de semelhança relevante com os objetos que são propriamente *G*. (CHURCHLAND, 1991, p. 62)

A ideia dos protótipos surgiu como o furor de diversos campos cognitivos: foram chamados “paradigmas” na filosofia da ciência (KUHN, 1962), “estereótipos” na semântica (PUTNAM, 1975), “marcos”

(MINSKY, 1981) e “roteiros” (SCHANK; ABELSON, 1977) na inteligência artificial, e finalmente “protótipos” na psicologia (ROSCH, 1981) e na linguística (LAKOFF, 1987).

A lista de conceitos análogos que se encontra na bibliografia vai além, incluindo também o “modelo cultural” (HOLLAND; QUINN, 1987), no qual se baseia este estudo, e as “estruturas de expectativas” (TANNEN, 1993). Nem todos esses conceitos trazem a mesma definição, mas todos apontam para um mesmo objetivo: são modelos que foram propostos para explicar a representação do conhecimento. Encontramos uma descrição acessível de vários deles em Brown; Yule (1983): os marcos de Minsky, os roteiros de Schank, os cenários de Sanford e Garrod, os esquemas de Van Dijk e os modelos mentais de Johnson-Laird.

Horgan e Woodward (1991) também defendem a psicologia popular como uma teoria explicativa e viável e a definem como:

...uma rede de princípios que constitui uma espécie de teoria do sentido comum sobre como explicar a conduta humana. Esses princípios atribuem um papel central a certas atitudes proposicionais, particularmente, as crenças e os desejos. (...) está profundamente imbricada em nossa concepção, baseada no sentido comum, de nós mesmos como pessoas. Independentemente do que seja uma pessoa para além disso, supõem-se que a pessoa é um agente racional (ou ao menos em alto nível racional), isto é, uma criatura cujo comportamento é sistematicamente causado por e explicado com base em suas crenças, desejos e demais atitudes proposicionais relacionadas (Idem, idem, p. 147).

Mais adiante acrescentam:

O usuário típico da psicologia popular está interessado em aplicar uma teoria pré-existente ao formular juízos de valores causais específicos sobre instâncias particulares da conduta humana, não em formular cada vez novas generalizações causais. O usuário é um consumidor de generalizações causais, não um inventor delas (Idem, idem, p. 153).

A discussão sobre se a psicologia popular é ou não é uma teoria continuará. Dúvidas, lacunas e preocupações semelhantes também recaem em relação ao conceito de linguística popular. Contudo, não

buscamos resolver aqui a natureza de uma teoria popular, ao contrário, damos por certo a sua existência tendo como apoio um conjunto de indivíduos que convivem em uma comunidade relativamente identificável como tal, a sociedade costarriquenha. Esse conjunto de opiniões conformam um subsistema dentro do aparato cultural/ideológico que os membros da comunidade utilizam para emitir juízos sobre sua própria conduta verbal e de sua comunidade. Tentaremos, nesta obra, determinar as características desse subsistema.

2.4 O modelo cultural

Embora a incursão no campo da psicologia cognitiva tenha nos servido para determinar que a teoria popular é um sistema conceitual explicativo baseado em um conjunto de opiniões populares, agora devemos adentrar o campo da antropologia cognitiva para ancorar o conceito de teoria popular da língua em um cenário mais amplo, o da cultura.

De acordo com a antropologia cognitiva, o conhecimento cultural é definido como as pressuposições compartilhadas pelos membros de um grupo sobre o mundo que o rodeia, organizadas em sequências de eventos prototípicos, esquemas que são denominados nessa corrente de “modelos culturais”¹⁵.

O desenvolvimento da antropologia cognitiva, como no caso da psicologia popular, tem uma história que convém ser traçada brevemente. A discussão sobre o conhecimento *folk* ou popular a partir de uma perspectiva interdisciplinar que incluía linguistas, psicólogos e antropólogos se consolida a partir do simpósio “*Folk theories in everyday cognition*”, promovido pela *American Anthropological Association* em 1981. Mais adiante, ocorreu a conferência sobre modelos culturais (*folk models*) que possui resultados reunidos no volume *Cultural Models in Language and Thought* (HOLLAND; QUINN, 1987).

15 Em relação à terminologia utilizada, vale a pena esclarecer que a antropologia cognitiva preferiu modificar a denominação inicial de folk model pela de cultural model. Em espanhol, preferi traduzir folk por popular no lugar de fazer uso do empréstimo do inglês, que aparece por exemplo como folclor. Não acredito que seja necessário falar de “linguística folk” nem de “teoria folk da linguagem”. Sendo assim, utilizo “linguística popular” e “teoria popular da linguagem”, ainda que eu conserve a denominação “modelo cultural”, tal qual cunhada pela antropologia cognitiva. Também não seria adequado falar em “linguística cultural”, que remeteria a um outro ramo da linguística. Da mesma forma, não seria adequado falar em “teoria cultural da linguagem”, de viés mais antropológico.

Essas autoras definem os modelos culturais como:

Dá-se por pressuposto e tido como certo que existem modelos de mundo que são amplamente compartilhados (embora não necessariamente com a exclusão de outros modelos alternativos) por membros de uma sociedade que exercem um enorme papel no entendimento de mundo e do comportamento das pessoas nele. (Idem, idem, p. 4)

Segundo as descobertas da antropologia cognitiva, os modelos culturais são responsáveis pelo comportamento dos membros de uma cultura; são invocados para persuadir e são utilizados para organizar a própria experiência interior. O modelo cultural ganha força porque é identificado com o conhecimento especializado e a sabedoria cultural do grupo em geral, independentemente de que existam outros sistemas explicativos igualmente especializados e, mais ainda, sistemas contraditórios, mas igualmente razoáveis.

Por exemplo, o conhecimento especializado sobre a língua que os falantes reconhecem majoritariamente é o das “autoridades” tais como Jack Wilson (1996) resenha em sua obra *Mitos del Lenguaje. Expertos y autoridades*. Os representantes desse conhecimento especializado são estudiosos (e não necessariamente acadêmicos) normativistas que acreditam em um ideal de língua, uma língua invariável e pura à qual os falantes devem aspirar. Por outro lado, o sistema especializado dos linguistas profissionais é praticamente desconhecido pelos falantes, a menos que tenham tido a oportunidade de entrar em contato com ele por meio do ensino superior, por exemplo. Esses dois sistemas de conhecimento especializado estão em evidente conflito (ver seção 4.2), mas o dos normativistas é mais visível para a comunidade, pois aparece nos meios de comunicação por meio de colunas no jornal ou programas de televisão dedicados à “depuração” do idioma. Como veremos, ambos os modelos emergem nas respostas dos entrevistados.

Deve-se levar em consideração que os modelos culturais não funcionam necessariamente como ontologias coerentes ou conjuntos globalmente consistentes, mas sim como recursos ou ferramentas, utilizáveis quando são úteis e prescindíveis quando não o são. Não se trata de um sistema de conhecimento cultural altamente organizado, mas de um conjunto de esquematizações culturalmente compartilhadas

que se formulam ou são invocadas para realizar tarefas cognitivas particulares e isso explica a coexistência de modelos culturais em conflitos nos distintos domínios da experiência (HOLLAND; QUINN, 1987).

De acordo com Holland e Quinn, os modelos, como compreensão cultural do mundo, determinam as formas de pensar e de atuar dos membros de uma cultura. Isso se reflete no fato de que aceitamos como a forma de vida típica e normal aquela que é legitimada a partir da vida de nossos semelhantes. À nossa volta encontramos a confirmação de nossas próprias vidas, pelas crenças e ações dos outros. Os modelos culturais que têm validade para nós como indivíduos, frequentemente, são os modelos historicamente dominantes e vigentes em determinado momento.

Os modelos culturais possuem “força diretiva”, a qual é percebida pelos indivíduos como a necessidade ou a obrigação de atuar de uma determinada maneira. A força diretiva de um modelo acolhido pela comunidade, determina a maneira como os seus membros opinam sobre si mesmos e sobre os assuntos de seu meio. O modelo, então, define as condições que queremos em nossa vida e fora dela. Independentemente de quais sejam essas condições em cada cultura em particular. O modelo se converte em uma fonte de orientação e direção do sistema geral.

A força diretiva potencial dos modelos culturais está associada com a sua força ideológica e com seu uso como instrumento na instauração da hegemonia ideológica. A vida social depende da correspondência do que é socialmente requerido e o que é individualmente desejado. Para que as ideologias tenham êxito, elas devem invocar e ativar modelos culturais preexistentes, os quais, por sua vez, devem ser atraídos. As ideias sobre o que é bom, mau, conveniente ou necessário estão dadas inevitavelmente pelo modelo cultural particular de cada grupo humano.

A concepção de modelo cultural na qual se baseia esta pesquisa parte dessas linhas gerais propostas por Quinn e Holland. Além disso, convém percorrer outros elementos indicados por Roger Keesing (1987) expostos à continuação. O modelo cultural se fundamenta no conceito de “teoria ideacional da cultura”, isto é:

uma teoria que concebe o conhecimento cultural como algo distribuído dentro de um sistema social, que leva em consideração a variação entre o conhecimento dos indivíduos sobre sua herança cultural e seus pontos de vantagens e que também examina o conhecimento cultural como um sistema que molda e constrange, mas que não gera diretamente o comportamento social (Idem, idem, p. 371).

Como já vimos no campo da psicologia popular, o modelo cultural constitui um paradigma, um marco de interpretação, e não um conjunto de regras e rotinas que os nativos de uma cultura seguiriam automaticamente como propunha a antropologia tradicional. Segundo Keesing (1987), os modelos antropológicos tradicionais:

...eram estéreis, porque, como mapeamentos preliminares que os seres humanos conhecem sobre seu mundo, não se situava em um paradigma adequado e multilateral que explicaria como se articula nosso conhecimento com os mundos sociais que criamos conjuntamente (e os quais, dialeticamente, cria-nos e criam nosso conhecimento). (Idem, idem, p. 372).

45

Essa ideia enfatiza a flexibilidade característica dos modelos culturais. Além disso, o modelo supõe uma perspectiva cognitiva de cultura. A tradição cultural é vista como externa e transcendente. Os modelos culturais são, por um lado, públicos enquanto conhecimento historicamente acumulado e cunhado na linguagem; e, por outro lado, são cognitivos, tanto que são paradigmas que os indivíduos utilizam para interpretar o mundo (Idem, idem, p. 372-373).

A antropologia cognitiva acolhe, como no caso da psicologia popular, a noção de protótipos no conceito de modelo cultural:

Esses modelos de mundo, como são percebidos por nós, estão construídos sobre a base de relações de protótipos em variadas maneiras, fato que promete fazer da prototipicidade, conjuntamente com a metáfora convencional, um princípio organizativo essencial. (Idem, idem, p. 373).

Keesing discute duas dimensões básicas do modelo cultural: seu caráter compartilhado, isto é, como construção popular, e seu caráter de

“modelo”. Em relação ao primeiro, o modelo cultural está localizado no domínio do sentido comum culturalmente construído e serve a propósitos pragmáticos: “...eles explicam o tangível, o experimental (...), o provável; assumem uma geologia superficial da causa; flutuam em um domínio no qual as exceções provam as regras e as contradições convivem em feliz harmonia.” (Idem, idem, p. 374).

Com respeito ao segundo caráter, Keesing questiona: O que faz com que essas construções culturais sejam “modelos”? Sua resposta é que elas não consistem em pequenas peças desconectadas da sabedoria popular.

Tais modelos (...) não nos são apresentados no que as pessoas ordinárias dizem e fazem em suas vidas cotidianas, nem na matéria de fala metafórica, mas sim, são representados em facetas superficiais fragmentárias. Devemos inferir os modelos mais coerentes, embora desarticulados, ao menos que subjazem as facetas referidas (Idem, idem, ibidem).

Isso quer dizer que os modelos culturais são subjacentes, ou seja, construções que devem ser inferidas a partir de um *corpus* fragmentário.

Portanto, os modelos culturais devem ser considerados ao mesmo tempo como construções coletivas e como modelos mentais dos indivíduos, haja vista que o que interessa estudar é como os indivíduos conhecem e utilizam os modelos que partilham, ao menos particularmente com os demais membros da comunidade.

Keesing aponta o seguinte sobre a relação entre os modelos culturais e a teoria cognitiva:

Meu ponto é que uma teoria cognitiva dos modelos populares, enquanto sentido comum culturalmente construído, poderia considerar esses modelos não como representações da organização cognitiva, mas como representações de um conjunto de estratégias operativas para o uso eficiente do conhecimento cultural do mundo; eles incluem conjuntos de abreviaturas, idealizações e paradigmas simplificados que funcionam bem para o efeito, mas não necessitam encaixar perfeitamente e sem contradições nos sistemas globais do conhecimento coerente. (Idem, idem, p.380).

Já Quinn e Holland (1987) afirmam que é precisamente devido ao poder simplificador dos modelos culturais, que codificam o proeminente

ou prototípico, é que os seres humanos são capazes de conhecer e interpretar a grande quantidade de informação natural e sociocultural ao seu redor.

Por último, Keesing tece a advertência de não cair na tentação de encontrar modelos culturais demasiadamente organizados ou simétricos. Em suas palavras:

Nós também devemos ter o cuidado, em nossa busca por modelos culturais, de (...) criar mais modelos globais e coerentes que nossos sujeitos [de estudo] de fato reconhecem. Modelos culturais devem, por sua natureza, ter uma qualidade *ad hoc* parcial e situacional, uma falta de sistematicidade global. (KEESING, 1987, p. 383).

Com relação a essa preocupação, é necessário lembrar que o objetivo deste trabalho é sistematizar as opiniões dos falantes sobre sua variedade linguística. Deve-se reconhecer também que a pesquisa acadêmica aponta precisamente para esse objetivo: sistematizar o que aparece (ou parece) não sistematizado na realidade, a fim de melhor compreender a forma com que operam os mecanismos do conhecimento humano. Por isso, é necessário acrescentar às palavras de Keesing que, apesar do *corpus* fragmentário e do quão caóticas que podem parecer essas esquematizações culturais, os dados frequentemente permitem sistematizar e delinear esquemas culturalmente compartilhados, esquemas que se baseiam na prototipicidade dos conceitos expressados pelos membros da comunidade em estudo. Em síntese, em relação à questão - tanto da psicologia cognitiva quanto da antropologia cognitiva - se é possível uma sistematização do conhecimento popular, esta pesquisa pretende dar uma resposta afirmativa.

2.5 Metodologia

Um grupo de 93 estudantes universitários colaborou neste projeto durante os anos de 1995, 1998 e 1999, coletando um total de 930 questionários. A pesquisa registra a idade, o local de nascimento e o local de residência dos entrevistados. A questão aberta que foi formulada para a coleta das opiniões dos falantes é a seguinte:

O que você opina sobre o espanhol tal como é falado na Costa Rica?

De acordo com uma série de filtros que considere conveniente de serem aplicados, o número total de entrevistas consideradas foi de 600. Os filtros aplicados se referem a: entrevistas que não oferecem respostas discursivas (por exemplo, aquelas com respostas monoverbais como “bem”, “mal” etc.), e entrevistas respondidas por pessoas nascidas no exterior, estudantes dos cursos e pessoas menores de 14 anos.

Em uma inspeção preliminar das respostas, foram determinados dois tipos de informações que convém organizar e analisar separadamente: por um lado, os dados permitiram estabelecer os elementos da língua que conformam a representação mental que os entrevistados, doravante identificados como F (falantes), fazem do espCR. Com isto refiro-me a quais são os aspectos que são mencionados com mais frequência nas opiniões e, portanto, constituem os elementos proeminentes do espCR na consciência de F. De acordo com essa primeira observação, as respostas foram segmentadas segundo as referências que foram feitas a aspectos específicos do espCR; essas referências foram classificadas em cinco áreas gerais: “vocabulário”, “pronúncia”, “gramática”, “variação dialetal” e “influência estrangeira”. Cada uma delas constitui um campo de informação na base de dados desenhada para sistematizar a informação (a descrição detalhada das áreas pode ser vista no Capítulo 3).

Por outro lado, era necessário observar a resposta como um todo para determinar o modelo cultural que ela refletia. Nesta segunda observação, percebeu-se que, ao formular opiniões sobre sua língua, os falantes elaboram uma resposta na qual se podem reconhecer diversas operações discursivas. As quatro operações discursivas que se reconhecem são as seguintes:

- **Descrição:** um enunciado não valorativo em que se descreve o espCR de maneira geral ou se mencionam traços particulares que o caracterizam.
- **Valoração:** um enunciado em que o entrevistado diz explicitamente se o espCR é bom, regular ou ruim.
- **Explicação:** um enunciado complementar à descrição ou

à valoração no qual as causas ou razões do juízo anterior são explicitadas.

- **Prescrição:** uma menção explícita às ações corretivas que, segundo o entrevistado, deveriam ser realizadas no que diz respeito ao espCR.

Da mesma forma como foi feito com as áreas de referência a aspectos específicos, as quatro operações discursivas foram estabelecidas como campos de informação na base de dados.

Uma vez iniciado o trabalho com as operações discursivas, foi determinado que as opiniões de F não poderiam ser tratadas como reflexo de um único modelo cultural, pelo contrário, refletiam vários modelos diferentes, que, em alguns falantes, apareciam como “puros” e, em outros, apareciam combinados ou justapostos.

Estabeleceu-se que pelo menos quatro modelos distintos refletiram no conjunto de opiniões:

- **M1:** uma opinião não valorativa sobre o espCR, com ênfase em sua variabilidade ou diversidade.
- **M2:** uma valoração positiva do espCR, mas apontando seus “defeitos”; incluída aqui a valoração do espCR como “regular” (mais ou menos bom/ruim).
- **M3:** uma valoração (muito) negativa do espCR.
- **M4:** uma valoração (muito) positiva do espCR.

No Capítulo 5 esses quatro modelos são caracterizados e exemplificados.

Em conjunto, os campos de informação que conformam a base de dados são:

0. Número de registro

1. ID: número de identificação da entrevista

2. IDADE: estabeleceu-se 5 grupos etários:

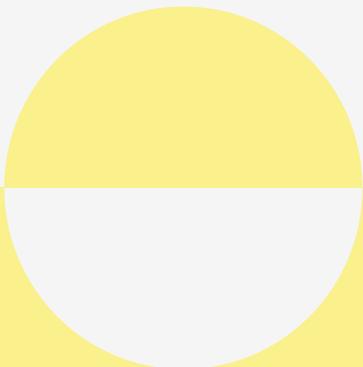
1: de 19 anos ou menos (132 pessoas)

- 2: de 20 a 29 anos (239 pessoas)
- 3: de 30 a 39 anos (140 pessoas)
- 4: de 40 a 49 anos (56 pessoas)
- 5: de 50 anos ou mais (33 pessoas)
3. NAC: local (província) de nascimento: foram consideradas apenas as respostas das pessoas nascidas no país.
4. RES: local (província) de residência
5. MODELO: valores M1, M2, M3, M4.
6. MOD2: modelo secundário (combinado/justaposto)
7. DESCRIÇÃO
8. VALORAÇÃO
9. EXPLICAÇÃO
10. PRESCRIÇÃO
11. VARIAÇÃO DIALETAL
12. INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA
13. VOCABULÁRIO
14. PRONÚNCIA
15. GRAMÁTICA

Os entrevistados (F) são principalmente adultos do *Valle Central* e, em particular, de *San José*. Em conjunto representam uma ampla faixa etária e a todas as províncias, embora seja preciso levar em consideração que a maioria é constituída de falantes nascidos e residentes em *San José*. A distribuição dos entrevistados por províncias de nascimento e por províncias de residência é a seguinte:

Província	Por Nascimento	Por residência
Alajuela	58	48
Cartago	48	55
Guanacaste	18	06
Heredia	26	58
Limón	11	03
Puntaneras	34	23
San José	405	407
TOTAL	600	600

Os modelos culturais que se estabeleceram correspondem, assim, a um falante geral, cujo único requisito é ser costarricense de nascimento e residente no país.



Representação mental do espCR

3

3.1 Preliminares

O primeiro fator que se manifestou na inspeção inicial das respostas à pergunta da entrevista (*O que você opina sobre o espanhol tal qual é falado na Costa Rica?*) foi que, embora alguns falantes façam apenas uma referência geral ao espCR (ver 1.5), a maioria deles aponta elementos específicos no que concerne a diversos aspectos ou níveis da língua.

Alguns mencionam características da pronúncia, outros da gramática, com mais frequência referem-se a questões relacionadas ao vocabulário, outros focam sua resposta na diversidade ou variação da língua, ou ainda, mencionam a influência de línguas ou culturas estrangeiras. Alguns fazem referências gerais e adicionam comentários sobre aspectos específicos; outros também apontam elementos em duas ou mais áreas.

De acordo com o observado, a primeira questão que deveria ser abordada na análise era: quais são os aspectos da língua que os falantes (F) mencionam com mais frequência e constituem, portanto, os aspectos proeminentes do espCR na consciência geral?

Como foi introduzido na seção 2.5, as respostas foram segmentadas de acordo com os elementos que conformam a representação mental que F faz do espCR: quando é perguntado ao falante sobre sua variedade linguística, quais são os aspectos dela que emergem à consciência com maior frequência. As respostas podem ser agrupadas, primeiramente, em dois tipos, que, por sua vez, subdividem-se em grupos mais específicos. A proposta a seguir, permite ver o conjunto e a organização dos tipos de referências que se deram nas respostas:

I. Referências a componentes internos da língua (níveis da língua):

1. Referências a pronúncia (nível fonético).
2. Referências a gramática (nível morfosintático).
3. Referências a vocabulário (nível léxico).

II. Referências a fatores externos (nível sociolinguístico):

4. Referências a variações por idade, região, classe social, ou seja, por fatores extralinguísticos ou externos à língua (variação dialetal).
5. Referências a influência de línguas estrangeiras (influência linguística externa).

Algumas respostas dos entrevistados permitirão exemplificar as referências específicas em cada área.

Pronúncia: A seguinte resposta refere-se apenas à pronúncia do espCR, sem comentar sobre nenhum outro nível da língua (entre parênteses o número de identificação da entrevista): *Fala-se um espanhol muito rápido e fluido; não tem um sotaque característico como no resto da América Central (1705).*

Gramática: as referências a gramática são escassas, como será visto, e frequentemente se justapõem com referências a outros níveis da língua; na resposta a seguir é feita referência à gramática e ao vocabulário: *Fazemos confusão com o uso do verbo “haber” e “ser”; conjugamos mal outros verbos; há confusão de termos e mistura de palavras quanto ao seu significado (1426).*

Vocabulário: A grande maioria das respostas, como se verá, referem-se a aspectos próprios do vocabulário, muitas vezes com a inclusão de referências a outras áreas; o exemplo a seguir se refere basicamente ao vocabulário: *Fala-se com clareza, mas é necessário mais conhecimento de algumas palavras que usamos (1504).*

Varição dialetal: O reconhecimento da variação, neste caso particular no que diz respeito à distinção fala urbana/fala rural, é a referência específica nesta resposta: *É bem utilizado embora dependa do nível socioeconômico em que estamos envolvidos: as pessoas da cidade são mais educadas para falar do que as do*

campo (2305).

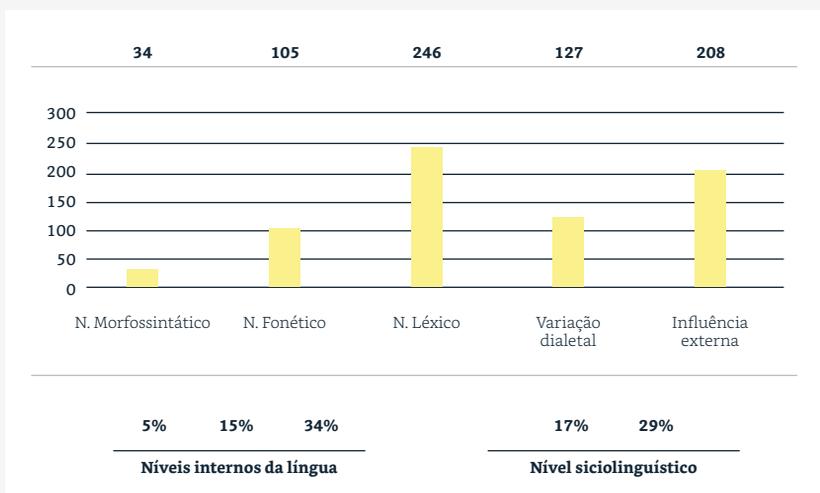
Influência linguística externa: A seguinte resposta refere-se exclusivamente a influência do inglês: *Até um tempo não havia tanta interferência de outros idiomas, mas atualmente o inglês se infiltrou (1503).*

A distribuição das referências recolhidas, um total de 720, em relação com cada um desses aspectos, pode ser apreciada no gráfico a seguir:

Gráfico 3.1

Comparação Numérica e Percentual das Referências por Componente.

Total: 720



Neste capítulo, são apresentadas as referências a essas cinco áreas básicas, agrupadas por aspectos mais específicos com os quais as referências coincidem. Os aspectos específicos aparecem acompanhados por exemplos literais retirados das respostas discursivas dos entrevistados.

3.2 Nível fonético: referências a pronúncia

3.2.1 Valoração negativa

Quanto à pronúncia, o tipo de referência mais frequente, das 105 registadas, consiste em uma valoração negativa, visto que 41 referências constituem juízos negativos gerais sobre a pronúncia do espCR, enquanto as 64 respostas restantes referem-se a vários outros aspectos específicos da pronúncia. Encontramos desde a valoração negativa absoluta: *a pronúncia é deficiente*, até a valoração atenuada: *algumas palavras não são pronunciadas corretamente*. Também encontramos respostas em que a valoração negativa está condicionada por determinados fatores: *pronunciam mal em certos setores do país, por seu nível educativo / a juventude fala com abreviatura e até certo ponto (mostra) “preguiça” na hora de articular / a pronúncia é ruim em geral e especialmente nos povoados*.

Em particular, são de especial interesse os exemplos concretos que F fornece para justificar a sua valoração negativa, isto é, por que ele opina que a pronúncia do espCR é ruim: *sotaques que não correspondem/ defeito do idioma “tico”: pronúncia do “rr” / temos palavras mal pronunciadas: pa’onde / preguiça de pronunciar bem / má pronúncia porque não se articula bem / pronúncia ruim, por exemplo: arrastamos os erres, não fazemos pausas ao falar, não respiramos bem / cortamos as palavras por preguiça de falar / comemos as palavras e soa espantoso / há preguiça de pronunciar as palavras corretamente: “qui hubo”, por “que hubo”, “vuir” por “voy a ir”*.

3.2.2 Valoração positiva

Em oposição à valoração negativa da pronúncia, encontramos 18 referências em que a valoração da pronúncia em geral é positiva. A valoração positiva se dá sobretudo em comparação com a pronúncia do espanhol de outros países (6 referências): *a pronúncia costarriquenha está entre as melhores da América Latina / o costarriquenho fala e articula muito bem: Costa Rica e Colômbia são os países em que se pronuncia melhor*. Também ocorrem as valorações positivas absolutas, em particular, menciona-se um aspecto agradável: *nosso sotaque faz com que o idioma soe bonito*.

3.2.3 Referências a sons específicos

O aspecto mais relevante para nosso estudo na área específica do nível fonético são as referências a sons específicos do espCR (15 referências). Já havíamos visto, na valoração negativa, que a característica bastante proeminente que F descreve como “arrastar o rr” é apontada como um defeito de pronúncia ou uma causa da pronúncia “ruim”. Nas referências aqui agrupadas, essa característica fonética nunca aparece como indicada positivamente. Encontramos apontamentos neutros como: *a pronúncia acentuada do “rr” o distingue / o tico tende a arrastar o r*. Mas com mais frequência encontramos a valoração negativa do traço: *má pronúncia do r em ferrocarril, três, matrícula / o falar popular (apresenta) a distorção na sílaba “tr” como no inglês [chres] por três, [cuachro] por cuatro / o costarriquenho não produz bem o “rr” / deve melhorar a pronúncia das palavras onde aparecem rr, tra, tre, tri etc. / marcam muito o r e isso o faz soar muito feio / pronunciamos o “r” com a vibração na ponta da língua, não o pronunciamos corretamente e os estrangeiros percebem isso logo em um primeiro momento*.

É importante para nosso estudo apontar que das 15 respostas relativas a sons específicos, 12 referem-se ou incluem a referência a pronúncia de r/rr/tr. Outros sons referidos são aqueles representados pelas letras f, s, c/z, v e o enfraquecimento ou queda do “d”: *é muito reforçado em letras como r e f / nas zonas rurais geralmente não pronunciam a letra “s” e o “r” têm som diferente / muitas pessoas quando falam destacam o “r”, outras fazem o mesmo com o “s” / não pronunciamos as palavras que vão com “c” e “z”, com “v” / em vez de mercado dizemos mercao*.

3.2.4 Referências a variabilidade interna

O que se segue é uma típica referência a variabilidade interna da pronúncia das 10 registradas: *dentro do país encontramos diferenças bem marcadas de pronúncia, como entre Guanacaste e San José*. Essas referências, embora escassas, permitem observar em F o reconhecimento da diversidade fonética do espCR.

3.2.5 Percepção do sotaque como neutro em relação a outras variedades

Em 8 referências é apontado que o espCR não tem sotaque ou pelo menos não é um sotaque muito marcado comparativamente: *tem sotaque*

“uniforme”, em comparação com ao espanhol que é falado em outros países / não se nota nenhum tipo de sotaque ao falar / espanhol “simples”, sem qualquer tipo de sotaque, com algumas exceções como os camponeses. Este é um fenômeno comum na linguística popular: a percepção de que a fala própria “não tem sotaque” (BAUER; TRUDGILL, 1998).

3.2.6 Referências à velocidade da fala

A maior parte dessas referências, 7 no total, apontam que os ticos falam muito rápido: *há diferenças na velocidade com que se fala / falamos muito rápido*.

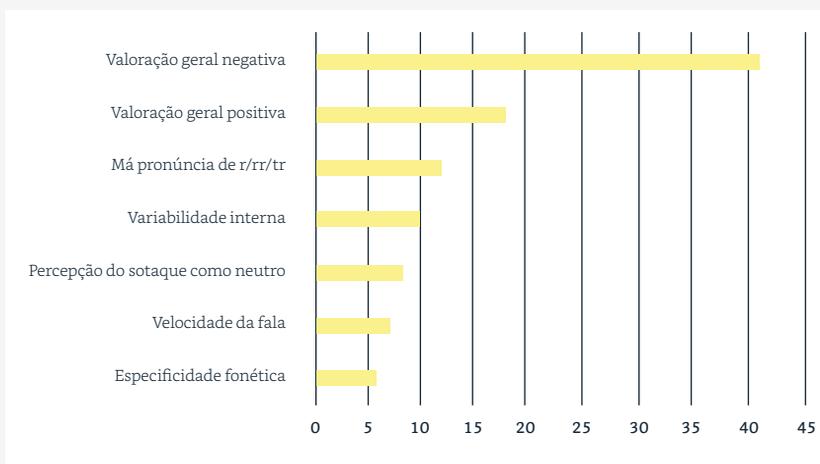
3.2.7 Referências à especificidade fonética

Em 6 referências, aponta-se que o espCR tem sua fonética própria, diferente do espanhol de outros lugares, por exemplo: *há uma grande distinção em termos de pronúncia e entonação das palavras, o que o distingue dos demais países centro-americanos*.

3.2.8 Comparação numérica das referências no nível fonético

O gráfico a seguir mostra como são comparadas, em termos quantitativos, as referências a aspectos específicos da pronúncia:

Gráfico 3.2
Referências a aspectos específicos do nível fonético



3.3 Nível morfossintático: referências à gramática

Apenas 34 referências foram registradas no nível morfossintático, o que naturalmente reflete o fato de que, sendo a gramática um dos aspectos mais abstratos da língua, ou seja, menos acessíveis ao falante comum, os comentários sobre ela não tendem a emergir com facilidade. Podemos dizer que o destaque na representação mental que F faz da língua é baixo. Na valoração geral negativa encontramos 15 referências, enquanto na positiva, apenas uma referência.

3.3.1 Valoração negativa

Como no caso da pronúncia, a valoração negativa da gramática pode aparecer como absoluta: *construção gramatical deficiente, ou mais atenuada ou condicionada: utilizamos em algumas ocasiões formas gramaticalmente incorretas, especialmente em zonas rurais, não se dá atenção à gramática*. Algumas respostas, das 15 recolhidas, mostram que F concebe a gramática como um aspecto da linguagem do qual se pode prescindir: *expressão gramatical muito reduzida / desconhecemos a gramática / não sabemos nem conhecemos o funcionamento seja sintático ou morfológico de toda palavra*. Ou então a crítica é feita ao uso incorreto da gramática: *as regras gramaticais não são respeitadas / muito a corrigir, principalmente na gramática / pouco importa o devido uso de frases orações gramaticalmente boas e corretamente utilizadas*.

59

3.3.2 Valoração positiva

Uma única referência: *uma das mais refinadas em termos de sintaxe*.

3.3.3 Referências a conjugação verbal

O aspecto específico mais frequentemente mencionado no nível gramatical é a conjugação verbal, com 10 referências. Segundo se depreende das respostas, dentro do reduzido lugar que F destina à gramática na representação mental do espCR, a conjugação verbal é o elemento que tem maior destaque. Todas essas referências estão marcadas negativamente, sendo a típica *os verbos são mal conjugados*. Algumas referências específicas sobre a conjugação verbal são: *fazemos confusão com o uso de “haber” y “ser” / conjugamos os verbos mal, ex.: hubieron no lugar de hubo / há ausência de concordância entre o sujeito e o verbo, por exemplo: hubieron fiestas; não usamos o hubo fiesta*

(sic) muitas vezes por hábito / apresenta problemas com os pronomes tú e vos e suas respectivas conjugações.

3.3.4 Referências a aspectos variados

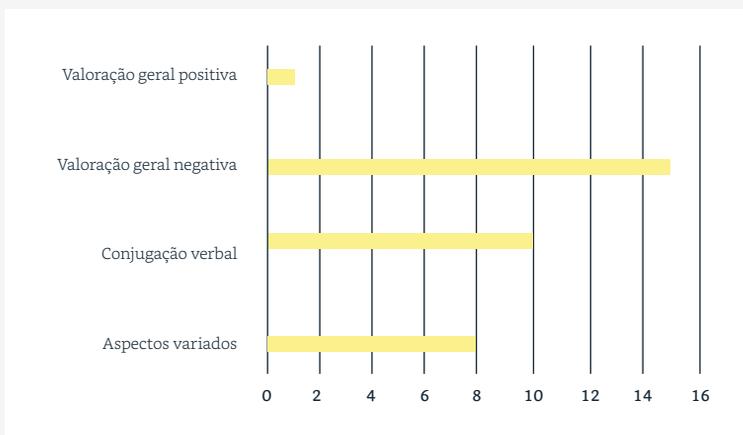
Alguns outros aspectos gramaticais específicos são mencionados com frequência muito baixa (8 referências no total). O fator muito proeminente do diminutivo, em particular o uso de *-tico* (cp. 1, seção 1.5), foi relatado em apenas algumas referências: *nos caracterizamos por abreviar as palavras e adicionar “tico” no final / são utilizados muitos diminutivos / recorremos com frequência ao uso de diminutivos (pobrecitico, pequenitico etc.)*. Outras referências específicas são: *(há) queísmo / péssimo uso das preposições / geralmente as formas verbais, preposições e advérbios não são utilizadas corretamente / a ordem das palavras não é tão ruim*.

3.3.5 Comparação numérica das referências no nível morfossintático

O gráfico a seguir mostra a comparação das referências no nível gramatical:

Gráfico 3.3

Referências a aspectos específicos do nível morfossintático



3.4 Nível léxico: referências a vocabulário

A área léxico-semântica é a que tem maior destaque na representação mental que F faz do espCR. O vocabulário é o aspecto mais concreto da língua para o falante comum; daí sua tendência a conceber a língua antes de tudo como um conjunto de palavras, um vocabulário. A palavra tem uma forma sonora (ou visual) e um significado relativamente unitário, evocável; por isso a representação da língua surge na consciência do falante comum como um conjunto de palavras, mais do que como um conjunto de sons ou de estruturas sintáticas.

É importante notar a confluência dessa característica da opinião linguística popular com a visão de um grupo crescente de linguistas, em particular gramáticos lexicalistas, que trabalham com uma concepção de linguagem na qual o princípio organizador da gramática se encontra nas unidades lexicais. De acordo com esse sistema especializado, as propriedades gramaticais da linguagem estão contidas no vocabulário; cada palavra da língua contém sua gramática¹⁶. Embora esse fato não seja transparente para os falantes comuns, e não se possa esperar que alguém manifeste explicitamente essa noção, o fato de que, quando o falante é solicitado a se expressar sobre sua língua a tendência da maioria é se referir ao vocabulário, reflete que o sistema cognitivo do falante contém a noção de que o vocabulário da língua é a sua parte fundamental, que é a partir do vocabulário que a língua se constitui. Por sua vez, a noção popular contrasta com a posição de outros sistemas especializados, que propõem uma gramática abstrata cuja existência é independente do vocabulário específico de cada língua particular. A gramática gerativa tradicional seria um exemplo.

As referências ao vocabulário constituem a esmagadora maioria e são, em geral, negativas ou condenatórias do vocabulário do espCR. Do total de 246 referências, 77 são opiniões explicitamente negativas e aludem fundamentalmente a quatro aspectos: pobreza de vocabulário, escassez de vocabulário, incorreção ou uso incorreto do vocabulário e problemas com o significado das palavras. As referências explicitamente positivas sobre o vocabulário são apenas 7.

16 No original: 'The hypothesis that grammatical information is specified in and projected from the lexicon is called lexicalism.' To appear in Starosta, Stanley. 1999? Dependency grammar and lexicalism. (<http://www.ling.hawaii.edu/faculty/stanley/dgl.rtf>)

3.4.1. Valoração negativa

-Pobreza de vocabulário (qualidade)

A classificação do vocabulário como pobre (25 referências) aparece com frequência sendo elaborada com explicações que refletem a noção de pobreza de vocabulário de F: *o vocabulário é pobre e abundante em vocábulos populares de muito mal gosto/ tem vocabulário muito pobre, com uma alta porcentagem de palavras vulgares e neologismos sem fundamento / pachucadas, pobreza de vocabulário, muitos termos pachucos¹⁷ que o empobrecem / degenerou e “evoluiu” para regionalismos e frases populares que reduzem sua riqueza / é pobre no vocabulário, pela influência dos meios de comunicação massiva / pobre porque nos limitamos a um certo vocabulário / péssimo vocabulário, começando pelo “tico” nas palavras/ as pessoas dizem palavras tolas e bobas / as pessoas não usam um vocabulário elevado / sempre usamos os mesmos adjetivos e não nos propomos a procurar ou aprender sinônimos para eles; a maioria de nós usamos palavras que geralmente não dizem nada.*

A elaboração do conceito de pobreza na seguinte referência é particularmente interessante: *vocabulário pobre, palavras são desnecessárias quando “super” ou “chunche¹⁸” são um excelente curinga; para que adjetivos se “super” resolve tudo?; para que chamar as coisas pelo nome se “chunche” me poupa até mesmo o mais mínimo esforço?; a adoção de “anglicismos” e do vocabulário “pachuco” contribuíram ainda mais para a deterioração do espanhol.*

-Escassez/limitação do vocabulário (quantidade)

Com quase a mesma frequência (24 referências) surge o ressentimento sobre a quantidade reduzida do vocabulário, referência que também aparece elaborada em: *existe uma quantidade inumerável de palavras que não utilizamos / o vocabulário não é tão extenso porque no caso chega a 1.000 palavras no ensino médio / se desconhece uma grande variedade de palavras que poderiam nos ajudar a nos comunicar melhor / o léxico empregado é escasso, o que nos faz inventar palavras / o*

17 Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, na Costa Rica o adjetivo “pachuco” é utilizado para se referir a uma pessoa de falas e hábitos não aceitos socialmente. [N.T.]

18 Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, na América Central, “chunche” é um objeto cujo nome se desconhece ou não se quer mencionar. Em português, pode ser entendido como “coisa”. [N.T.]

vocabulário ficou limitado a um certo número de palavras / pela falta de leitura, seu léxico é restrito e não é desenvolvido o conhecimento de outras palavras / o vocabulário médio é cada vez mais reduzido, o que é trágico nos jovens, especialmente nos universitários, que dão conta de umas 200 palavras e tratam de se esconder atrás de vocábulos ou fórmulas técnicas específicas de cada carreira / vocabulário limitado usado pela nossa sociedade na sua comunicação habitual, na qual ninguém, senão pelos meios de comunicação (rádio, TV, etc.), gosta de apresentar um léxico amplo e rico em variedade.

- Incorrecção/uso incorreto do vocabulário

Com menos frequência (12 referências) o ressentimento sobre o vocabulário do espCR aponta para o uso incorreto de palavras: *muitas palavras mal utilizadas que entre nós, entendemos por hábito / muitas palavras são mal-empregadas por preguiça / termos são inadequadamente utilizados por falta de educação ou por não saber o significado.*

- Problemas de significado

Alguns falantes são mais específicos em relação à sua valoração negativa do vocabulário, referindo-se concretamente ao fato de perceberem que o problema do vocabulário é que o significado das palavras é modificado ou as palavras são usadas “sem significado” (16 referências): *as pessoas acrescentam palavras que não tem nenhum sentido / o problema em nosso país é a mudança de palavras quanto ao seu significado e sentido / abusam de certos termos que muitas vezes não aparecem em um dicionário e é preciso adivinhá-los para saber do que se trata / são usadas expressões com duplo sentido ou sentido distorcido / damos outros significados às palavras / mesmo na televisão os repórteres não dominam o verdadeiro significado das palavras / desconhecimento sobre o significado de muitas palavras, o que tende a limitar o vocabulário / há confusão de termos e mistura de palavras quanto ao significado / introduziram uma série de termos que distorcem o significado das palavras impedindo uma boa comunicação / a juventude faz uso de palavras inacabadas e às vezes sem significado.*

3.4.2. Valoração positiva

Diante da abundância de valorações negativas, encontramos apenas 7 valorações positivas nas respostas: *os termos são usados de forma*

adequada / têm dizeres excelentes / ricos em ditados, expressões típicas / foi enriquecido com muitos termos científicos e tecnológicos / têm palavras muito próprias e ricas em significado.

3.4.3. Valorações combinadas

Alguns falantes preferem apontar o bom e o ruim do vocabulário do espCR (8 referências): *diverso em expressões autóctones e frases adverbiais; porém a quantidade de palavras usadas é muito reduzida, é necessário mais conhecimento de algumas palavras que usamos / termos vulgares são muito usados, mas tenta-se melhorar isso / bom léxico, uma pena que também se deteriora com tantos “mal dizeres” / em comparação com a América Central, é um dos mais polidos em amplitude de vocabulário, mas o vocabulário ainda é pobre, muito pobre.*

3.4.4. Referências à especificidade léxica

Quanto à caracterização não valorativa, ou melhor, atenuada na sua valoração negativa do vocabulário por parte de F, podemos agrupar as 116 referências coletadas em quatro títulos: referências a vocabulário em geral, embora por vezes com menção a exemplos concretos (32); referências a costarriquenhismo e a dizeres (37); referências a vulgarismo e a *pachuquismo* (32); e referências a *chunchismo* e à invenção de palavras (15).

-Julgamentos gerais

Os exemplos a seguir são de julgamentos gerais: *como nos outros países de língua espanhola, há uma série de termos próprios, populares, para se referir a determinados objetos e situações / usam palavras com um sentido particular que em outros países teriam um significado diferente, por exemplo “chingo” aqui comparado com seu significado no México, outros exemplos são hueco, empanada, etc. / a mistura do espanhol com a linguagem dos nossos indígenas na época colonial; a transformação de vocábulos existentes, a criação de outros (neologismos), junto com os barbarismos fizeram com que na Costa Rica o idioma fosse diferente / o vocabulário especialmente é o mais diferente; tem muita influência pachuca e rural / existem diferenças de acordo com o significado já que uma palavra empregada na Costa Rica por exemplo terá um significado totalmente diferente neste país e muitas vezes dentro do mesmo país também*

/ há muita linguagem criada por nossa cultura, dizeres, frases típicas de um povo / nos acostumamos a viver com nosso idioma espanhol muito ao estilo tico, cheio de dizeres e diminutivos, assim como “pachuquismos” / está cheio de palavras que só um tico entenderia.

- Referências a costarriqueísmos, regionalismos e dizeres

Há 22 referências a costarriquenhismo: nossos povos têm seus próprios costumes e usam o costarriquenhismo e em alguns casos a Real Academia acaba aceitando-os / existem muitos costarriquenhismos que em algum momento deveriam ser aceitos.

Outros termos típicos do nível léxico que são mencionados: “dizeres” (21 referências), ditados (2), modismos (5), regionalismos (3), apelidos (3), expressões “populares”, palavras camponesas, palavras “inusitadas”: há muitas gírias e apelidos como “mae”¹⁹, “ese tipo” / é dito: mae, tuanis, ¿que me ice?²⁰/ frases como: no me laik, okey, qué chiva, muchos tenkius, buenos mornings. Embora a referência a dizeres seja geralmente neutra: muitos dizeres populares são usados, típicos de nossos costumes. A referência negativa é comum: em nossos centros educacionais ouvimos cada dia novos “dizeres” que não estão ligados à nossa língua / há muitos costarriquenhismos e isso faz com que o espanhol não melhore.

- Referências a pachuquismo e a vulgarismo

A referência ao vocabulário como cheio de vulgarismos ou palavras chulas aparece 14 vezes, embora associada a ideias diversas: vulgarismos que o tornam um espanhol muito próprio / muitos vulgarismos e invenções de palavras / combinação de anglicismos e vulgarismos que resulta no conhecido pachuquismo / saturado de modismos e léxico vulgar ou pachuquismo / as palavras vulgares estão muito difundidas na sociedade para falar “normalmente” / se usa vocabulário indecente ou vulgar / (é) vulgar porque os ticos temos somado ou removido termos da palavra original / palavras vulgares e indecentes.

Como visto em alguns dos exemplos anteriores, o vulgarismo aparece intimamente ligado ou identificado com o termo pachuquismo

19 No espanhol da Costa Rica, “mae” pode ter diversos significados de acordo com o contexto. Em português, pode ser traduzido por cara, parceiro, mano. [N.T.]

20 Em português, “cara, beleza? O que manda?” [N.T.]

(também com “dizeres”), aparecendo em 34 menções; exemplos: *muitos dizeres populares e “pachuquismos” / muitos termos “pachucos ou vulgares” / pachuquismo e dizeres / modismos e “pachuquismos” / somos muito propícios aos pachuquismos / algumas palavras são muito pachucas e inventadas / temos muitos dizeres, anglicismos (friser) e pachucadas (mae) / usamos palavras que não são, “pachucadas” como “mae” / os jovens de hoje usam pachuquismos, coisismos e outras formas de expressão pouco cultas e desrespeitosas, como mae, chiva, playada / é uma pena que os “pachuquismos” sejam usados / os “pachuquismos” deterioram o idioma.*

- Referências a “chunchismo”, palavras inventadas, palavras que não existem

A termos como “chunche” / “chunchismo” há 7 referências: *várias coisas podem ser designadas com a mesma palavra, por exemplo “chunche” / são usadas palavras que significam ou podem significar muito, como, coisa, chunche / palavras como chunche são usadas sem especificar do que se está falando / nós inventamos palavras e usamos cacoetes e chunchismos / nós usamos “chunche” para tudo e não utilizamos bem seus nomes por vício de linguagem.*

São feitas 7 referências também à tendência de inventar palavras, além da já registrada: *muitas palavras alteradas, inventadas / inventam-se palavras que não estão na Real Academia Espanhola / inventam-se palavras e mudam o significado de outras / palavras que não estão no dicionário, alguém as inventa.*

Outras referências a criatividade lexical, embora sempre apontadas negativamente, são: *foi alterando por palavras que não existem / tem ou se usam muitas palavras que não existem na Real Academia / é difícil para o costarriquenho designar as coisas pelo seu nome / custa aos costarriquenhos designar as coisas por seus nomes / (é usado) “coisa” como um substituto para o termo correto / caímos em um falar de palavras substitutas do nosso castelhano / juntamos palavras ou seu radical com termos nossos e soa horrível.*

3.4.5. Referências a palavras alheias

Esse conjunto de referências (13) enfatiza a característica de se tomar palavras não espanholas, sem mencionar que provêm de uma fonte específica, como no caso dos anglicismos, que serão discutidos posteriormente. É possível que ao fazer a referência, o falante tivesse o inglês em mente, mas isso não é explícito, por isso consideramos apenas referências a palavras alheias: *existe muita palavra “nova” como “ok” e “by” / os jovens agregam muitas palavras estrangeiras: ok, ciao etc. / usamos vocábulos que não pertencem ao idioma espanhol / criaram dizeres, nomes de coisas e até mesmo de pessoas que não são nossos / há palavras que não são nossas como: tarado, mae, porta mi / viciou-se em vocábulos que não correspondem ao idioma / desvalorizamos nosso léxico substituindo uma palavra por algum estrangeirismo / houve uma invasão de estrangeirismos e termos vulgares / muitas palavras alheias foram introduzidas ao idioma que deterioram o espanhol.*

3.4.6. Referências a variabilidade interna

Ao vocabulário específico de um grupo, por exemplo etário ou profissional, faz-se 12 referências, com maior frequência dirigidas ao vocabulário dos jovens: *cada grupo mantém o seu próprio léxico / especialmente os jovens usam termos que quase não constam no dicionário / os jovens de classe baixa com vocabulário obscuro e muitas palavras dos antigos “pachucos” / pachuquismo massificado em uma juventude faminta por falar diferente dos adultos com uma linguagem que lhes facilita encurtar frases e ideias para transmitir / regionalismos que só são usados em determinadas zonas / o vocabulário é muito pobre e pachuco, dependendo do lugar e da situação / em reuniões ou festas, o descuido do vocabulário é perceptível, tendemos mais para o uso de palavras da moda e algumas provenientes de línguas estrangeiras / existem vocábulos muito próprios de um tipo de costarriquenho bombardeado por influências externas / políticos e profissionais não têm fluidez em seu vocabulário.*

3.4.7. Outros aspectos marginalmente relacionados ao vocabulário

- *Referências ao encurtamento das palavras*

Embora com baixa frequência, é interessante notar a característica percebida por F de que os *ticos* tendem a encurtar palavras (6 referências).

No entanto, deve-se ressaltar que esse fator não constitui plenamente um aspecto próprio do nível léxico, mas sim um fenômeno que diz respeito tanto ao nível lexical quanto ao nível fonético. Incluímos tais referências no nível léxico considerando que F se refere “às palavras” e não à “pronúncia” do espCR: *as pessoas abreviam as palavras conforme lhes convém / abreviam ou usam outros tipos de palavras / às vezes palavras são cortadas para expressar termos comuns / palavras são encurtadas / palavras fragmentadas / agora temos dessa de não terminar as palavras.*

- *Referências ao uso de cacoetes*

Como no caso do encurtamento de palavras, a inclusão cacoetes no nível léxico não é totalmente apropriada, uma vez que esses elementos não são lexicais, mas são definidos por sua função discursiva. Nós os incluímos aqui porque do ponto de vista fonomorfológico são palavras; no entanto, observe que algumas das referências aludem ao seu caráter discursivo (por exemplo, “usadas ao conversar”): *múltiplos cacoetes como “este” / a fala popular está cheia de cacoetes / os cacoetes fazem parte das expressões que usamos quando falamos / carregado de cacoetes e expressões que são usadas ao conversar / reiterações e cacoetes em todos os lugares (por defall).*

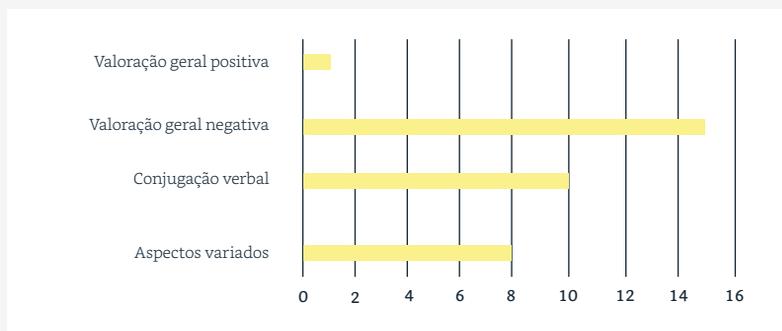
68

3.4.8 Comparação numérica das referências no nível léxico

O gráfico a seguir mostra a comparação em termos quantitativos das referências a aspectos específicos do vocabulário:

Gráfico 3.4

Referências a aspectos específicos do nível léxico



3.5. Referências a variação dialetal

Este conjunto de referências, 127 ao todo, reflete o fato de que um número considerável de falantes percebe - coincidindo assim a noção popular com o sistema especializado - que a língua é inevitavelmente variável, que a variação linguística relacionada a fatores extralinguísticos é um fenômeno natural, que a língua não é um objeto único e uniforme, nem tem que o ser. Em 127 registros, aparecem referências a variabilidade do espCR em relação a múltiplos aspectos: região (variação diatópica), condição social ou educacional (variação diastrática ou sociocultural), idade (variação diacrônica), situação (variação estilística) e, inclusive, em relação ao indivíduo (variação idioletal). Referências a formas de tratamento também foram localizadas nesta área.

3.5.1. Variação diatópica (dialetos ou variantes geográficas)

A percepção das diferenças dialetais ou geográficas se manifesta 34 vezes, principalmente em quatro sentidos:

a) uma percepção geral da variação: (espCR) corresponde a uma variedade dialetal particular; *mesmo em nosso país podemos encontrar variações importantes a nível lexical e fonológico / há muita diversidade dependendo do lugar / em cada pequeno povoado ou província se fala de forma diferente / tem grande quantidade de dialetos que o tornam interessante / é espanhol com algumas modificações que dependem da cultura e dos costumes de cada região / há variantes que se localizam nas diferentes regiões do país e lhe conferem uma grande variedade de nuances;*

b) a distinção rural/urbano: *nas diferentes regiões do país a pronúncia é diferente da urbana / regionalismos que só são usados em certas zonas, a pronúncia é diferente de acordo com a área, o espanhol falado pelos nossos camponeses não é o mesmo que se fala em zonas urbanas / na CR há duas formas diferentes de falar (usando o idioma espanhol): a urbana e a rural;*

c) percepção da variação de acordo com as diferentes províncias: *certas diferenças entre as pessoas, por exemplo, alguém de Cartago não fala igual a alguém de San José, fala-se de acordo com a forma dialetal de cada lugar / Limón e Guanacaste são as províncias com as características mais*

acentuadas / em Limón, os habitantes usam o espanhol e o misturam com o inglês jamaicano; em Guanacaste há um sotaque que os caracteriza e é muito diferente do sotaque que se percebe no Valle Central ou em Limón / há províncias onde o idioma é muito marcado pelo lugar como Guanacaste, Limón e Puntarenas / é muito diferente de acordo com o lugar onde se está, porque quando se viaja para lugares como Guanacaste e Puntarenas há palavras que não se entende e nem mesmo o sotaque se entende bem; as pessoas têm muita influência do lugar onde vivem e não tanto das raízes que têm;

d) percepção da variação em relação ao espanhol de outros países: diferente com relação aos demais países centro-americanos / ocorre como em todos os países, que têm seus dizeres nacionais / diferente do espanhol dos demais países.

3.5.2. Variação diastrática (socioletos)

A variação diastrática refere-se a diferenças na fala devido ao estrato social das pessoas; foram registradas 25 referências: varia de acordo com o grupo social, predomina o espanhol coloquial, poucas pessoas têm uma linguagem mais avançada, mas tem. Em geral, a variação é percebida em relação à distinção vulgar/culto e se associa a norma culta ao grau de escolaridade: o vocabulário culto é reservado para a classe alta, o resto da população, com algumas exceções, tem uma linguagem geralmente vulgar / depende do grupo social em que as pessoas se desenvolvem pois algumas usam o espanhol coloquial, outros o muito culto / a pronúncia do idioma depende da escolaridade da pessoa / depende do nível social e da educação que a pessoa tem / depende do tipo de pessoa e da educação que tem / vai de acordo com o nível de educação / depende do grau de escolaridade que tem /se fala corretamente dependendo do nível cultural (estudos).

Algumas referências apontam explicitamente que o espCR é correto nas classes altas e incorreto se a pessoa for de baixo nível social: pessoas com alto nível cultural e educacional tendem a falar de forma mais correta / (fala-se mal) em certos setores do país que, devido ao seu nível educacional, pronunciam mal e ignoram o seu significado / com relação à classe baixa se fala muito mal: pachuco, com relação à classe média uns 75% bem, com relação à classe alta uns 90% bem / nas esferas intelectuais (universitários, profissionais) fala-se um bom espanhol / varia de

acordo com os diferentes estratos sociais: quanto mais baixa a condição socioeconômica, mais viciada a linguagem / tem pessoas que se expressam por meio do pachuquismo e às vezes quem tem maiores conhecimentos não consegue entendê-la / péssima pronúncia e má conjugação gramatical nas classes de baixos recursos, melhora em pessoas estudadas ou profissionais / em um âmbito da sociedade costarriquenha média-baixa fala-se uma mistura de espanhol correto com espanhol popular camponês.

A referência a seguir aponta um fato interessante e reconhecido no sistema especializado (LABOV, 1972), que a mudança linguística tende a ocorrer a partir das classes populares: *a população com menor educação foi transformando o idioma e incluindo novas palavras e pouco a pouco a sociedade em geral foi assimilando e (passaram a) fazer parte da vida do nosso país.*

3.5.3. Variação diacrônica (geracional)

As 20 referências à variação de acordo com a idade ou geração das pessoas são quase totalmente condenatórias da linguagem dos jovens: *nosso espanhol até pouco tempo era uma língua muito culta e continua sendo para os adultos, mas os jovens de hoje usam pachuquismos, coisismos e outras formas de expressão pouco cultas e, sobretudo, desrespeitosas, como mae, chiva, playada / no estrato de 20 a 30 anos predomina um “espanhol” pachuco / os jovens na sua maioria deterioram o idioma constantemente / sua qualidade diminuiu porque os jovens não têm interesse em se expressar bem / os jovens usam uma linguagem desagradável e não se entende o que eles querem dizer / foi sendo modificado para pior por causa dos jovens / perdeu sua essência, especialmente aquele falado por crianças e adolescentes / especialmente o jovem de hoje fala mal o espanhol e pior para escrever / a juventude geralmente usa um espanhol pouco ilustre, pessoas com mais de 60 anos usam palavras e construções gramaticais deficientes, mas em relação a eles é aceitável, foi outra época / distorcido pela moda da juventude de usar palavras inacabadas e às vezes sem significado / ouvir uma conversa entre dois jovens é francamente deprimente, com palavras como “mae” e “ta loco” não passam / os jovens de 15 a 18 falam muito pachuco, feio.*

3.5.4. Variação estilística (registros)

A variação estilística refere-se a diferenças em relação a distintas situações de fala. Foram recolhidas 11 referências: *em geral sabemos*

o que dizer de acordo com a ocasião / o vocabulário depende do tipo de ambiente em que cada pessoa se desenvolve, muitas vezes uma pessoa fala de forma diferente dependendo com quem está / é bom ou regular em relação ao ambiente em que a pessoa se desenvolve / se é dentro do seu meio é compreensível. Algumas referências aludem a situações específicas da fala: entre amigos falam de forma muito vulgar / com frequência, especialmente em reuniões ou festas, nota-se que há um descuido com o vocabulário / vulgarismo usado nas ruas e nos meios de comunicação / é triste ouvir nos programas nacionais expressões incorretas, a partir disso é que as pessoas generalizam / costuma-se misturar o idioma inglês com o espanhol nas conversas e até ao escrever cartas.

3.5.5. Variação idioletal

Apenas duas referências foram registradas para a variação que depende de cada pessoa em particular: *pode-se dizer que assim como há pessoas que falam corretamente, há outras que fazem o emprego da fala de forma incorreta / cada pessoa fala como bem entende.*

3.5.6. Referências combinadas

Naturalmente, muitos entrevistados relacionaram a variação linguística a vários dos fatores extralinguísticos já mencionados. Isso reflete um nível mais amplo de percepção sobre a variação (23 referências): *depende do nível cultural, do lugar e do ambiente / há usos diferentes de acordo com o lugar em que é usada e a idade da pessoa / é uma linguagem padrão, com suas características, como a do Atlântico, Guanacaste, Puntarenas, centro de Alajuela, mercados, Parque Central, juventude etc. / no nível profissional muito bem, as pessoas fazem uso corretamente, embora haja quem abuse de seu bom léxico; em um nível normal (de pessoas não profissionais), alguns fazem bom uso, outros mau; depende inclusive do que se fala / Depende da zona, idade e nível social das pessoas / Podemos classificá-la de acordo com a classe social ou de acordo com o ambiente em que se desenvolve / Varia muito dependendo da classe social, da idade e da cultura / não se fala muito bem, principalmente em áreas distantes da capital e entre os muito jovens / devido à nossa transculturação nossa língua sofreu muitas variações em termos de fatores geográficos, sociais e intelectuais / o vocabulário é muito pobre e pachuco, dependendo do lugar e da situação / é falado uma espécie de dialeto, cada pessoa fala segundo sua cultura e conforme onde vive.*

3.5.7. Referências às formas de tratamento

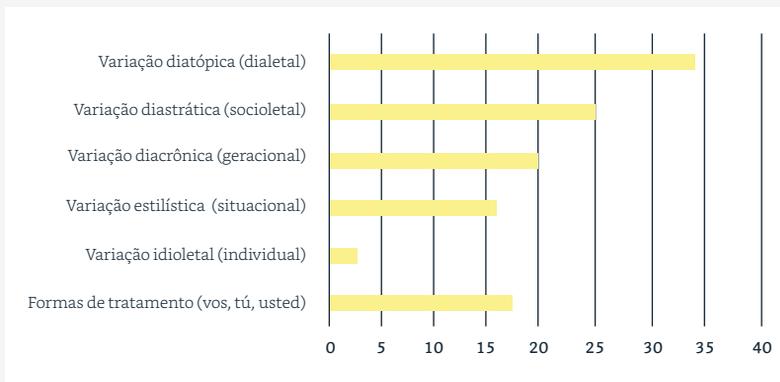
É particularmente interessante que sendo o voseo²¹ uma das características mais notórias do espCR, ele tenha recebido apenas 12 referências: *o voséo o distingue / tem suas próprias coisas como o vos / não usamos o “tú”, ponto positivo / Eu gosto do voseo, mas acho que está se perdendo / perdemos o voseo / tende-se a combinar formas (tú com vos e usted) / muitas vezes, ao falar se misturam “tú, vos e usted” / foi substituído o tradicional “vos” pelo “tú” / varia muito, uns falam com proximidade usando o “vos” e outros palhaços, o “tú” / tem pessoa que começa falando com o “tú” e mistura com o “usted” e com o “vos”, soa horrível / passou-se do tratamento do “vos” para o cotidiano “tú”, que acredito lhe retira a sua pronúncia original e o uso para espanhol / o voseo é respeitado, mas é necessário abarcar a forma “tú” e “usted”.*

3.5.8 Comparação numérica das referências à variação dialetal

O gráfico a seguir mostra como as referências a aspectos específicos da variação são comparadas em termos quantitativos:

Gráfico 3.5

Referências a aspectos específicos da variação dialetal



21 Uso do pronome de tratamento “vos” para marcar relações de informalidade e de grande proximidade entre os interlocutores. Fenômeno linguístico típico de alguns países hispano-hablantes da América Central e da América do Sul. [N.T.]

3.6. Referências a influência estrangeira

Depois das referências ao vocabulário, a segunda posição em relação a número de referências, com 208, é ocupada pela influência estrangeira, a qual se concretiza fundamentalmente na influência do inglês e, em particular, a sua interferência no vocabulário. A percepção de uma profusão de estrangeirismos no espCR é proeminente na representação mental que F faz do espCR. Essas menções se dão principalmente como genéricas (88) ou explicitamente fazendo referência ao inglês (116); em uma escala menor, é apontada a influência dos imigrantes nicaraguenses (4).

3.6.1. Referências gerais

Nessas referências, a influência de outras línguas no espCR é apontada de forma bastante marcada, principalmente no vocabulário. Há menções frequentes aos termos “palavras estrangeiras”, “estrangeirismos” e “barbarismos”. A valoração negativa desta característica do espCR é típica nas respostas: *o tico é muito dado a adotar estrangeirismos como sendo próprio em detrimento do nosso idioma / muitos estrangeirismos são incorporados na comunicação cotidiana, o que deforma enormemente o espanhol / são introduzidas palavras de outros idiomas que nos fazem perder o pouco que usamos ou sabemos do nosso idioma.*

Em meio a essas referências encontramos algumas opiniões neutras: *recebe influências de diferentes dialetos e idiomas que criaram uma grande diversidade de palavras de uso comum, que não pertencem ao espanhol e que de fato, em alguns casos, afetam a nossa idiossincrasia / muda pelas influências do exterior / tem relação e derivações de outras línguas / tem muita influência de outros idiomas, não só do inglês como se pensa / (tem) influências estrangeiras que não podemos omitir haja vista que somos parte de um todo / nosso espanhol se mistura com o espanhol de outros lugares de fala hispânica e com o inglês / assumimos a importação de palavras, adoramos misturar palavras de outros idiomas com o espanhol / apesar das influências do exterior, temos essa característica “tica” do nosso idioma.*

No entanto, a maioria dos falantes percebe a influência estrangeira como um fator negativo não apenas em relação ao espCR, mas em relação também à cultura costarricense em geral: *a influência forasteira e*

outros fatores culturais estão alterando negativamente o idioma / (espCR) vem sendo degradado por uma série de fatores, inclusive costumes importados / nos prejudicou muito a entrada de estrangeiros de fala diferente, que o tico quer imitar / há vocábulos que são muito típicos de um tipo de costarriquenho bombardeado por influências externas / se viu invadido por uma série de termos alheios aos nossos costumes ou ao nosso idioma.

Além disso, as referências muitas vezes enfatizam a influência não só de línguas estrangeiras, mas também diretamente dos falantes dessas línguas ou variantes: *nos permitimos ser muito influenciados pelos estrangeiros / há muitos modos de falar ou palavras alheias devido à migração / é adotado o modo de falar de outros países / ultimamente os estrangeiros têm influenciado muito / há muitos estrangeiros e influência da linguagem deles / (muito ruim) devido à grande quantidade de estrangeiros que a distorcem por terem pouca ou nenhuma educação / (ruim) devido à grande quantidade de estrangeiros que há no país / diariamente imitamos os estrangeiros / foi-se perdendo pela grande quantidade de estrangeiros que vivem no país / nos deixamos ser influenciados por outras culturas estrangeiras, bebendo de seus modos de falar etc.*

Nesse grupo de referências sobre a influência estrangeira, encontramos uma única menção contrária ao sentido geral, na qual o espCR é valorizado como uma variedade positiva *sem muita influência de línguas estrangeiras.*

3.6.2. Anglicismos/influência dos Estados Unidos

A palavra “anglicismo(s)” aparece 50 vezes no *corpus*, sendo, portanto, o termo linguístico mais citado (após o termo “palavra(s)”) no total das respostas. Porém, as menções à influência do inglês não estão marcadas apenas pelo termo “anglicismo”, mas, evidentemente, por uma série de outras denominações: *muito aglosaxismo (sic) / muitas palavras em inglês / palavras novas, resultado da combinação dos dois idiomas (espanhol-inglês) / muitos termos anglo-saxões são usados / é muito usado o vocabulário de outros países, como dos Estados Unidos.*

Algumas das referências à influência do inglês são neutras: *nós, ticos, gostamos de falar com anglicismos / é normal ouvir combinações espanhol-inglês / anglicismos (são usados) nos meios de comunicação / permitimos a nós mesmos sermos influenciados pelo inglês, muitas pessoas*

mudam as palavras do nosso idioma por outras em inglês / é falado de uma forma muito popular às vezes com frases em inglês / foi incorporado o uso de “slang” gringas / foi muito incorporado o inglês mal falado, especialmente em locais de lazer, como praias, parece que a pessoa está nos Estados Unidos / influência especialmente dos Estados Unidos, então se fala o “españolês” / combinações de anglicismos e termos vulgares dão como resultado o conhecido pachuquismo / é costume misturar o idioma inglês com o espanhol nas conversas e mesmo quando se escreve cartas / a influência estrangeira pode enriquecer o idioma, mas a “mistura” entre espanhol e inglês poderia ser o início de um novo idioma.

Contudo, o caráter explícito da desaprovação quanto ao uso dos anglicismos e da influência norte-americana em geral é muito mais frequente: *logo será substituído pelo inglês (tem gente que escreve bem em inglês mas não sabe escrever em espanhol) / falamos com anglicismos e com tuteos²² que não nos são comuns / a adoção de anglicismos, muitos deles “castelhanizados”, é fruto do barbarismo que tem contribuído ainda mais para a deterioração do espanhol / é uma pena que na CR sejam usadas diariamente palavras de origem inglesa / agora introduzem anglicismos que fazem com que se perca o nosso idioma / espero que nos esqueçamos dos anglicismos / a influência do inglês está afetando muito a sua pureza / alienação devido à influência do inglês / não gosto da influência do inglês que é promovida nos meios de comunicação / alienação linguística, quase tudo é com termos em inglês, é notório principalmente em jornais e escutado no rádio e na televisão / desmedida influência do inglês, o qual em sua simplicidade técnica substituiu termos mais longos e menos usados do espanhol, ou seja, os anglicismos que avançam engolindo com eles o culto e o puro do nosso espanhol.*

Apesar do destaque abundante que indica aspectos da influência estrangeira, são poucas as referências que trazem exemplos de anglicismos: *por causa dos nossos “ares” de querer parecer “desenvolvidos” introduzimos muitas palavras do inglês, como ok, CD, coffee maker/ carregada de anglicismos ou palavras estrangeiras como “super”, “chiao” (sic), “Miss Costa Rica” / foram modificadas pelos anglicismos, é muito comum dizer “ok” em vez de “está bien” e os barbarismos / influência do inglês, por*

22 Fazer uso do pronome de tratamento “tú”. [N.T.]

exemplo “sandwich” para emparedado / muito influenciado pelo inglês, o que é visto em nomes comerciais, nomes de pessoas, filmes, etc. Retirados de outros grupos de referências: há dizeres como: no me laik, ok, muchos tenkius, buenos mornings / querem pegar palavras de outros idiomas e torná-las espanholas; ex: stiker (sic) por calcomanía.

Ainda em relação ao anglicismo, é frequente a referência para além do idioma, no domínio da cultura norte-americana: *as pessoas imitam muito os gringos / somos copiadores dos EUA / a influência de outras culturas como a norte-americana alterou o nosso espanhol / tem uma grande influência forasteira (Estados Unidos) / a influência de outras culturas dominantes como a dos Estados Unidos é sentida / há muita influência gringa pela publicidade / nos permitimos ser influenciados pelos termos em inglês, pela influência que os americanos têm em nossa cultura.*

Foi encontrada uma única referência ao anglicismo no sentido oposto a de todas as outras (que acusam a marcante influência do inglês): *quase não tem anglicismos. A seguinte referência também é positiva: embora a influência do inglês seja grande, mantém-se bastante nativo.*

3.6.3. Influência da Nicarágua

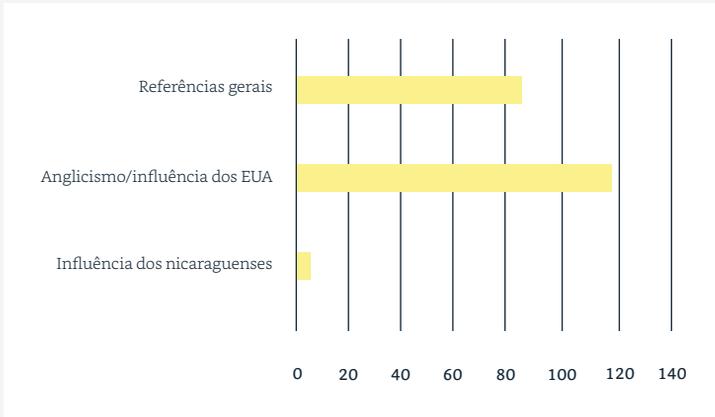
São poucas as referências explícitas à influência do espanhol por imigrantes nicaraguenses (embora em algumas das referências a influência estrangeira, em geral, parece haver uma alusão implícita a este fator, por exemplo: *em certos lugares há um traço importado de outros países vizinhos): há também o problema do sotaque nicaraguense / ultimamente copiam expressões dos nicas, que são erradas / por haver tantos nicaraguenses, o espanhol está se transformando e eles falam muito mal / há muita influência do país fronteiriço.*

3.6.4 Comparação numérica das referências à influência estrangeira

O seguinte gráfico mostra a comparação em termos quantitativos das referências a aspectos específicos da influência estrangeira:

Gráfico 3.6

Referências a aspectos específicos da influência estrangeira



3.7. Conclusão

Tendo revisado todos os tipos de referências específicas que aparecem nas respostas, podemos propor os elementos que constituem a representação mental que F faz do espCR de acordo com a sua frequência.

A tabela 3.7, na página seguinte, compara as referências numéricas e percentuais.

Observa-se que o vocabulário possui frequência abundante na representação mental sobre o espCR. Na consciência geral da língua, a frequência do vocabulário e, em particular, da noção da palavra, é um fenômeno observado por Niedzielski e Preston (2003, p. 266) em sua própria pesquisa sobre a linguística popular, na qual apontam que a “palavra” é o “objeto por excelência da linguística popular”. A influência do inglês segue ao vocabulário em frequência, e a ela segue-se a variação por fatores extralinguísticos, principalmente a região, a classe social e a idade. O nível fonético e principalmente o nível morfosintático apresentam baixo destaque em geral.

TABELA 3.7
 Frequência dos componentes da representação mental do espCR

TIPOS DE REFERÊNCIAS ESPECÍFICAS POR ÁREA	Nº	%
VOCABULÁRIO	246	34
● EspCR tem um vocabulário particular caracterizado por costarriquenhismos, dizeres, pachuquismo, vulgarismo, “chunchismo” e invenção de palavras (especificidade léxica)	116	16
● O vocabulário do espCR é péssimo (valoração negativa)	77	10
● Outros	53	8
INFLUÊNCIA LINGUÍSTICA ESTRANGEIRA	208	29
● EspCR tem muitos anglicismos pela influência dos Estados Unidos	116	16
● EspCR tem muito estrangeirismos	88	12
● Outros	4	1
VARIAÇÃO DIALETAL	127	18
● EspCR varia segundo a região, a classe social e/ou idade das pessoas	102	14
● Outros	25	4
PRONÚNCIA	105	14
● A pronúncia do espCR é péssima	41	5
● A pronúncia do espCR é boa/agradável	18	3
● EspCR tem má pronúncia de r/rr/tr	12	1
● Outros	34	5
GRAMÁTICA	34	5
● EspCR está muito ruim em gramática	15	2
● No espCR os verbos são mal conjugados	10	2
● Outros	9	1
TOTAL	720	100

As respostas a seguir exemplificam alguns dos juízos prototípicos na representação mental que F faz do espCR (o número de identificação do questionário consta entre parênteses):

Há muitos costarriquenhismos que o tornam distinto, se o compararmos com os países de fala hispânica; o voseo o distingue e a pronúncia forte do “rr” também; considero que não existem grandes diferenças entre as províncias, o que sim me chama a atenção é que degenerou o espanhol tico em “pachuco”. Este ficou tão popular que já é utilizado por grande parte da nossa população, principalmente jovens e crianças, e considero de mau gosto usá-lo em comerciais e programas de televisão (5117).

Onde quer que seja que se fale, é sempre em espanhol, apenas com algumas modificações que dependem da cultura e dos costumes de cada região, mas, ao mesmo tempo, acredito que cada vez mais estamos assassinando o nosso idioma com anglicismos inúteis que não o favorecem em nada. (802).

Tem uma boa pronúncia, respeitamos a maioria das regras do idioma, mas falhamos indiscutivelmente no número de palavras utilizadas e no tipo de léxico, usamos muitos anglicismos e palavras não aceitas (1101).

É falado um espanhol aceitável com sotaque suave e pontual, porém há palavras bem típicas de um tipo de costarriquenho bombardeado por influências externas; no estrato de 20 a 30 anos, predomina um espanhol “pachuco” (7116).



Prescrição

4

AB

4.1 Preliminares

No Capítulo 2, explicamos que nas respostas foi possível observar quatro tipos de operações discursivas executadas pelos falantes ao formular opiniões sobre sua língua: descrição, valoração, explicação e prescrição. As três primeiras serão consideradas na determinação dos modelos culturais que emergem das opiniões de F (Capítulo 5). Neste capítulo, vou expor especificamente os dados recolhidos no campo “Prescrição”, o qual havíamos definido como uma menção explícita de ações corretivas que segundo F deveriam ser executadas em relação ao espCR.

A prescrição é uma operação discursiva distinta da “atitude proposicional” (a qual discutiremos na seção 6.1), haja vista que não tem valor de verdade. Isso significa que não se trata de um enunciado falso ou verdadeiro, mas que se trata de uma proposta de ação; não diz o que o espCR é mas o que se deve fazer com ele; por isso, afirmamos que se refere a um enunciado de modalidade deontica em relação às outras três operações, que são de modalidade epistêmica (LYONS, 1980, p. 755).

De acordo com minhas próprias pré-concepções, surpreendeu-me que a tendência de F em oferecer uma prescrição fosse tão baixa: das 600 entrevistas, apenas 88, isto é, um pouco menos de 15%, contém comentários prescritivos. Isso mostra que ao ser questionado sobre o espCR, F tende a enunciar uma opinião sobre sua variedade linguística de forma adequada; e, apesar de sua tendência em apontar aspectos que considera negativos ou positivos, ou seja, sua tendência em valorar, apenas ocasionalmente, acrescenta à atitude proposicional ou epistêmica, um enunciado de caráter prescritivo ou deontico.

4.2 A prescrição vista a partir do sistema especializado

Com a consolidação do descritivismo nas primeiras décadas do século XX, os linguistas profissionais, em particular, tiveram uma atitude declaradamente hostil frente o prescritivismo tradicional da gramática normativa (lembrar da introdução ao *Nuevo Diccionario de Costarriqueñismos* de Quesada Pacheco publicado em 1991, o qual foi amplamente citado na seção 1.5).

O linguista profissional considera que sua tarefa é descrever os fatos da língua; alguns mais ambiciosos, como por exemplo, os que trabalham nas correntes linguísticas funcionalistas e gerativistas (ainda que suas atuações sejam muito distintas), buscam explicar os fatos da língua; mas, em sua grande maioria, os linguistas consideram não somente um erro, mas um horror valorar os fatos da língua: não se pode dizer, a partir do ponto de vista da ciência linguística, que certos fatos da língua são melhores ou piores que outros, pois todos eles cumprem sua função comunicativa e estão a serviço dos usuários.

Para o professor Edward Finegan, os linguistas descritivos se perguntam: “como é a língua: quais são as suas formas e como funcionam em situações diversas?”. De forma contrastante, os gramáticos prescritivistas perguntam: “como *deveria* ser a língua: quais formas as pessoas deveriam usar e para quais funções deveriam servir?”. Finegan responde às perguntas: o que está bem e o que está mal na língua? e “quem decide isso?”. Considerando que o problema real sobre o bem e o mal linguísticos resolve-se em um âmbito mais complexo da rede social:

Repousa em decidir quem ostenta o poder e quem não. Quando se observa a língua como uma forma de capital cultural, adverte-se que as formas estigmatizadas são tipicamente utilizadas por grupos sociais distintos às classes educadas (...). Os linguistas geralmente sustentam a opinião de que a linguagem dos falantes das classes médias educadas não é melhor (nem pior) que a linguagem de outros grupos sociais (...), [embora seja certo que] alguma forma de padronização seja útil em relação à variedade de uma língua, especialmente no código escrito. Também deve-se levar em consideração que as expressões que aparecem nos dicionários e gramáticas não são as únicas

formas corretas e podem não ser adequadas para serem usadas em todas as circunstâncias. São meramente formas para serem usadas em determinadas condições de comunicação.

Outros linguistas são mais conflitivos em relação à condenação da atitude corretiva. Por exemplo, Trask (1999) afirma que o prescritivismo

É a crença de que as pessoas não têm o direito de falar sua língua da maneira que lhes parece natural, mas que deveríamos deliberadamente modificar nossa linguagem para que se adeque às regulações estabelecidas por algum grupo que se auto designa especializado, não importando quão ignorantes e absurdas sejam tais regulações. Os linguistas, em oposição, rejeitam o prescritivismo em favor do descritivismo: a política de descrever as línguas tal e como são faladas (TRASK, 1999, p. 190).

E mais adiante acrescenta:

O prescritivismo não dá muita importância aos fatos reais: trabalha com gostos pessoais e preconceitos e com imposições que vêm de cima (...). Todos estaríamos melhores se essas noções ridículas e errôneas pudessem ser descartadas e esquecidas. Porém, não é provável que isso ocorra porque, embora seja produto da ignorância, essas opiniões adquiriram, pelo menos para algumas pessoas, o status de imperativos morais (Idem, idem, pp. 191-192).

Contudo, a oposição descritivismo / prescritivismo não é tão simples como tradicionalmente se acreditava. Deborah Cameron (1995), por exemplo, em um interessante artigo intitulado "*Problems of 'Prescriptivism'*", questiona a confrontação simplista entre ambas as atitudes. Em suas palavras, "fazer julgamentos valorativos sobre a língua é uma parte integral do uso que fazemos dela e não uma prática alheia e estranha" (CAMERON, 1995, p. 92). O ponto que interessa a Cameron destacar sobre a atitude anti-prescritivista do sistema especializado é que

Em certo sentido, ela reflete precisamente as mesmas atitudes tendenciosas que critica. Todas as atitudes em relação à linguagem e sobre a transformação linguística são fundamentalmente ideológicas e a relação entre ideologia especializada e a ideologia popular, ainda que complexa e conflitiva, é mais próxima do que se pensa. (Idem, idem, ibidem).

Para ilustrar esse argumento, acrescenta:

A versão “popular” valoriza uma quantidade não especificada de “perfeição” e defende a intervenção ativa para proteger [a língua]; enquanto isso, a versão “especializada” valoriza aquilo que os linguistas consideram “natural” – a variabilidade – e, portanto, defendem por deixar a língua em paz. Contudo, nem a visão popular nem a visão especializada é neutra em relação ao que é “bom” a partir do ponto de vista linguístico, e ambas as visões se distinguem em relação à língua (“perfeita” versus “natural”) e aos falantes (“que corrompem a perfeição” versus “que corrompem a naturalidade”). Tanto os linguistas como os não linguistas defendem o que consideram a ordem natural das coisas (Idem, idem, p. 93).

Por outro lado, também é possível encontrar entre os linguistas uma posição menos radical frente à oposição descritivismo / prescritivismo, como por exemplo em Napoli (2003):

Quando consideramos a variação linguística, devemos descartar a ideia dos erros e aceitar a ideia dos padrões. Algumas pessoas seguem um padrão determinado porque seguem um conjunto de regras, outras produzem um padrão diferente porque seguem outro conjunto de regras. (NAPOLI, 2003, p. 112).

Podemos exemplificar essa ideia com fatos da linguagem infantil, onde escutamos as crianças pequenas dizerem: *él sabió, está rompido* etc. O que a criança faz é seguir a regra já aprendida da conjugação regular dos verbos; tipicamente não é, até que os adultos a corrigem (*el supo, está roto*) (ensinando assim à criança uma nova regra linguística: que alguns verbos são irregulares) é que a criança incorpora esse novo vocabulário em sua linguagem.

Em relação aos valores ideológicos associados à fala, Napoli explica:

(...) tendemos a acreditar que a fala daqueles que têm poder político, cultural ou algum outro tipo de poder social é melhor, mas isso tem pouca relação com a estrutura linguística. Pergunte-se para você mesmo quais padrões você está utilizando para julgar a fala dos demais. Essas inquietações, com frequência, reduzem-se à nossa posição política ou à nossa experiência pessoal (o que é familiar para nós?), mas não às regras gramaticais. (Idem, idem, ibidem).

Contudo, assim como muitos outros linguistas, Napoli considera que um uso adequado da variedade linguística padrão, a qual de maneira geral coincide com a norma culta, não pode ser nada menos que benéfico para todos os falantes da língua:

O fato de que a variação da língua seja inevitável e, às vezes, seja resultado de escolhas políticas e estéticas, não significa que as instituições educativas não devam insistir em que as crianças usem com propriedade a variedade linguística que nacionalmente foi estabelecida como a variedade padrão, simplesmente por razões práticas. Não há dúvida de que os preconceitos linguísticos são uma realidade: o adulto que não pode falar ou escrever na variedade padrão se encontrará com uma série de dificuldades, desde conseguir trabalho até avançar na escala social (NAPOLI, 2003, pp. 114-115).

4.3. Comentários prescritivos de F

Os comentários prescritivos produzidos pelos entrevistados em suas respostas representam um continuum de reações que vão desde um prescritivismo semelhante ao que aponta Cameron (1995) no sistema especializado, o qual defende que se evite os juízos de valor, até a prescrição tradicional de tipo normativa, cujo objetivo é o resgate da língua original/ideal/pura.

4.3.1 Comentários semelhantes ao de tipo especializado

Além do comentário típico do sistema especializado de “não valorar”, aqui é incluído um tipo de comentário semelhante ao refletido nas citações de Finegan (s/ ano) e Napoli (2003) da subseção anterior, onde a variedade e também a necessidade de uma forma padronizada da língua são reconhecidas: *não se deve emitir juízos de valores / cada variedade merece ser respeitada, sem considerar a fala de prestígio como única / deve-se conservar (o espCR) e não simular a fala da Espanha / vale a pena conservá-lo e “quem dera” ampliá-lo com novos costarrriquenhismos / (há) muitos costarrriquenhismos que em algum momento deveriam ser aceitos / deve-se fomentar, em parte, a norma padrão; por outro lado, deve-se aceitar que a fala pode e deve se adaptar às condições e circunstâncias do lugar / é importante permitir a livre expressão do idioma para que os costarrriquenhos se comuniquem, porém considero que se*

deve regular oficialmente os usos dos anglicismos nos meios de comunicação / ainda que não tenhamos que variá-lo, como dita a Real Academia Espanhola, porque não é com sua realidade que jogam, mas com a nossa, sempre devemos respeitar algumas leis / (é) importante reforçar o ensino do idioma materno, porém valorizando a fala crioula e os regionalismos / deveríamos eliminar palavras indecentes mas conservar os costarriquenhismos que são parte de nós.

4.3.2 Comentários de tipo prescritivo tradicional

O comentário prescritivo geral é que o espCR *deve ser melhorado*; contudo somente três respostas se limitam a uma prescrição tão restrita. Outros comentários acrescentam elementos que enfatizam a ideia de correção, autenticidade, beleza etc.: *devemos recuperar o verdadeiro idioma “Espanhol” / as pessoas deveriam aprender mais sobre o idioma / falta bastante para que enriqueçamos o nosso idioma / para melhorá-lo, é necessário incentivar as crianças costarriquenhas a apreciar o nosso / devemos ser conscientes do nosso idioma e nos preparar mais a cada dia em nossa linguagem que é tão bela / se fosse falado como realmente foi criado, seria o melhor / trata-se de falar conforme dita a academia / não é uma questão de sofisticar, mas de falar corretamente / é necessário retomar alguns costumes antigos e expressar corretamente em espanhol / é importante dar-se ao trabalho de resgatar o uso correto do espanhol.*

A grande maioria dos comentários prescritivos de tipo tradicional versam sobre diversos aspectos específicos que devem ser corrigidos: *tem que saber pronunciar, escrever e ler corretamente, além disso, saber desenvolver uma boa conversação com as palavras corretas / é uma linguagem muito completa e bonita mas para que se possa enxergá-la dessa forma é necessário aprender a falar bem, começando pelo significado das palavras e terminando no emprego delas / deveria ser melhorado, as pessoas devem se preocupar mais para melhorar seu vocabulário, expressar-se de uma forma que utilizem certas palavras adequadamente; é muito importante que seja dada ênfase no espanhol e qual é o seu uso correto, principalmente em relação ao conhecimento da pronúncia correta das palavras / as regras do nosso idioma deveriam ser mais difundidas para que os casos em que são mal empregadas, sejam corrigidos / é importante resgatar o uso correto do idioma, manter o respeito aos demais e chamar cada coisa por seu nome e não por apelidos como acontece na atualidade /*

sinto muita vergonha ao escutar canções com letras que deixaram de lado nosso belo idioma e converteram-no em um novo dialeto; vale a pena lutar para resgatar nosso idioma / deve-se lutar para ir recuperando paulatinamente sua forma de escritura e sua forma de ser falado corretamente / deveríamos deixar de modificar tanto nosso vocabulário o idioma (sic); e como diz o ditado “todo mal se pega”, deveríamos buscar a “medicina” para ele.

4.3.3 Ações corretivas específicas

Algumas respostas recomendam especificamente ações que contribuiriam para a “melhoria” do espCR; entre elas, a mais frequentemente mencionada é a leitura: *(o uso adequado do espCR) pode ser inculcado mediante a boa leitura / perdeu-se muito o interesse pela leitura, o que ajuda(ria) a melhorar a linguagem e a formar opinião / lendo livros, assim melhora ainda mais / o impulso da leitura desde a infância poderia ir curando os problemas de expressão em nossa sociedade / o voseo é respeitado mas é necessário abarcar a forma tú e usted; a leitura na língua castelhana poderia ajudar nisso / deve-se melhorar a pronúncia daquelas palavras onde aparecem r, rr, tra, tre, tri etc.; a população costarrriquenha deve aumentar a leitura e assim enriquecer o vocabulário / perdeu-se o hábito de ler que tanto ajuda a melhorar a fala do espanhol.*

88

Em segunda instância é recomendado evitar a influência de outras línguas: *deveriam ser utilizadas palavras do espanhol tal qual são e evitar usar palavras em inglês quando já há palavras em espanhol para designar um mesmo objeto, palavra ou situação / seria melhor se no lugar de usar tanto vocábulo estrangeiro, buscássemos em nosso idioma, que por si é muito rico / é necessário protegê-lo de outros idiomas já que querem tomar palavras de outros idiomas e torná-las espanholas.*

Evidentemente, assim como já havíamos visto amplamente no capítulo anterior, a preocupação pelo vocabulário é fundamental: *devemos corrigir algumas palavras, já que como bons ticos as pronunciamos e as escrevemos mal / é necessário conhecer mais vocabulário / Faz-se necessário um maior conhecimento sobre algumas palavras que usamos / (a existência de variantes não é um problema), o que é problemático é o mínimo esforço que se empenha em nível nacional para enriquecer o vocabulário.*

Ainda que de forma apenas ocasional, a correção e o diálogo também

são mencionados como ações que poderiam ter relevância na melhoria do espCR: *se corrigíssemos as pessoas, nosso idioma seria muito melhor / o diálogo ajudaria a melhorar o espanhol.*

4.3.4 Responsabilidade das instituições sociais

Como era de se esperar, a instituição social à qual os falantes prescritivos atribuem a maior responsabilidade em relação ao estado do espCR é o sistema educativo: *o que falta é que os educadores ensinem aos alunos a falar corretamente / é urgente que os professores realizem uma campanha que motive as crianças, que produza nelas interesse em falar um espanhol mais culto, alcançar que se identifiquem com nossa língua para que rejeitem as más influências externas / deveria ensinar às crianças, desde a escola, a falar o verdadeiro espanhol / deveria ser oferecida uma melhor educação na escola de gramática, fonética e outras / nas escolas e nos colégios não se tem dado a ênfase que se deveria dar à escrita e por isso, atualmente, observa-se uma grande quantidade de pessoas com má ortografia (e) caligrafia / é necessário preparar o professor para que se fale bem desde criança / falta educação para que as pessoas saibam usar corretamente as palavras; como é possível que, em um país onde a educação primária é “gratuita”, as pessoas não saibam utilizar bem a linguagem / a educação do idioma espanhol ministrada pelo governo nas escolas e colégios ajuda muito para o uso correto do mesmo / as instituições educativas devem estimular os educandos para melhorar a forma de falar / é um espanhol que precisa ser incorporado tanto nas escolas primárias como nas secundárias, que é necessário ser corrigido desde que se entra na escola para ir melhorando a cada dia / poderia ser melhorado via campanhas educativas / nos últimos anos o Ministério de Educação Pública, por dar ênfase em um segundo idioma, descuidou do espanhol / seria bom que o Ministério de Educação e diferentes entidades governamentais e a sociedade civil nos preocupássemos em resgatar muitas coisas (do idioma) que nos escaparam / são poucas as pessoas que dão a importância que os aspectos relacionados ao idioma merecem; seria recomendável dar maior importância desde o primário; uma grande população de estudantes universitários não sabe redigir e não conhece nem as regras básicas de ortografia, deixando muito a desejar de um futuro profissional; se, desde a infância, fosse dada mais ênfase ao bom uso da língua materna, criaríamos uma maior consciência / há muitas coisas a serem feitas na*

educação em relação ao espanhol / o ensino deveria ser mais rígido em relação à pronúncia do nosso idioma / na educação desde pequenos não lhes é ensinado a forma correta de falar; a ortografia é muito ruim / deve-se trabalhar bastante na educação primária para aos poucos ir eliminando o pobre vocabulário que a juventude tem, claro que nem toda, somente uma maioria que afeta, de maneira geral, o que é falado e como é falado / a culpa talvez não seja nossa, mas talvez se deva a tantas culturas que adotamos e à má educação nas escolas primárias que não nos corrige / em geral, nós, costarrriquenhos, temos que aproveitar o tempo, buscar livros educativos, o que deve começar com os métodos de educação das escolas e colégios, e dessa forma, ter mais crítica com um vocabulário correto sobre os acontecimentos diários.

Alguns sujeitos prescritivos apontam, além do sistema educativo, outros agentes sociais que intervêm especialmente no “mau estado” do espCR: *é importante cuidar do uso do espanhol na publicidade, na televisão, nos centros educativos, lugares como esses influenciam poderosamente as pessoas e adotam outras línguas (especialmente o inglês) para impressionar (ação em si que leva em suma à legitimação do inglês como língua de prestígio e do espanhol como língua inferior) o que incide na deformação e no desuso do espanhol / os meios de comunicação, longe de educar, levam nossa cultura ao retrocesso; nas escolas e nos colégios a leitura não é incentivada, de modo que se copiam modismos, o que faz com que (nossa língua) seja convertida em uma forma vulgar da fala; erros evidentes de ortografia são cometidos, o que evidencia a falta de leitura e falta de conhecimento do idioma.*

Finalmente, os falantes atribuem ocasionalmente, em seus comentários prescritivos, um papel específico aos meios de comunicação e ao âmbito doméstico: *se alguém ler a coluna de idioma do jornal La Nación percebe que quando falamos é feito, em muitos casos, um uso inadequado de termos e conceitos / na TV deveriam dar mais ênfase ao vocabulário, à pronúncia e à formação de orações / nos meios de comunicação, alguns programas, longe de ajudar a aperfeiçoar o idioma, são uma influência negativa especialmente aos jovens / aprendendo em casa, se os pais tem instrução, os filhos terão um melhor vocabulário / nós os pais devemos fazer um pacto (e evitar) que nosso belo idioma vá desaparecendo na juventude futura.*

4.4 Conclusão

Resumidamente, vale a pena reiterar que a tendência de F em prescrever sobre espCR é baixa, considerando que somente 15% dos entrevistados ofereceram comentários explicitamente, ou ao menos intencionalmente, prescritivos, pois, como o leitor pode ter observado, não são todas as respostas que têm o formato de prescrição, em outros termos, nem sempre a prescrição aparece formulada com expressões deônticas como deve-se, deveria, é necessário (fazer x) etc.

Já no âmbito da atitude prescritiva, F atribui à instituição educativa oficial a responsabilidade de melhoria do idioma e a ação corretiva que emerge com maior frequência é a leitura. Em relação ao último, permito-me fazer um comentário valorativo: deve-se reconhecer que a teoria popular, nesse sentido, anda por um bom caminho.

Modelos culturais sobre o espCR

5

5.1. Preliminares

No capítulo 3, analisamos as respostas de acordo com os elementos proeminentes ou frequentes da língua, tendo em vista dar uma ideia da representação mental que os falantes (F) fazem dela. Nessa análise, verificou-se que F tende a manifestar-se principalmente em relação ao vocabulário e, em segundo lugar, sobre a influência estrangeira. Neste capítulo, retomamos as respostas agora em seu caráter discursivo global e buscamos determinar o modelo cultural ao qual cada resposta se insere.

No início desta pesquisa, minha intenção era descobrir qual era o modelo cultural que se refletia nas opiniões dos falantes. Porém, à medida que avancei nas análises, percebi que não era possível falar de um único modelo, mas que os falantes refletiam claramente diversas posições. Com isso, percebi que ao comentar sobre sua língua, utilizavam esquemas ou modelos diversos e que, em algumas respostas, esses esquemas apareciam combinados ou justapostos.

Ao final da análise, percebeu-se que poderíamos falar de quatro posições claramente identificáveis, que aqui proponho como modelos culturais aos quais os falantes recorrem quando são questionados em relação à sua opinião sobre sua língua.

Na maioria dos casos (470 de 600), a resposta reflete claramente um dos quatro modelos; entretanto, em 22% (130 respostas) encontramos a sobreposição ou justaposição de dois deles. É provável que a combinação de mais de dois modelos pudesse inclusive ter sido determinada em alguns casos, mas essa opção não foi investigada. Escolhi, assim, o reconhecimento do modelo puro e a combinação de dois dos modelos, somente.

Antes de observarmos as reações de F classificadas de acordo com os modelos culturais que elas refletem, é necessário mencionar o tipo de proposição às quais as respostas fazem referência. Já foi discutido no capítulo 2 que uma teoria popular é uma explicação baseada em um corpo de proposições às quais F atribui valor de verdade. Convém, portanto, estabelecer o tipo de proposição à qual estamos nos referindo, para, na sequência, definir os modelos culturais propostos como conjuntos de proposições explicativas sobre o objeto em questão: espCR.

De acordo com Richard (1997, p. 197), as atitudes proposicionais podem ser definidas em termos muito amplos como relações, tais como crença, desejo, conhecimento, compreensão, suposição etc. entre a mente e as proposições. Mais especificamente, tais atitudes podem ser identificadas com estados mentais que normalmente possuem condições de verdade, na medida em que envolvem uma representação de tal relação. Os estados mentais, como as atitudes proposicionais, distinguem-se dos estados perceptivos como “ver”, “ouvir” etc.

As atitudes proposicionais são relações binárias entre indivíduos e proposições, que se manifestam na seleção de verbos de atitude, como “acreditar”, “afirmar”, “desejar”. No caso das opiniões coletadas nesta pesquisa, os verbos de atitude mais frequentes são: “opinar” (explícito na questão do questionário), “pensar”, “considerar”, “acreditar” ou expressões de ponto de vista (também chamadas “quadros de perspectiva” em Gutiérrez Ordóñez, 2000) tais como “em minha opinião”, “para mim” etc. A função de sujeito da proposição é do espCR, tal qual definido na seção 1.5. Desta forma, as opiniões de F são atitudes proposicionais que podem ser esquematizadas da seguinte forma:

F v (opina, etc.) que p (espCR SUJ é + atributo)

Em síntese, as atitudes proposicionais, que são coletadas neste estudo, podem ser caracterizadas como relações complexas entre o indivíduo (F), uma representação (espCR) e um conteúdo representacional que é constituído por uma proposição (p).

Na codificação das respostas na base de dados, foi omitida a primeira parte do esquema (*acho que, na minha opinião, para mim, considero que, penso que, parece-me que etc.*) e apenas a opinião em si foi conservada, isto é, p, desde que a omissão não distorcesse a resposta.

Observamos na seção 2.4, que as opiniões podem ser analisadas segundo as operações discursivas que F realiza ao emitir opiniões, como uma **descrição** (D) ou uma **valoração** (V) seguida de uma **explicação**. Essa tendência de justificar ou tornar explícitas as causas de D/V é o que nos permite falar de uma teoria popular: uma explicação do fenômeno que é descrito ou é valorado. Dos 600 questionários, 401 oferecem uma explicação que aparece explicitamente relacionada a D/V por meio de conectores causais, tais como “porque”, “já que”, “devido a”, “pois” ou simplesmente justaposto.

Essa elaboração discursiva, em que F opina que o espCR é X porque Y, é a base sobre a qual mais adiante delinearemos os modelos culturais refletidos nas respostas. Para tanto, interessa-nos destacar que a proposição p (espCR é + atributo) aparece, geralmente, complementada por um número variável de proposições relacionadas à proposição atributiva por meio de conectores causais. Veremos também que a proposição básica pode ser adversamente relacionada a uma série de proposições por meio da conjunção “mas” ou equivalentes. Sendo assim, ao definir os modelos como um conjunto de proposições, teremos uma proposição atributiva básica, “espCR é + atributo”, relacionada, causal ou adversamente, a uma série de proposições (q):

espCR é + atributo (PORQUE q) / (MAS q)

Na seção a seguir, apresentamos a descrição dos modelos com seus respectivos exemplos e sua caracterização como conjuntos organizados de proposições. Como modelos culturais que são, baseiam-se em conjuntos de conceitos prototípicos, tal como foram discutidos na seção 2.3. Para cada um deles, devemos inferir o conjunto de proposições prototípicas que definem cada modelo da lista de opiniões expressas por F. A frequência com que certos fatores explicativos são convocados é o que nos permite configurar o modelo.

5.2. Descrição dos quatro modelos culturais

5.2.1. M1: O modelo sociolinguístico: a variação ou diversidade como normal

Vejamos a seguinte descrição do espCR:

É um dos resultados do idioma castelhano, adaptada ao nosso meio; nosso espanhol é muito nosso; não só contém palavras originárias da Espanha ou das regiões de onde era falado, mas também palavras nativas que são muito nossas; o jeito como se fala na CR é o resultado da transformação e adaptação ao nosso meio (4502).

Desta descrição, percebe-se uma visão não valorativa do espCR, pela qual a variedade linguística é concebida como resultado, o que implica sua evolução normal; como muito nosso, o que sugere sua particularidade em relação a outras variedades linguísticas. É feita referência ao vocabulário, que *como vimos*, é normal na representação mental que F faz do espCR; o falante reconhece que o vocabulário de uma língua tem um componente geral, comum a todas as suas variedades, e um vocabulário *nativo*. Finalmente, a descrição termina com uma conclusão genérica, aplicável a qualquer variedade, enfatizando o fato de que uma variedade linguística é o resultado de *transformação e adaptação*.

Este primeiro modelo, que chamo de “modelo sociolinguístico”, tem como premissa a variação ou diversidade como algo normal e típico de uma variedade linguística. EspCR é visto como mais uma forma do espanhol, com suas características particulares, e nenhuma valoração sobre o fato é oferecida. Eu o chamo de sociolinguístico porque coincide com a posição do sistema especialista, por exemplo, a linguística científica, pela qual a variedade linguística em estudo não é avaliada, apenas são descritas as suas características (seção 4.2).

Esse modelo se reflete em 163 respostas (27% dos entrevistados). Em 119, ele aparece como um modelo puro (e, portanto, nenhuma valoração é refletida nas respostas). Nos 44 casos restantes, é combinado com algum outro modelo, do qual emerge a avaliação do falante.

A seguir estão exemplos de M1 em sua forma pura:

O espanhol da CR é esse jeito particular que nós, os costarriquenhos, temos de nos comunicar, é a expressão dos nossos sentimentos, do nosso cotidiano vivido, reflete o ser costarriquenho real; cada povo tem sua forma de expressar seus sentimentos e pensamentos a respeito das experiências que o cercam (4605).

É falado um espanhol muito “ao estilo *tico*”, muito popular, que vem dos nossos antepassados e com as mudanças que as novas gerações fizeram (4816).

A CR tem zonas culturais muito diferentes, diferentes modos de vida levam a diferentes formas de expressão; as pessoas de Naranjo e San Ramón “falam” diferente das pessoas de Guadalupe, que falam diferente das de Heredia, e isso apenas no Valle Central, sem falar em áreas como Guanacaste e Limón, e sem levar em consideração a diversidade de dialetos; mas, ao meu entender, nós ticos, principalmente do Valle Central, notamos pouco as diferenças e também acreditamos que falamos de forma “preciosa”: não comemos os “s” como os nicas e quase todos os demais centro e sul-americanos. Somos tão etnocêntricos com os outros países da América Central que nossa maneira de falar nos parece ser a melhor de todas, a mais fina, a mais sofisticada (3706).

É singular pois cada região goza de características próprias e isso torna seu estudo interessante, porque é possível diferenciar a CR de outros países e seus falantes (4004).

É típico dos costarriquenhos; são usadas palavras que na CR têm um significado diferente de todos os outros países de fala hispana (4606).

É muito diverso, dependendo da região; reflete diversidade de culturas ou misturas de culturas que se deram em nosso país em épocas anteriores (4719).

O corpo de proposições que configura este modelo é o seguinte:

- O espCR é uma forma particular do espanhol, com características próprias;
- O espCR nos identifica;
- Como qualquer outra variedade linguística, é variável;
- Como todas as variedades linguísticas, muda e evolui;
- É apropriado/funcional;
- Tem seu próprio vocabulário;
- É influenciado por outras línguas.

5.2.1. M2: a lealdade crítica: é bom, mas...

Observemos agora a seguinte resposta:

O espanhol em si é bom, mas há muitas pessoas (me incluo) que não o empregam corretamente; temos muitos costarriquenhismos que fazem parte de nós, mas temos muitas palavras que qualifico como indecentes e que deveríamos eliminar (3304).

Essa opinião é parte de uma valoração positiva do espCR: é bom, seguido por um comentário adverso introduzido pelo *mas*. Nessa resposta, a conjunção adversativa *mas* introduz o defeito que F atribui ao espCR, neste caso de carácter geral: o seu uso é incorreto. Na segunda parte do seu comentário, F relativiza sua visão crítica, iniciando com um elemento positivo: *costarriquenhismos que fazem parte de nós, para voltar a confrontá-lo com o negativo: palavras indecentes*. Nesse caso, também vemos que o julgamento geral é complementado pela referência específica a vocabulário.

Eu chamo esse segundo modelo de “modelo da lealdade crítica”. Sua premissa é que o espCR é basicamente uma variedade “boa”, mas apresenta alguns ou muitos defeitos. Chamo isso de lealdade crítica porque parte de uma valoração positiva que reflete um certo grau de lealdade, mas essa lealdade recebe nuances de uma visão crítica segundo a qual nosso espanhol não é o que deveria ser ou que deve ser, em certo sentido, “melhorado”. Neste modelo, também foi incluído o tipo de reação que avalia o espCR como “regular”, com a consequente indicação de virtudes e/ou defeitos. Este modelo é refletido em 158 respostas (26%): em 110 como um modelo puro e, nos 48 casos restantes, combinado com algum outro modelo.

A seguir estão exemplos de M2 em seu modo puro:

É falado um espanhol bom, mas algumas pessoas decidiram degenerá-lo tanto na escrita quanto na pronúncia; a fala tem sido afetada de forma mais perceptível, haja vista uma influência negativa notada nos meios de rádio e TV, onde figura muito o sotaque popular baixo (típico dos pachucos), vulgar; além disso, nota-se uma deterioração na escrita e ortografia básicas porque as pessoas quase não lêem livros, jornais, revistas etc. (3606).

Não é o mais adequado, mas é melhor do que o de outros países; na CR falam-se muitas palavras tiradas de outros idiomas, às vezes me parecem corretas porque estou acostumado a ouvi-las (3107).

Em termos gerais fala-se bem, porém ocorrem vários fenômenos: o costarriquenhismo se mantém em uma geração de origem camponesa, mesmo vivendo na cidade, há uma grande influência de outros idiomas e de outros países devido aos efeitos da abertura que vive o país, por conta do turismo e dos imigrantes em nosso território; os meios de comunicação também influenciam a deterioração do nosso idioma (2103).

É nosso idioma, mas foi deteriorando já que as frases longas são resumidas em uma palavra e é falado somente com sinais, com códigos etc. que, em certas ocasiões, mostram-se incompreensíveis (2204).

O espanhol é bom, ainda que haja algumas palavras que devemos corrigir, haja vista que como bons ticos as pronunciamos e as escrevemos mal (3313).

É bom, mas acho que nos deixamos influenciar pelo inglês, muitas pessoas trocam palavras do nosso idioma por outras em inglês (3513).

É bem falado já que é um dos lugares onde não se nota um sotaque marcado como em outros países, mas também há um abuso do uso de certos termos que não aparecem em um dicionário e temos que adivinhar para saber do que se trata (5113).

O espanhol é falado de forma regular já que algumas palavras são mal pronunciadas e muitos anglicismos são usados (3002).

Regular, com seus costarriquenhismos e folclore urbano (6711).

Regular, misturou com todo tipo de anglicismos (2501).

O corpo de proposições explicativas que compõe este modelo é o seguinte:

EspCR é uma variedade linguística basicamente “boa” que, no entanto, apresenta vários problemas porque:

- A influência externa é excessiva (influência negativa dos eua, do inglês em particular, e dos imigrantes);
- É influenciado pelos meios de comunicação;
- A qualidade da educação é desigual;
- Foi vulgarizado;
- Existem muitas disparidades nos fatores sociais;
- O regionalismo o determina;
- Diverge da norma da real academia espanhola;
- Os jovens o modificam;
- Tem problemas específicos de pronúncia;
- Tem problemas específicos de vocabulário;
- Tem problemas de clareza na comunicação;
- Apresenta uma combinação dos problemas anteriores.

5.2.3. M3: A nostalgia pelo bem perdido: desaprovação absoluta

A resposta a seguir é um exemplo típico do terceiro modelo:

Idiomáticamente, somos um país preguiçoso, sem espírito exploratório no uso do espanhol; não é só culpa do que importamos para a nossa linguagem, é que não valorizamos a virtude de ter uma língua materna considerada pelos linguistas como uma das mais belas e puras, o que não interessa muito a nós, costarriquenhos, que preferimos carregar o nosso idioma com pachuquismos, modismos, anglicismos para uma comunicação simples e esquálida (2101).

A valoração negativa do espCR, nessa resposta, aponta inicialmente para os falantes: o país como um todo é *idiomáticamente preguiçoso*, o que F quer enfatizar é o desinteresse dos costarriquenhos por sua língua. Mais uma vez, o problema centra-se no vocabulário, carregado de *pachuquismos, modismos e anglicismos*. Apela-se à autoridade do sistema especialista (*os linguistas*) para contrastar o que se entende como o “verdadeiro” espanhol (*língua bela e pura*) com o espCR, uma variedade comunicativa *simples e esquálida*.

Este modelo, que chamo de “modelo da nostalgia do bem perdido”, implica a concepção de um estado anterior da língua no qual as coisas

eram definitivamente melhores. É um modelo valorativo cuja premissa é sustentada na noção de que o espCR é uma variante do “verdadeiro espanhol”, concebido como um estado de língua ideal/pura/perfeita. Nossa variante é descrita como: *deformada, desvirtuada, contaminada, desprestigiada, degenerada, deteriorada, alienada* etc. A valoração negativa neste modelo é absoluta e é o modelo majoritário, o qual se reflete em 222 respostas (37%): em 202 aparece como um modelo puro e em 20 é combinado com algum outro modelo.

A seguir estão os exemplos de M3 em seu modo puro:

Não sabemos falar bem; é uma mistura entre o espanhol e o vulgarismo, ou seja, uma zombaria à língua espanhola (3920).

É muito mal falado pois nós, ticos, omitimos muitas letras por preguiça às vezes; comete-se muita falha na pronúncia, escrita e leitura (1510).

Ultimamente fala-se muito mal, em razão da falta de estudo acadêmico (4012).

O espanhol, assim como a maioria das coisas, foi muito alienado; criou-se dizeres, nomes de coisas e inclusive de pessoas que não são nossa forma de falar (4103).

É falado de maneira muito popular e limitado; o espanhol é um idioma muito extenso e diverso, mas nós, costarriquenhos, não o conhecemos totalmente e, por isso, não o falamos corretamente (3917).

Muito mal falado, porque são inventadas palavras que não estão na Real Academia Espanhola; os estrangeiros estranham a nossa linguagem (3911).

Nosso idioma está contaminado com anglicismo; o anglicismo nos invade há muito tempo, então, atualmente, não falamos o verdadeiro espanhol em si; e também encontramos um idioma degenerado pela prática de frases rápidas (3905).

Foi limitado a um léxico e expressão gramatical muito reduzida, devido ao baixo nível educacional da população costarriquenha em geral (3902).

Fala-se muito mal; com o tempo, foi piorando sua qualidade; o

costarriquenho não pronuncia bem o “rr” e há muitas influências estrangeiras que foram distorcendo o nosso idioma (3805).

A linguagem é desvirtuada por uma combinação de anglicismo e vulgarismos que resulta no conhecido pachuquismo; o costarriquenho perde inclusive a forma de se comunicar porque desde pequeno se vê influenciado por correntes negativas de outras culturas (3703).

O corpo de proposições que configura este modelo é o seguinte:

O espCR é uma variedade linguística péssima porque:

- Tem graves problemas de vocabulário: os pachuquismos e os estrangeirismos (particularmente, os anglicismos) o degeneraram;
- Tem problemas com o significado das palavras e seu uso correto;
- O vocabulário é escasso;
- A pronúncia é muito ruim;
- A educação não foi capaz de resolver o problema do idioma;
- Os jovens o estão degenerando;
- Os meios de comunicação exercem uma influência negativa;
- Tem um problema de atitude nas pessoas;
- Tem problemas de gramática;
- Apresenta todos ou uma combinação dos problemas anteriores.

102

5.2.4. M4: A lealdade incondicional: aprovação absoluta e comparada

Finalmente, observemos a seguinte resposta:

Ele é o melhor espanhol da América Central; é falado com clareza, sem sotaque nas frases; o espanhol é claro e fácil de entender para os falantes hispânicos. (2403)

Nesse caso observamos a aprovação comparada com a América Central. Os elementos com os quais F justifica sua valoração positiva são que é *claro, fácil de entender e sem sotaque*.

Este modelo, que chamo de “lealdade incondicional”, parte da premissa de que o espCR é uma variedade absolutamente boa ou comparativamente boa e sem indicações de defeitos, refletindo um grau de lealdade total ao espCR. Este modelo é refletido apenas em 57 registros

(9,5%) como um modelo puro (39) ou um modelo combinado (18). A seguir estão exemplos de M4 em seu modo puro:

O espanhol da CR é o que mais gosto; tem excelentes “dizeres”, sotaque agradável e não usamos “tú”, ponto positivo; deixamos o “arcaísmo” na Espanha, graças a Deus (3502).

Muito melhor do que no resto dos países da América Central (3433).

Falamos bastante bem; graças ao nível de alfabetização que temos o utilizamos de forma correta (2003).

É importante frisar que existe uma alta porcentagem de costarrriquenhos que utilizam o idioma em sua forma correta (4810).

Fala-se bem, porque a educação é oferecida para todos (3206).

É bom; fala-se de forma bastante clara, sem muita influência de linguagens estrangeiras, existem algumas palavras e expressões forasteiras muito usadas, mas são, em geral, poucas (3106).

É o melhor no nível centro-americano; é muito elaborado, quase não tem anglicismos (2907).

É bom, não me queixo (2807).

Em geral, o costarrriquenho fala e articula muito bem, em comparação com os demais países latino-americanos; CR e Colômbia são os países onde é melhor pronunciado (2803).

Fala-se melhor que em muitos outros países da América Latina (2205).

Na CR tem-se falado um bom espanhol como idioma; melhorou bastante nos últimos anos por meio do sistema educativo que temos (4840).

É um dos mais puros que se fala na América Latina; é um dos mais parecidos ao da Espanha (406).

É bom; sempre com essa idiosincrasia que caracteriza o tico (1804).

É um espanhol muito bom; tem suas próprias coisas, como o vos, o léxico particular aplicado aos elementos da Costa Rica e o sotaque (4603).

A lealdade demonstrada neste modelo pode ser absoluta ou comparada, no sentido de que se manifesta em comparação com os espanhóis de outros países, geralmente da América Central (AC), mas ocasionalmente também da América Latina (AL).

O corpo de proposições que configura este modelo é o seguinte:

EspCR é (muito) bom / o melhor de (AC, AL) porque:

- Nos expressamos com clareza e com boa dicção;
- Temos um nível muito bom de alfabetização/sistema educacional;
- Não temos sotaque;
- Não copiamos os estrangeiros;
- É rico/elaborado/adequado;
- Tem sua própria idiosincrasia;
- É homogêneo.

5.2.5. Relação de frequência dos modelos

No gráfico a seguir são comparadas as frequências de cada modelo no total dos 600 questionários:

104

GRÁFICO 5.1
Relação de frequência dos modelos



5.3. Combinação dos modelos

Todas as combinações possíveis encontram exemplificação no corpus, a despeito do fato de que a combinação de certos modelos pode ser abertamente contraditória, o que ilustra um aspecto da teoria popular, conforme discutido no Capítulo 2. A tabela a seguir mostra a frequência das doze combinações possíveis (todos os exemplos de combinações estão incluídos em Jara Murillo, 2006):

TABELA 5.2
Frequência de combinação dos modelos

Modelo (total)	M1(163)	M2 (158)	M3 (222)	M4 (57)
Puro	119	110	202	39
Com M1	-	24	14	9
Com M2	15	-	3	8
Com M3	20	7	-	1
Com M4	9	17	3	-

Observa-se que as combinações mais frequentes são: M2 (lealdade crítica) com M1 (modelo sociolinguístico): 24 registros; M1 com M3 (nostalgia): 20 registros; e M2 com M4 (lealdade incondicional): 17 registros.

É necessário fazer algumas advertências sobre a classificação proposta. Primeiro, assim como é possível que, em algumas respostas, mais de dois modelos se reflitam, como já apontei, também é possível que algumas combinações possam ser reduzidas a modelos puros. Isso requereria uma análise mais detalhada e, sem dúvidas, requereria um componente mais interpretativo por parte do pesquisador. No lugar de dar esse passo seguinte, quis mostrar que na teoria popular

a combinação de modelos é possível e frequente, não significando um conflito para F. Tal como vimos no Capítulo 2, distintos modelos culturais operam em mundos onde “as contradições coexistem em feliz harmonia” (KEESING, 1987, p. 374, cap. 2, seção 2.4).

Em segundo lugar, a classificação do que considerarei como a combinação de modelos, em particular, de um modelo principal com um modelo secundário, é uma premissa que deverá ser aprofundada. Devo advertir que tal classificação foi uma tentativa e foi feita fundamentalmente com base em um critério intuitivo. Uma classificação mais justa requer técnicas especializadas na análise do discurso e, então, poderia constituir-se como material para uma futura pesquisa.

5.3.1 M1 combinado com outros modelos

Nos exemplos a seguir do modelo sociolinguístico, percebe-se a presença de componentes da lealdade crítica (M2):

É um espanhol interessante, singular; devido a diversas circunstâncias foi se desenvolvendo no que conhecemos, escutamos e falamos; não obstante, há variantes que se situam nas distintas regiões do país e dão uma grande variedade de nuances ao idioma. Como se diz, a língua é determinada por uma série de fatores como o ambiente geográfico e cultural dos falantes, a influência de distintos grupos étnicos, a proximidade de fronteiras e, conseqüentemente, de outras manifestações do idioma; além disso, ao acesso a determinados meios educativos e as atividades das pessoas que também atuam como determinantes. O espanhol da CR, apesar do pequeno tamanho do país, parece-me rico em suas diversas nuances, com uma bagagem de vocábulos, expressões idiomáticas e um sonoro “vos”. Contudo, preocupa-me o uso excessivo de estrangeirismos que já não são necessários e evidenciam um problema que é mais que idiomático, parece quase que espiritual (4604).

Escutamos diariamente e nos acostumamos a viver com nosso idioma espanhol muito ao estilo tico, cheio de dizeres e diminutivos, assim como o “pachuquismo”; acredito que (é) bom mas deveria ser oferecida uma melhor educação em relação à gramática, fonética e outros desde a escola (906).

No geral é bom, ainda que sejamos muito inclinados ao anglicanismo (sic) e aos pachuquismos, mas, na maioria das vezes, sabemos o que dizer de acordo com a ocasião (702).

Como é falado é parte da nossa idiossincrasia; ainda que muitas conjugações gramaticais não sejam corretas (312).

Cada país desenvolve seu próprio idioma; na CR não se fala o espanhol como se deve, segundo as regras gramaticais e da linguística; contudo, o idioma é parte da identidade do povo, o qual deve aceitá-lo; é bom, se o povo se identifica com ele (4403).

Cada país ou região (inclusive dentro de um mesmo país) adota uma forma diferente; a maioria das pessoas na CR falam de um jeito bom, mas são poucas as pessoas que escrevem corretamente (4109).

A forma como se fala o espanhol depende da área socioeconômica; em geral, pessoas com um alto nível cultural e de educação tendem a falar de forma mais correta (2702).

Varia de acordo com o grupo social, mas o espanhol coloquial predomina; são poucas as pessoas que têm uma linguagem mais elevada, mas existem (1429).

Nos exemplos a seguir do modelo sociolinguístico, percebe-se a presença de componentes da nostalgia pelo bem perdido (M3):

É muito variável, por exemplo, na capital, o vulgar utiliza termos pachucos difíceis de entender para uma pessoa do campo e o contrário também ocorre; o espanhol, em geral, está em decadência, o que é uma pena (3428).

Não acho que se fale mal, porque cada país tem seu próprio idioma e nós falamos o espanhol costarricense (mas) comparando com o da Espanha, aí sim, o nosso é péssimo (7306).

É um espanhol com o qual todos nós entendemos, com suas diferenças dialetais; é pobre no vocabulário, devido à influência dos meios de comunicação (4008).

Tem diferenças idiomáticas, ou seja, não é homogêneo, mas sim, há pronúncias diferentes; agora introduzem anglicismos que fazem com que se perca nosso idioma (4009).

É muito variado; varia de acordo com a idade; ultimamente

foi incorporado o uso o “slang” gringo, infelizmente perdeu-se muito o uso de palavras tradicionais (1303).

É uma mistura entre o espanhol que herdamos de nossos colonizadores e aquele idioma que nossos antepassados foram forjando; utilizamos formas incorretas gramaticalmente, em algumas ocasiões, especialmente em zonas rurais, para nos expressar (3542).

Não é o espanhol que deveria ser falado em sua forma correta, mas cada país adota seus dizeres e faz mudanças; em diferentes países encontramos grandes diferenças (504).

Foi objeto de um processo de regionalização no qual termos da gíria popular são incorporados e são considerados pelas pessoas como parte do espanhol; o mesmo ocorre nos diferentes campos de trabalho, nos quais os profissionais possuem uma linguagem técnica que consideram como uma ampliação do espanhol, e não como o que é, um vocabulário técnico independente; como parte dessa regionalização do idioma, existe uma grande quantidade de palavras que as pessoas de outros lugares não compreenderiam, além disso, em muitos casos o espanhol é mal empregado, tanto gramatical como sintaticamente (5107).

Há muitos costarriquenhismos que o tornam singular em comparação com os países de fala hispana; o voseo o distingue e a pronúncia acentuada do “rr” também; entre províncias considero que não há grandes diferenças, o que sim me chama a atenção é que o espanhol tico foi deteriorado em “pachuco”, este ficou tão popular que já é utilizado por grande parte da nossa população, principalmente jovens e crianças, e considero de mau gosto que seja utilizado nos anúncios comerciais e programas de televisão (5117).

Seja onde for que é falado, sempre é espanhol, apenas com algumas modificações que dependem da cultura e dos costumes de cada região, porém, por outro lado, acredito que estamos assassinando cada vez mais o nosso idioma com anglicismos inúteis que nada favorece o idioma (802).

Nos exemplos a seguir do modelo sociolinguístico, percebe-se a presença de componentes da lealdade incondicional (M4):

Apesar de ser um país muito pequeno, há grandes diferenças em relação ao tipo de espanhol que é falado, por exemplo em Limón, os habitantes usam um espanhol e o misturam com o inglês jamaicano; em Guanacaste possuem um sotaque que os caracteriza e é muito diferente do sotaque que se escuta no Valle Central ou em Limón; apesar das diferenças, acredito que o espCR é bastante fiel ao espanhol como língua mãe (3105).

Como todo povo, tem seus usos linguísticos e nacionalismos e sua própria identidade; se considerarmos que o nível socioeconômico do costarricense é de classe média e que a educação é obrigatória, a maioria das pessoas utilizam um nível de linguagem bastante alto, sendo os centros urbanos os de maior intercâmbio cultural; existe no ser humano uma adaptabilidade ao meio onde vive e pelo qual assume muitos traços, por exemplo, não é o mesmo nível de linguagem que será utilizado nas diferentes atividades sociais, sua adaptabilidade depende em grande parte da sua formação e sua obrigatoriedade de ser aceito no meio ambiente em que se desenvolve (7004).

Como nos demais países americanos é falado de maneira singular, com um sotaque diferente; damos significados diferentes às mesmas palavras; no âmbito da América Central, somos o que melhor pronunciamos (311).

Como língua principal do nosso país, ela responde à maneira singular de vida da nossa gente (costumes, idiossincrasias, influências), desse modo, é a maneira autêntica e clara para desenvolver o processo de comunicação; os povos utilizam seu idioma na forma que melhor lhes convém de acordo com suas necessidades de interação, essa sempre será a maneira correta de fazer uso da língua, isso é o que provoca a sua evolução através dos tempos (3552).

Falar do “espanhol que é falado na CR” é muito amplo e ambíguo, teria que especificar pelo menos o nível social; nos âmbitos nos quais me relaciono é bastante aceitável, aproxima-se ao espanhol colombiano, não é tão “cantado” como na Nicarágua e El Salvador (2404).

5.3.2 M2 combinado com outros modelos

Nos exemplos a seguir do modelo da lealdade crítica, percebe-se a presença de componentes do modelo sociolinguístico (M1):

É bom, ainda que poderíamos melhorá-lo ainda mais; o costarriquenho desconhece uma grande variedade de palavras que poderiam nos ajudar a nos comunicar melhor; muitos ditados populares são usados, próprios de nossos costumes, palavras de outros idiomas também estão sendo introduzidas, o que faz com que se perca o pouco que usamos e sabemos do nosso idioma; porém as pessoas falam de acordo com a situação na qual se encontram (507).

Varia muito dependendo das classes sociais, idade e cultura. Não é o mesmo falar com alguém da classe alta que com alguém do campo. De um ponto de vista geral, não é usado um espanhol perfeito, mas sim misturado com dizeres e estrangeirismos que de tão populares, chegam a ser parte da linguagem (604).

É bom, mas requer uma certa melhoria de alguns termos, depende, às vezes, do lugar em que se vive e da educação recebida (3517).

É bem tico; embora não seja como deveria ser. Isso ocorre como em todos os países, que têm seus dizeres bem nacionais; salvo isso, são poucos os erros (4824).

Não poderia pensar “no espanhol” falado no país, mas na verdade em grupos etários socioeconômicos; contudo, há uma tendência em usar estrangeirismos sem necessidade; eu gosto do voseo, mas acho que está se perdendo, e ainda, para o costarriquenho é difícil designar as coisas por seus nomes (2203).

Fala-se bem, mas, às vezes, nos deixamos influenciar por termos do inglês, devido à influência que os americanos têm em nossa cultura; além disso, dependendo da zona, como é o caso das zonas rurais, é muito singular (1201).

É bom ou regular, dependendo do meio em que a pessoa se desenvolve (1416).

Muitos dizeres populares, muitos “pachuquismos” são usados no lugar de palavras ou frases; claro que isso depende da região, idade e nível social das pessoas (1903).

Varia de acordo com os diferentes estratos sociais, quanto mais baixa seja a condição socioeconômica, mais a linguagem é viciada; ainda assim, o fato de possuir um elevado nível socioeconômico não garante um bom expressar-se em espanhol, pois vários fatores podem afetar: onde se vive, estuda e outros (808).

Está bom, claro que sempre está em constante evolução (palavras novas), conseqüentemente, não é possível dominá-lo em sua totalidade (4841).

Em vários aspectos é um espanhol bem particular, porque existe uma grande distinção quanto à pronúncia e entonação das palavras, o que o distingue dos demais países centro-americanos; nosso espanhol é mais culto em comparação com o de outros países, mas nos últimos anos vem decaindo, por uma série de fatores que são a certo modo importados pelos costarriquenhos, como costumes de fora da nossa sociedade, falta de valores e a desintegração familiar (4907).

Dependendo do nível cultural e social é bem empregado pela maioria das pessoas; nos circunscrevemos a um vocabulário pobre; tal como em outros países, é possível ver as diferentes formas de nomear uma mesma coisa; há uma grande diversidade de país em país, não somente no vocabulário empregado, mas na forma de ser pronunciado, o que resulta interessante; isso é observado na CR de região em região, ainda que o país seja pequeno; contudo as variações não são tão grandes (5101).

É muito diferente ao que é falado na Espanha, devido à mistura do espanhol com a linguagem de nossos indígenas na época da colônia; a transformação de vocábulos existentes, a criação de outros (neologismos), unidos aos barbarismos fizeram com que o idioma na CR fosse diferente; não é possível generalizar sobre o bom ou mau emprego do espanhol por regiões, haja vista que o nosso nível de alfabetização e de nossos pais é o que marca a diferença no uso correto das palavras intercaladas em cada frase que pronunciamos (7002).

A maioria das pessoas não fala o espanhol bem; primeiro, dizem muitas “vulgaridades”, segundo, depende do nível de educação e se a pessoa soube aproveitar bem o que lhe foi ensinado, pois isso influi na quantidade de vocabulário que utiliza; porém há pessoas que tem um excelente vocabulário e o utilizam quando

estão expondo ou fazendo algum trabalho, mas que as vezes não o usam quando estão com os amigos e ao em vez disso, recorrem ao vocabulário pachuco; menospreza-se o espanhol e por essa razão fazem uso de muitos termos anglo-saxões; frequentemente mistura-se “vos, tú e o usted” ao falar; contudo, falar bem um idioma não é algo que se dê em nenhuma parte do mundo (7304).

Fala-se mais ou menos bem, dependendo do grau cultural que cada indivíduo tem, porque um indivíduo universitário não vai se comunicar melhor que um que nem chegou ao colegial; por exemplo, há pessoas que se expressam por meio do pachuquismo e, às vezes, uma pessoa que tem mais conhecimento não consegue entendê-la; em geral, o espanhol é falado em nosso país por ser o idioma imposto pelo país que nos colonizou, mas aí acreditar que o falamos tal como é exigido pela Real Academia Espanhola, não é verdade (7902).

Está bem, de acordo com as necessidades de comunicação da nossa sociedade; porém o léxico empregado é escasso, o que torna necessário que inventemos palavras para identificar coisas ou circunstâncias; é comum a denotação das palavras e os jovens fazem uso de uma linguagem desagradável, não é possível entender o que querem dizer (1422).

Nos exemplos a seguir do modelo da lealdade crítica, percebe-se a presença de componentes da nostalgia pelo bem perdido (M3):

Com o passar do tempo e olhando nossos antepassados, vejo uma grande melhoria na fala da população em sua totalidade; poderia ser falado melhor e temos facilidade de aperfeiçoá-lo, mas não é dada a importância necessária, já que rebaixou-se e muito a responsabilidade dos docentes; a entrada de estrangeiros de falas diferentes, os quais os ticos querem imitar, prejudicou-nos muito; a vagabundice e os vícios foram misturados ao nosso idioma, o pachuquismo, que com palavras baixas e indesejadas, corrompe o espanhol que é tão rico no vocabulário e é um idioma difícil de ser aprendido pelos estrangeiros de fala inglesa (2105).

É regular, já que vocábulos que não correspondem ao idioma o viciaram, assim também como a mistura com outros idiomas do mundo; além disso, em certos lugares há um toque importado de outros países vizinhos (7107).

Evoluiu bastante, mas com o tempo as pessoas foram descuidando dele. Já não é uma língua tão desenvolvida como era antes (1424).

Depende de muitos fatores; no geral, fala-se um espanhol regular, não tão ruim como em outros lugares, mas que também não mostra um nível cultural e intelectual que permita falar bem de nós mesmos, coisa que fazemos com bastante frequência; a média do vocabulário é cada vez mais reduzida, o que é espantoso nos jovens, especialmente nos universitários, os quais usam umas 200 palavras e buscam se esconder atrás de vocábulos ou fórmulas técnicas próprias de cada carreira; a deterioração do espanhol é irreversível pois a globalização nos obriga a aperfeiçoar outras alternativas enquanto que a exploração, disfrute e o aperfeiçoamento do espanhol é próprio das elites intelectuais cada vez mais reduzidas e auto marginalizadas (3603).

Regular, devido à migração que misturou muitos dizeres ou palavras alheias, além disso, somos propensos a falar muito mal (2505).

Fala-se corretamente até certo ponto, mas está cheio de termos que somente são entendidos no nosso país, também apresenta problemas em relação aos pronomes tú e vos e suas respectivas conjugações; por outro lado, está quase dando lugar ao inglês, há pessoas que escrevem bem em inglês, mas não sabem escrever em espanhol (2410).

113

Nos exemplos a seguir do modelo da lealdade crítica, percebe-se a presença de componentes da lealdade incondicional (M4):

É o mais culto da América Central, mas com os anos foi sendo modificado com palavras que não existem; foi piorando por culpa dos jovens; mas se o corrigirmos, teremos o melhor espanhol do mundo (1412).

Nosso país é um dos poucos onde é mais bem falado, mas aplicam-se muitos costarrriquenhismos ao idioma, isso faz com que o espanhol não melhore (2601).

Fala-se melhor que em outros países, ainda que também tenha seus defeitos; usa-se muito os termos vulgares, mas busca-se corrigir isso (805).

Não é nem muito bom nem muito ruim; de fato é melhor que o de outros países latino-americanos (3531).

Fala-se um espanhol muito bom, sem levar em consideração os costumes e “pachuquismos”, já que há um bom nível de alfabetização; claro, é quase impossível encontrar um espanhol perfeito nas sociedades de terceiro mundo e principalmente nas zonas rurais (3705).

Fala-se muito melhor que em outros países da AC, mas também tem muito o que ser corrigido, principalmente na gramática (4104).

É um dos espanhóis mais fluídos (para entender) da América Latina, porém tem muita gíria no vocabulário (4206).

É bom, o nível é aceitável, contudo, temos alguns problemas com o uso de certas palavras (2401).

É o melhor da América Central, ainda que atualmente os jovens o tenham distorcido muito e falem muito mal (1427).

Salvo em certos setores, há uma grande porcentagem de bom uso do espanhol; nos lugares urbano-marginais há um problema ainda maior devido à pouca educação, pobreza etc. (1206).

Como na maioria dos países, temos nossas palavras “próprias” para objetos e situações, ou inclusive pessoas, e isso, apesar de ser uma maneira não muito adequada de usar o idioma, não deixa de ser algo próprio da nossa gente; apesar de que não falemos o espanhol mais perfeito, é o nosso acima de tudo e em relação a isso, estou de acordo; não é algo desagradável agregar palavras “nossas” à forma de falar e não considero que isso seja ruim, ao contrário, vejo como uma “característica pitoresca” dos habitantes deste país (1418).

5.3.3 M3 combinado com outros modelos

Nos exemplos a seguir do modelo de nostalgia pelo bem perdido, percebe-se a presença de componentes do modelo sociolinguístico (M1):

Não é dado o uso devido ao idioma, mas isso ocorre em todos os países que falam espanhol: qual é o país que fala espanhol corretamente? (7112).

Fala-se segundo o nível cultural, mas não se fala correto, isso porque o ensino não está bem; pelo fato de não ser educado desde a infância corretamente, herda-se um espanhol mal interpretado, tanto no verbal como no escrito (6724).

Depende do grupo social no qual as pessoas se desenvolvem, pois algumas fazem uso do espanhol coloquial, outras, do muito culto; na maioria dos casos, as pessoas não conhecem o idioma e muitas vezes o utilizam inadequadamente (1403).

É um espanhol incorreto, mas todo mundo já está acostumado; custaria muito modificar a mentalidade das pessoas porque muitas delas não receberam educação e por isso falam como lhes foi ensinado (1425).

Muito degradado, contudo, penso que é parte da evolução normal que as línguas sofrem (4722).

A linguagem caminha de acordo com o nível de educação; o uso da língua espanhola é seriamente limitado e não é explorado em sua riqueza máxima; a CR é um exemplo perfeito de como a língua é limitada, já que os níveis de educação superior são relativamente baixos (4303).

Fala-se muito mal, não estamos preparados para usar esta linguagem porque a educação e a preparação de cada indivíduo são afetadas por vários fatores: meio social, recursos econômicos, a cultura costarriquenha, além da pouca preocupação que damos em nos expressar melhor (3307).

Não falamos o espanhol de forma correta, mas como uma espécie de dialeto; foram incluídos um monte de anglicismos; cada pessoa fala segundo a cultura onde vive (2901).

Somente nos seguintes três exemplos, o modelo de nostalgia pelo bem perdido aparece em combinação com a lealdade crítica (M2):

Um espanhol ruim, as pessoas não sabem conjugar, pronunciar e menos ainda escrever, porém não são todas as pessoas que falam mal (1103).

Falamos o idioma muito mal apesar de que o entendemos e apesar de sermos tão mal falados (3945).

Fala-se mais de forma incorreta que correta, considerando que

em outros países fala-se de forma mais exata e é mais bem falado, o espanhol é um idioma sofisticado ainda que nem todos acreditem nisso (2408).

Também apenas em três respostas o modelo de nostalgia pelo bem perdido aparece combinado a componentes da lealdade incondicional (M4):

Falamos muito mal porque ainda não sabemos empregá-lo adequadamente; não é empregado como é na Espanha, onde é bem empregado; porém apesar de tudo, a CR é um dos países onde o espanhol é falado melhor porque em comparação com a Nicarágua falamos melhor (4908).

Muito pobre devido à tendência aos costarriquenhismos e exageros; apesar de que, considerando a América Central, somos o que, supostamente, falamos de forma mais bonita (510).

É realmente preocupante, especialmente como os jovens falam, não sabem falar nem se expressar; a maioria dos adultos profissionais buscam cuidar o que dizem e como dizem, mas eu sei de professores do ginásio e do ensino médio que não sabem dizer as palavras corretamente; o sotaque é muito agradável e em comparação com os países da América Central, nós somos muito avançados; há muitos preconceitos em relação aos sotaques e dialetos; além disso a alienação linguística tem se dado com quase tudo que se fala com termos em inglês, principalmente nos jornais e no rádio (3501).

116

5.3.4 M4 combinado com outros modelos

Nos exemplos a seguir do modelo da lealdade incondicional, perceber-se a presença de componentes do modelo sociolinguístico (M1):

Assim como no resto da América Latina, falamos o melhor idioma; o único que nos diferencia é a nossa maneira de pronunciar (7503).

É aceitável, nosso dialeto é bom e nos comunicamos, o que é o principal (4849).

Em geral, há uma boa forma de falar; em algumas regiões notam-se muitas mudanças, porque todos têm uma forma diferente de pronunciar (1702).

É igualmente correto ao que é falado na Espanha (4805).

Depende do nível cultural (estudos); fazemos uso de um espanhol coloquial para certas ocasiões (relações sociais); nos expressamos com um espanhol mais correto em comparação com outros países da América Latina (4216).

Fala-se bem; às vezes notam-se certas diferenças entre as pessoas, por exemplo alguém de Cartago não fala igual a uma pessoa de San José (3204).

É bem correto e fácil de ser entendido pelos estrangeiros, porém isso depende do nível social e da educação de cada pessoa (2904).

Nos exemplos a seguir do modelo da lealdade incondicional, percebe-se a presença de componentes da lealdade crítica (M2):

Nosso espanhol é claro; talvez não seja um espanhol perfeito, mas é adequado e neutro, diferente de outros países que apresentam um sotaque que, em certas ocasiões, dificulta um bom entendimento (1413).

É falado de um jeito elegante e claro, com exceção de certos grupos sociais, onde é falado de acordo com a região (4845).

A parte os costarriquenhismos, é claro, singelo e preciso (605).

As coisas que são faladas são muito originais, porque não se copia nenhum sotaque e às vezes são copiados apenas alguns dizeres; eu gosto, ainda que de vez em quando soe pachuco (1423).

É bom; não apresenta muitos problemas de dialeto, porque em diferentes regiões do país a pronúncia é diferente da urbana; com as escolas ensinando inglês e francês, no futuro, vamos ter mais formas de nos comunicar (1411).

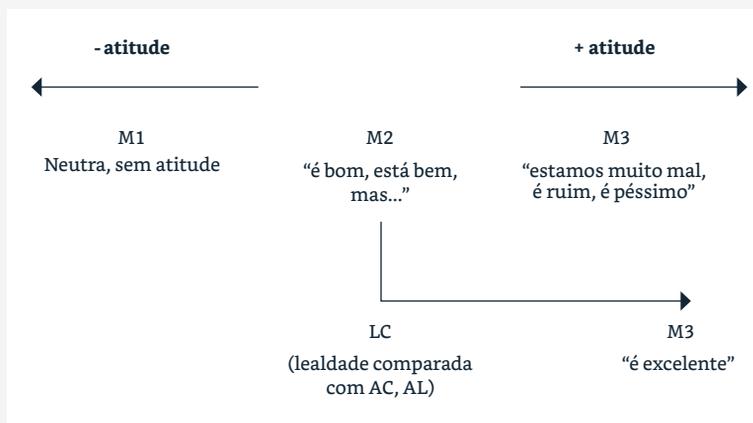
Finalmente, por mais contraditório que pareça, há um exemplo em que o modelo de lealdade incondicional aparece combinado com componentes da nostalgia pelo bem perdido (M3):

Melhor que em outros países, em relação aos critérios padrões; mas também pior, porque faz-se uso de um vocabulário muito limitado, não tão diversos como poderia ser, e há muitos anglicismos (4106).

5.4. Conclusão

Os quatro modelos culturais propostos neste capítulo podem estar localizados em um continuum de atitudes conscientes, como corresponde ao objeto de estudo da linguística popular, que se relacionam em um macromodelo onde encontramos, em um extremo, a atitude neutra e não valorativa (M1), no centro a atitude crítica mas moderada (M2) e no extremo oposto as reações atitudinais mais pronunciadas, seja no sentido negativo (M3) seja no sentido positivo (M4), como se vê no seguinte quadro:

Quadro 5.3
Macromodelo cultural do espCR



Em todos os modelos encontramos a tendência de perceber o espCR como um objeto que varia e, nesse sentido, há duas direções possíveis. No M1, o modelo popular não valorativo, há a noção de que o espCR é variável de acordo com fatores extralinguísticos, razão pela qual se assemelha ao modelo especialista. Nos modelos populares valorativos nota-se a noção de que o espCR é um objeto que varia, especialmente para ruína, coincidindo com uma degeneração de um objeto ideal, melhor ou anteriormente perfeito. Com sua tendência condenatória, esses modelos se assemelham à gramática normativa tradicional.

O modelo de lealdade crítica (M2) apresenta uma diferença de grau com o modelo de valoração negativa (M3). No M2 nem tudo está perdido: os problemas do espCR estão concentrados em uma determinada população ou em um componente da linguagem, ou seja, o espCR não é tão ruim quanto poderia ser, ou pode ser recuperado. É natural que na combinação dos modelos, o modelo não valorativo (M1) e a lealdade crítica (M2) sejam os que apresentam maior frequência. Tal falante está indeciso entre a atitude não valorativa, que reconhece a variação linguística como normal, e uma certa lealdade “responsável”, isto é: algo de ruim deve estar acontecendo com o espCR e devo dizê-lo. Aparentemente, a grande diferença com o M3 é que, neste modelo, as valorações são sempre desfavoráveis, enquanto no M2 encontramos tanto valorações favoráveis como desfavoráveis, já que F muitas vezes tenta estabelecer o bom e o ruim do espCR. Por exemplo, pode apontar as virtudes da pronúncia *versus* os defeitos do vocabulário.

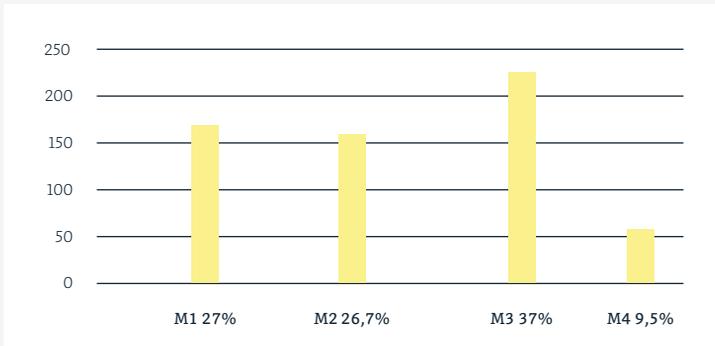
Quanto à possibilidade de combinar modelos, tínhamos mencionado, no Capítulo 2, que os modelos culturais ganham força porque são identificados com o saber especializado e a sabedoria cultural do grupo em geral. Diferentes sistemas explicativos podem coexistir, e inclusive, sistemas contraditórios, mas igualmente razoáveis. A combinação de modelos permite ver como F tenta combinar modelos de especialistas aos quais atribui *status* de autoridade na língua espanhola. Em primeiro lugar, a Real Academia Espanhola, em segundo, colunistas da imprensa nacional e, em algumas ocasiões, cientistas ou linguistas profissionais. A fonte especializada essencial que F reconhece é a da gramática tradicional normativa, que postula um ideal de língua pura e invariável, a qual os falantes devem conservar e à qual devem aspirar.

Por outro lado, F reconhece um sistema especialista que postula a variabilidade da língua como normal. Esse reconhecimento não é fruto do contato com a linguística científica, mas é baseado na sabedoria popular e no bom senso. Situações desse tipo mostram que os modelos culturais não funcionam necessariamente como ontologias coerentes, como foi apontado, mas sim como conjuntos de esquematizações culturalmente compartilhadas, que são formuladas ou invocadas para realizar tarefas cognitivas particulares, o que explica a coexistência de modelos culturais, em conflito ou em harmonia, nas reações de F.

Em termos quantitativos, podemos observar que enquanto os modelos M1 e M2 compartilham uma proporção semelhante de respostas, de aproximadamente um quarto cada, entre os dois modelos extremos, M3 e M4, a diferença é abismal, como pode ser visto no gráfico a seguir, que mostra a relação de frequência já apresentada em 5.2.5 (Gráfico 5.,1), porém agora com as respectivas percentagens:

GRÁFICO 5.4

Comparação numérica e percentual dos modelos



Isso significa que o modelo cultural M3, com uma atitude negativa máxima em relação à própria variedade linguística, está profundamente enraizado na consciência coletiva e vale a pena perguntar por que isso acontece. Por um lado, a resposta pode ser que “de fato, o espCR é um objeto ruim”, mas todo o desenvolvimento da linguística científica se fundamenta na impossibilidade de que existam objetos linguísticos ruins, logo, essa explicação é inadmissível segundo o ponto de vista científico. Outra explicação é que os falantes estão refletindo um modelo cultural de grande força diretiva e, conforme explicado pela antropologia cognitiva, é imposto pela elite do poder.

Lembremos que a força diretiva dos modelos culturais está associada à sua força ideológica e ao seu uso como instrumento no estabelecimento da hegemonia ideológica. O discurso político da “pureza do idioma”, em que o conceito de idioma é fetichizado como objeto correto, perfeito e invariável e que as classes dominantes impõe à

comunidade linguística, reflete-se no modelo cultural mais frequente, o M3. Nesse modelo, o falante comum percebe nostalgicamente o objeto “espanhol” como um bem perdido que se tornou o “espCR”, ou seja, um objeto cheio de defeitos, dos quais os mais acentuados são: o anglicismo (perda de pureza) e o pachuquismo (proletarização/vulgarização). O modelo está sedimentado na cognição popular e funciona como um mecanismo autorrepressivo com o qual as pessoas se punem culpando-se por “falar mal”.

Finalmente, no interior de F (a comunidade falante do espCR) este modelo autorrepressivo, que se manifesta em M3, coexiste (em conflito ou harmonia, uma vez que ambas as possibilidades são intrínsecas aos modelos culturais) com um “submodelo” de M4 (o da “lealdade comparativa”, LC no esquema anteriormente disponibilizado) que o supra sistema cultural costarriquenho promove, talvez com maior força diretiva que o modelo do bem perdido, por ser mais geral e mais imediato à comunidade: o modelo da superioridade da CR em relação à América Central, o qual está representado no esquema como o vértice entre M2 e M4. Isso implica que, no que diz respeito à América Central, o espCR é o melhor, como mostra esta reação que combina os modelos M3 e M4:

Falamos muito mal porque ainda não sabemos como usá-lo adequadamente; não é usado como é usado na Espanha, onde é bem usado. Apesar de tudo, porém, a CR é um dos países onde se fala melhor o espanhol porque, em comparação com a Nicarágua, falamos melhor (4908).

Conclusões gerais

6

Conclusões gerais

Com a abreviatura espCR designou-se, neste trabalho, a variedade do espanhol falado na Costa Rica segundo a perspectiva de seus falantes (F). Trata-se, assim, de um conceito fundamentado na noção de nacionalidade costarricense.

Foram realizadas duas tarefas relativamente independentes: por um lado, buscou-se estabelecer como o objeto espCR é percebido na cognição geral de F (representação mental do espCR) e, por outro lado, determinou-se que, ao emitir opiniões sobre o espCR, os falantes se inscrevem fundamentalmente em um dos quatro modelos culturais:

MI: O modelo sociolinguístico;

M2: O modelo de lealdade crítica;

M3: O modelo da nostalgia pelo bem perdido;

M4: O modelo de lealdade incondicional.

Também foi determinado que os falantes, em certas ocasiões, combinam as premissas desses modelos em suas opiniões. No entanto, a combinação de modelos constitui apenas um quinto do total das respostas: a imensa maioria (470, ou seja, 78%) apresenta um dos quatro modelos em sua forma pura, enquanto que a combinação de modelos aparece apenas nas 130 respostas restantes (22%). Isso mostra que, embora a combinação de modelos seja uma faceta possível no esquema conceitual de F, ele é muito mais provável de selecionar um único modelo e aferrar-se a suas premissas.

Foi observado também que alguns falantes acrescentam comentários prescritivos à sua descrição e/ou valoração do espCR, em outros

termos, eles propõem medidas que devem ser consideradas em relação ao espCR para “melhorá-lo”; no entanto, também nesse sentido, apenas uma pequena parcela dos entrevistados, 15% deles, sentiu a necessidade de acrescentar esse tipo de operação discursiva em sua resposta.

Ainda que os comentários prescritivos explícitos tenham ocorrido em poucas respostas, o fato de que o modelo que impera seja o que percebe o espCR como uma forma degradada do “verdadeiro espanhol” (algumas vezes rotulado como “o espanhol da Espanha”, outras vezes, simplesmente indicado com a inicial maiúscula: o Espanhol) demonstra que a comunidade costarriquenha padece do mal chamado “insegurança linguística”.

A atitude normativa tradicional, pela qual são condenados os usos populares e defendido um estado de língua ideal em sua pureza e perfeição, é um fenômeno que ocorre em todas as partes: não apenas naquelas regiões onde a normatividade em relação à língua foi institucionalizada por meio da criação de academias de língua, mas também em lugares onde a atividade prescritiva e normativa não chegou a ser institucionalizada, como é o caso de países de língua inglesa. Esses países também têm um amplo setor social que condena os usos populares. Um dos exemplos de preconceitos linguísticos que rege essas sociedades pode ser visto na obra *Language Myths*, editado por L. Bauer e Peter Trudgill (1998). Essa é uma coleção de 21 comentários sobre os mitos da língua, muitos dos quais se refletem de uma ou outra maneira nas respostas dos nossos entrevistados, demonstrando que as preocupações do falante comum sobre os perigos que rondam a língua se repetem nas diversas comunidades linguísticas. Alguns títulos (seus autores são indicados entre parêntesis) dos artigos de tal volume, são:

- Não se deveria permitir que o significado das palavras varie (Peter Trudgill);
- Algumas línguas não são suficientemente boas (Ray Harlow);
- Os meios de comunicação estão arruinando a língua (o inglês) (Joan Aitchison);

- Algumas línguas são mais difíceis que outras (Lars Gunnar Andersson);
- Agora as crianças não podem falar nem escrever apropriadamente (James Milroy);
- Algumas línguas não têm gramática (Winifred Bauer);
- Algumas línguas são faladas mais depressa que outras (Peter Roach);
- Todo mundo tem sotaque menos eu (John H. Esling);

As preocupações dos puristas em relação ao uso do idioma se intensificam na atualidade com a expansão da internet e, cada vez mais, encontramos na rede, artigos que propõem novos desafios para os defensores da unidade do espanhol. Em um deles, Francisco Marcos (2000) toca no ponto central dos problemas do idioma, o conceito de norma:

É evidente que quando falamos de castelhano, espanhol ou fala hispânica, referimo-nos a uma mesma língua. O que não está tão claro é se se trata da mesma norma. Os observadores europeus costumam considerar a atitude dos falantes do espanhol a partir da perspectiva do idioma falado na Espanha, o que introduz em suas apreciações sobre esses fenômenos um sério elemento discordante. Assim, surpreender-se que os falantes da língua hispânica pareçam ter levantado repentinamente com um grande interesse pela construção correta, por “falar bem” e usar bem o espanhol na rede, é muito menos chamativo para quem lê habitualmente nos jornais hispano-americanos as frequentes cartas ao diretor ou as notas sobre construções gramaticais, que para os que somente tem o costume de apreciar a recente atitude mais relaxada dos falantes europeus de fala hispânica. Os profissionais da linguística devem estar muito atentos a esses fenômenos da linguística popular ou a crescente participação de leigos nessas discussões. Para a língua, como para as dores de cabeça, todo mundo tem receitas. Contudo, quando a causa da dor é grave, somente o especialista deve intervir, os remédios bem-intencionados da tia Etelvina não fazem mais que agravar a situação.

Os usuários costumam fazer, hoje, proposições marcadamente normativas. Devido, ao que nos parece, mais a um interesse pela unidade linguística que por uma veneração pela gramática. O padrão unificador que se busca não costuma ser a autoridade, mas o uso. Por essa razão, as questões léxicas predominam, se considerarmos que as questões propriamente gramaticais costumam aparecer em relação com um elemento léxico. Os partidários do uso sempre têm em contra os defensores da pureza linguística, que, sobretudo, na América, é designada muitas vezes como falar castiço.

Se para nós, os falantes do espanhol costarrriquenho, o ideal linguístico é “falar castiço”, então, definitivamente nossa opinião sobre a língua refletirá nitidamente o modelo cultural que aqui denominamos de “nostalgia pelo bem perdido”. Para os falantes do espanhol de qualquer latitude, falar castiço deveria ser necessariamente falar o espanhol dessa latitude, isto é, sua própria norma, pois uma norma somente pode ser gerada no interior da comunidade linguística. Tentar impor de fora uma norma, por exemplo, a partir da Real Academia Espanhola, não é possível e menos ainda necessário.

Contudo, pareceu-nos que há uma preservação de uma “atitude policial” em relação à língua, para citar uma expressão de Jacques Derrida (1988, p. 135). Por tal atitude, dos grupos normativistas, os quais atribuem a si mesmos o direito de definir o bom e o ruim na língua, foram transferidos modelos culturais aos falantes comuns, devido à sua força diretiva que faz com que os falantes do espCR, ou seja, nós, os *ticos*, percebamos, em geral, que nossa forma de falar tem defeitos terríveis que devem não somente ser corrigidos, mas castigados, ainda que a percepção da transformação linguística e a variedade da língua nos permita, em certas ocasiões, entender que nosso espanhol não é nem melhor nem pior que qualquer outro espanhol ou que qualquer outra língua.

Bibliografía consultada

ARRIETA, Marjorie; JARA, Carla; COVADONGA PENDONES: "Actitudes lingüísticas hacia de variedades de hablar: Valle Central y Guanacaste". In: **Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica**, 1986, 12 (2), pp. 113-128.

BAUER, Laurie; TRUDGILL, Peter (eds.) **Language Myths**. Suffolk: Penguin, 1998.

BURKE, Lucy et al.(eds.). **The Routledge Language and Cultural Theory Reader**. London/New York: Routledge, 2000.

BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CALVO, Annette. El plural en los sustantivos terminados en vocal en el cantón de Curridabat: estudio cuantitativo. In: **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1990, 16 (2), pp. 75-83.

_____. Variación fonética de /P/ y /r / en el habla culta de San José. In: **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1995, 21 (1), pp. 115-134.

_____. Variación del fonema /f/ en dos sociolectos costarricenses. In: **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1996, 22 (1), pp. 119-127.

_____. El fonema fricativo /s/ en el habla culta de San José: implicaciones teóricas en el sistema de las coronales. In: **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1997, 23 (1), pp. 235-246.

CAMERON, Deborah. Problems on 'prescriptivism'. In: BURKE, Lucy

et al. (eds.) **2000**, 1995.

CHURCHLAND, Paul M. Folk psychology and the explanation of human behavior. In: GREENWOOD, John D. (ed.): **The future of folk psychology: Intentionality and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 51-69.

CONSTENLA, Adolfo. Algunos aspectos de la etnografía del habla de los indios guatusos. In: **Estudios varios sobre las lenguas chibchas de Costa Rica**, 1982, 1, pp. 5-31.

DENNET, Daniel C. Two contrasts: folk craft versus folk science, and belief versus opinion. In: Greenwood, John D. (ed.): **The future of folk psychology: Intentionality and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 135-148.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Evanston: Northwestern University Press, 1988.

FINEGAN, Edward. (s.a.) What is "correct language". **Linguistic Society of America**. <http://www.lsadc.org/web2/fldfr.htm>.

GAGINI, Carlos. **Diccionario de Costarrriqueñismos**. San José: Editorial Costa Rica, 1989/1919.

GREENWOOD, John D. (ed.) **The future of folk psychology: Intentionality and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991a.

_____.Introduction: Folk psychology and scientific psychology. In: GREENWOOD, John D. (ed.): **The future of folk psychology: Intentionality and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991b, pp. 1-21.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. **Temas, remas, focos, tópicos y comentarios**. Madrid: Arco Libros, 2000.

HERZFELD, Anita. Language and identity: the black minority of Costa Rica. In: **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 20 (1), 1994, pp. 113-142.

HOENIGSWALD, Henry M. A Proposal for the Study of Folk-Linguistics. In: BRIGHT, W. (ed.) **Sociolinguistics**. The Hague: Mouton, 1966, pp.

16-26.

HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi (eds.) **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HORGAN, Terrence; WOODWARD, James. "Folk psychology is here to stay". In: GREENWOOD, John D. (ed.) **1991**, 1991.

HUDSON, Richard. **La sociolingüística**. Barcelona: Anagrama, 1981.

HYMES, Dell (1962): The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T.; STURTEVANT, W.C. (eds.). **Anthropology and human behavior**. Washington D.C.: Anthropological Society of Washington, 1962, pp. 13-53.

_____. Models of interaction and social life. In: GUMPERZ, J.; HYMES, D. (eds.). **Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972, pp. 35-71.

_____. **Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

JAÉN, Xinia. **Las actitudes lingüísticas de los hablantes del Distrito de Sardinal, Cantón Carrillo, Provincia de Guanacaste, hacia su propia habla**. Tesis de maestría en lingüística. San José: Universidad de Costa Rica, 1991.

JARA MURILLO, Carla Victoria. Recopilación y análisis de "juegos de palmadas". **Revista de Filología y Lingüística**, Universidad de Costa Rica, 1986, 12(1), pp. 103-121.

KEESING, Roger M. Models, "folk" and "cultural": paradigms regained?. In: HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi (eds.). **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, pp. 369-393.

KUHN, T.S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago:

University of Chicago Press., 1987.

LIONS, John. **Semántica**. Barcelona: Teide, 1980.

LININGER, Barbara. Cómo proponer matrimonio en bribri. **Estudios de Lingüística Chibcha**, Universidad de Costa Rica, 1990, tomo 9, pp. 65-80.

MARCOS, Francisco. El español y la red. **Nueva Revista de Política, Cultura y Arte**. Agosto, 2000. http://www.nuevarevista.net/nr_anteriores.htm

Media Laboratory. **Media Laboratory Projects**. Cambridge: MIT Press, 1995.

Minsky. M. A framework for representing knowledge. In: HAUGELAND, J. (ed.) **Mind Design**. Cambridge: MIT Press, 1981.

MURILLO, Jorge. Expresión de la optatividad y modo subjuntivo en el habla culta costarricense. **Revista de Filología y Lingüística**, Universidad de Costa Rica, 2000, 26 (2), pp. 127-138.

NAPOLI, Donna Jo. **Language matters**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

NIEDZIELSKI, Nancy A.; PRESTON, Dennis R. **Folk Linguistics**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2003.

Pendones, Covadonga. Análisis fonético connotativo: la /tΣ/ en el español de Costa Rica. **Revista de Filología y Lingüística**, Universidad de Costa Rica, 1986, 13 (2), pp. 119-146.

PRESTON, Dennis. A renewed proposal for the study of folk linguistics. In: PEYTON, J. K. et al. (ed.). **Language in action: New studies of language in society**. New Jersey: Hampton Press, 2000, pp. 113-138.

PUTMAN, H. **MIND, LANGUAGE AND REALITY**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

QUESADA PACHECO, Miguel Ángel. “Que hable otro porque yo no sé hablar”. **Aportes**. 35. San José, 1987.

_____. Actitudes hacia el habla campesina de Costa Rica a través de la historia. **Herencia**. 2. Universidad de Costa Rica, 1990a.

_____. “Una nueva perspectiva en torno al habla popular”. **Herencia**. 10. Universidad de Costa Rica, 1990b.

_____. **Nuevo Diccionario de Costarriqueñismos**. Cartago: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 1991.

_____. “Pequeño Atlas Lingüístico de Costa Rica”. **Revista de Filología y Lingüística**. 1992, 18(2). Universidad de Costa Rica.

_____. **Diccionario Histórico del Español de Costa Rica**. San José: Editorial Universidad Estatal a Distancia., 1995.

_____. 1996. “El español de América Central”. In: ALVAR, M. (director) **Manual de dialectología hispánica**. El español de América. Barcelona: Ariel.

RICHARD, Mark. 1997. “Propositional Attitudes”. In: HALE, Bob; WRIGHT, Crispin. (eds.). **A companion to the philosophy of language**. Oxford: Blackwell., 1997.

ROBINS, R.H. Breve **Historia de la Lingüística**. Madrid: Paraninfo, 1974.

ROJAS, Carmen. “Descripción y análisis de la fiesta de los diablos de Boruca”. **Estudios de Lingüística**. Chibcha, 1998, 7, pp. 121-135.

ROSCH, E. “Prototype classification and logical classification: The two systems.” In: SCHOLNICK, E. (ed.) **New Trends in Cognitive Representation**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum., 1981.

ROSS, Ronald. “La simplificación de reglas como mecanismo del cambio lingüístico: un ejemplo del español de Costa Rica”. **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1977. 3(2).

SÁNCHEZ, Víctor Manuel. “Fricación de erre en el español de Costa Rica: un caso de escisión fonológica”. **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1985, 11 (1), pp. 63-66.

_____. Escisión fonológica de 111 en el español de Costa Rica. **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1986, 12 (2), pp. 129-133.

SCHANK, R.; ABELSON, R. **Scripts, Plans, Goals, and Understanding**.

New York: John Wiley, 1977.

Solano, Yamileth "Una variación lingüística en el habla costarricense". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1986, 12 (1), pp.133-143.

_____. "Los conectores pragmáticos en el habla culta costarricense". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1989, 15 (2), pp. 143-154.

_____. "Las formas nexuales adversativas en el habla culta costarricense". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1991, 17 (1-2), pp. 219-234.

SOLANO, Yamileth; UMAÑA, Jeanina. "Inseguridad lingüística del universitario costarricense". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1994, 20 (1), pp. 169-178.

STAROSTA, Stanley. **Dependency grammar and lexicalism**. 1999. <http://www.ling.hawaii.edu/faculty/stanley/dgl.rtf>

TANNEN, Deborah (ed.). **Framing in Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

TRASK, Robert Lawrence. **A Students Dictionary of Language and Linguistics**. London: Arnold, 1997.

_____. **Language: the basics**. 2nd. Ed. London/New York: Routledge, 1999.

UMAÑA, Jeanina. "La relación entre actitudes lingüísticas, conducta e identidad". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1989, 15 (2), pp. 121-130. _____. "Variación de vibrantes en una muestra de habla de clase media costarricense". *Revista de Filología y Lingüística*. Universidad de Costa Rica, 1990^a, 16 (1), pp. 127-137.

_____. "Grupos portadores de actitudes lingüísticas". **Revista de Filología y Lingüística**. Universidad de Costa Rica, 1990^b, 16 (2), pp. 103-109.

WILSON KILBURN, Jack. **Mitos del Lenguaje**. Expertos y autoridades. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1996.

Bibliografía complementar

ALLAN, Keith; BURRIDGE, Kate. **Euphemism and dysphemism: language used as shield and weapon.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel. (eds). **Explorations in the ethnography of speaking.** Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

BERNSTEIN, Basil. **Class, codes, and control**, Vol. I. London: Routledge and Kegan Paul, 1997.

BICKERTON, Derek. **Roots of language.** Ann Arbor: Karoma, 1981.

BLOOMFIELD, Leonard. "Secondary and tertiary responses to language," *Language* 20:45-55. Reprinted in: HOCKETT, C. F. (ed.); **A Leonard Bloomfield anthology.** Bloomington/London: Indiana University Press, 1944-1970, pp. 413-25.

BOLINGER, Dwight. **Language** - The loaded weapon. New York: Longman, 1980.

CAMERON, Deborah. **Language hygiene.** London and New York: Routledge, 1995.

CASADO VELARDE, Manuel. **Lenguaje y cultura.** Madrid: Síntesis, 1991.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its nature, origin, and use.** New York: Praeger, 1986.

COATES, Jennifer; CAMERON, Deborah. (eds). **Women in their speech communities.** London: Longman, 1988.

COHEN, Philip R et al. (eds.) **Intentions in communication.**

Cambridge: MIT Press, 1990.

CRAWFORD, James. **Language loyalties**: A source book on the Official English controversy. Chicago/London: University of Chicago Press, 1992.

D' ANDRADE, Roy. "A folk model of the mind". In: HOLLAND & QUINN (eds.) 1987.

DOUGHTY, Peter; PEARCE, John; THORNTON, Geoffrey. **Language in use**. London: Edward Arnold, 1971.

DRAKE, Glendon F. The role of prescriptivism in American linguistics, 1820-1970. (**Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science III**: Studies in the History of Linguistics, Vol. 13). Amsterdam: John Benjamins, 1977.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London and New York: Longman, 1989.

FASOLD, Ralph. **The Sociolinguistics of Language**. New York: Basil Blackwell, 1984.

FERGUSON, Charles. "Diglossia". **Word**, 1959, 15, pp.325-340.

FODOR, Jerry A. **Representations**: Philosophical essays on the foundations of cognitive science. Brighton: Harvester Press, 1981.

GILES, Howard; POWESLAND, Peter F. **Speech style and social evaluation**. London: Academic Press, 1975.

GILES, Howard; ROBERT, N. (eds). **Language and social psychology**. Oxford: Blackwell, 1979.

GOSSEN, Gary. "Chamula genres of verbal behavior". In: PAREDES, A.; BAUMAN, R. (eds.). **Toward new perspectives in folklore**. Austin: University of Texas Press, 1972, pp. 145-67.

GOULD, Peter; WHITE, Rodney. **Mental maps**. Harmondsworth: Penguin, 1974.

GUMPERZ, John J. (ed.). **Language and social identity**. Cambridge:

Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J.; HYMES, D. (eds.). **Directions in sociolinguistics:** The ethnography of communication. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1972.

GUY, Gregory. "Language and Social Class." In: NEWMAYER, Frederick J. (ed.). **Language:** The Sociocultural Context. Linguistics: The Cambridge Survey 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HARRÉ, R.; GRANT G. **The discursive mind.** California: Sage, 1994.

HEATH, Shirley B. **Ways with words.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOLY, Ladislav; STUHLIK, Milan. **The structure of folk models** (A.S.A. Monographs 20). New York: Academic Press, 1981.

JACKENDOFF, Ray S. **Foundations of language:** Brain, meaning, grammar, evolution. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KAY, Paul. "Linguistic competence and folk theories of language: Two English hedges". In: HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi (eds.). **Cultural models in language and thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987, pp. 369-393.

KRAMARAE, R. M., SCHULZ, M; O'BARR, M. **Language and Power.** Beverly Hills: Sage, 1984.

LABOV, William (ed.). **Locating language in time and space.** New York: Academic Press, 1980.

LADO, Robert. **Linguistics across cultures.** Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

LAKOFF, Robin Tolmach. **Talking power.** Basic Books, 1990.

LAMBERT, WALLACE E., HODGSEN, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLINBAUM, S. "Evaluational reaction to spoken language". **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 1960, 60, pp. 44-51.

MACAULAY, Ronald. **Language, social class, and education.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

MALINOWSKI, Bronislaw. "The problem of meaning in primitive

languages". In: Ogden, C. K.; Richards, I. A. **The meaning of meaning**. London: Kegan Paul, 1923, pp. 451-510.

MILROY, James; MILROY, Lesley. **Authority in language**. London: Routledge & Kegan Paul, 1985.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

_____. **Observing and analysing natural language**. Oxford: Blackwell, 1987.

MOERMAN, Michael. **Talking culture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988.

NEWMEYER, Frederick J. (ed.). **Language: The Sociocultural Context**. Linguistics: The Cambridge Survey 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

NICHOLS, Patricia. "Networks and hierarchies: Language and social stratification". In: KRAMARAE, C.; SHULZ, M.; O'BARR, W. (eds). **Language and power**. London: Sage, 1984.

O'BARR, William M. **Linguistic evidence: Language, power, and strategy in the classroom**. New York: Academic Press, 1982.

PALMER, Gary B. **Towards a theory of cultural linguistics**. Austin: Texas University Press, 1996.

PINKER, Steven. **The language instinct**. New York: Harper Perennial, 1995.

POSTMAN, Neil. **Crazy talk, stupid talk**. New York: Delacorte, 1976.

POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margaret. **Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour**. London: Sage, 1987.

PRESTON, Dennis R. "Standard English spoken here: The geographical loci of linguistic norms". In: ULRICH, Ammon (ed.), **Status and function of languages and language varieties**. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1989, pp. 324-54.

_____. "The uses of folk linguistics". **International Journal of Applied Linguistics**, 1993, 3, pp.181-259.

_____. "Content-oriented discourse analysis and folk linguistics". **Language Sciences**, 1994, 16,2, pp. 285-331.

_____. "'Whaddayaknow,' The modes of folk linguistic awareness". **Language Awareness**, 1996, 5,1, pp. 40-74.

RAYMOND, James C. (ed.). **Literacy as a human problem**. University: University of Alabama Press, 1982, pp. 55-72.

RÉCANATI, François. "The pragmatics of what is said". In: DAVIS, S. (ed.). **Pragmatics: A reader**. Oxford: Oxford University Press, 1991, pp. 97-120.

RUMSEY, Alan. "Wording, meaning, and linguistic ideology," **American Anthropologist**, 1992, 92, pp 346-61.

RYAN, Ellen B. "Why do low-prestige language varieties persist?" In: Giles, H.; ST CLAIR, R. (eds). **Language and social psychology**. Oxford: Blackwell, 1979, pp. 145-57.

RYAN, E. B.; Giles, H. **Attitudes towards language variation**. London: Edward Arnold, 1982.

RYAN, E. B., Giles, H.; SEBASTIAN, S. J. "An integrative perspective for the study of attitudes towards language". In: RYAN, E.; Giles, H. (eds). **Attitudes towards language variation**. London: Edward Arnold, 1982, pp. 1-19.

SCHERER, K. R.; GILES, H (eds). **Social markers in speech**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SCHIEFFELIN, Bambi; OCHS, Elinor. "Language socialization". **Annual Review of Anthropology**, 1986, 15, pp. 163-191.

SHERZER, Joel. "Namakke, Sunmakke, Kormakke: Three types of Cuna speech event". In: BAUMAN, R.; SHERZER, J. (eds). **Explorations in the ethnography of speaking**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974, pp. 263-82.

_____. **Kuna ways of speaking**. Austin: University of Texas Press, 1983.

Shuy, Roger W. "What is the study of variation useful for?" En: Ralph W. Fasold & ROGER, W. S. (eds.). **Analyzing variation in language**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1973, pp. 312-27.

SOUTHWORTH, F. "Linguistic masks for power: some relationships between semantic and social change." **Anthropological Linguistics**, 1974, 16, pp.177-917.

SOUTHWORTH, F.; DASWANI, C.J. "The social status of linguistic variants". **Foundations of linguistics**. New York/London: The Free Press, 1974.

STUBBS, Michael. **Educational linguistics**. Oxford and New York: Blackwell, 1986.

TANNEN, Deborah (ed). **Spoken and written language: Exploring orality and literacy**. Norwood: Ablex, 1982.

THOME, B.; KRAMERAE, C; HENLEY, N. (eds). **Language, gender and society**. Rowley: Newbury House, 1983.

TOELKEN, Barre. **The dynamics of folklore**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. London: Penguin Books, 1983.

VAN DIJK, Teun **A. Communicating racism: Ethnic prejudice in thought and talk**. Newbury Park: Sage, 1987.

_____. **Elite discourse and racism**. Newbury Park: Sage, 1993.

WARDHAUGH, Ronald. Reading: **A linguistic perspective**. New York: Harcourt, Brace, and World, 1969.

WIEMANN, John M.; CHEN, V.; GILES, H. "**Beliefs about talk and silence in cultural context**". Annual meeting of the Speech Communication Association. Chicago, 1986.

WIERZBICKA, Anna. **Semantics, culture, and cognition: Universal human concepts in culture-specific configurations**. New York/London: Oxford University Press, 1992.

YAGUELLO, Marina. **Lunatic lovers of language**. London: The Athlone Press, 1991.

Sobre a autora

Carla Victoria Jara Murillo é licenciada em Filologia Espanhola e mestre em Linguística pela Universidade da Costa Rica. Obteve o título de PhD em Linguística pela Louisiana State University (Estados Unidos). Iniciou sua carreira profissional como professora e pesquisadora na Universidade da Costa Rica, na qual desde 2023 é professora aposentada. Sua linha de pesquisa aborda morfossintaxe, análise do discurso, linguística de corpus e a língua bribri. Foi membro do Conselho Editorial da Revista de Filología y Linguística da Universidade da Costa Rica, membro do Conselho Científico do Instituto de Pesquisas Linguísticas (INIL), membro do Conselho Editorial da Revista Estudios de Linguística Chibcha e coordenadora da Comissão de Avaliação de Línguas Indígenas para o Regime Acadêmico. Suas publicações incluem Abecedário ilustrado boruca (1987), Text and Context of the Suwo (1995), El español de Costa Rica según los ticos: un estudio de linguística popular (2006), Diccionario de mitología bribri (2003) e Cargos tradicionales del pueblo bribri (2008). Recebeu o Prêmio Pesquisador do Ano (2011), concedido pela Universidade da Costa Rica; o Prêmio da Academia de Letras da Costa Rica (2009) e importante prêmio pela defesa dos direitos indígenas (2008).

Sobre a/os tradutora/es e a prefaciadora

Mariana Morales da Silva possui licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (2012) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (2015). Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desde 2017, com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Realizou Doutorado Sanduíche no Departamento de Traducción y Ciencias del Lenguaje da Universitat Pompeu Fabra, Barcelona-Espanha, com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PrInt). Investiga principalmente os seguintes temas: Educação e Discurso.

Marcelo Rocha Barros Gonçalves possui graduação (1999), mestrado (2002) e doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professor Adjunto do Câmpus de Coxim da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) desde 2005. Foi Coordenador de Graduação do Curso de Letras Português/Espanhol (Licenciatura) entre 2005 e 2006, durante o Reconhecimento de Curso e entre 2012 e 2017. Foi Coordenador de Graduação do Curso de Letras Português (Licenciatura) entre 2014 e 2018, durante o Reconhecimento de Curso. Tem experiência na área de Ensino de Língua Portuguesa e Linguística Geral, com ênfase em Semântica, Pragmática, História das Ideias Linguísticas, Sociolinguística e Linguística Computacional. Nos últimos anos, tem trabalhado na área de Tecnologias da Informação e Comunicação e suas relações com o Ensino de Língua Portuguesa. De 2012 a 2017, foi Diretor Substituto do Câmpus de Coxim, responsável pela Unidade de Administração Setorial. Atualmente, é Pós-Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM), membro da Comissão de Historiografia Linguística da ABRALIN, coordenador do GT de Linguística popular e membro do GT em Historiografia Linguística da ANPOLL.

Roberto Leiser Baronas possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – campus

Universitário do Araguaia em Pontal do Araguaia – MT (1994) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus 178 de Araraquara (2003). Desenvolveu sua tese sob a orientação de Edna Fernandes dos Santos Nascimento. Com apoio de bolsa PDEE/CAPES, fez doutorado sanduíche na Université Paris Est – Créteil – Val de Marne – França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação – CÉDITEC – sob a supervisão de Simone Bonnafous (2003). Realizou estágio de Pós-Doutorado de um ano com bolsa PDS do CNPq, junto ao Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Identidade e Memória, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL/Faculdade de Filosofia Comunicação Letras e Artes/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, sob a supervisão de Beth Brait (2012).

Trabalhou como professor de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino fundamental e médio de Mato Grosso, onze anos e meio na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Alto Araguaia. Atualmente, é professor Associado no Departamento de Letras e orientador de trabalho de conclusão de curso, iniciação científica, de dissertação de mestrado, de tese de doutorado e de supervisão de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e de dissertação e de tese no PPGEL – da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1 D. Foi presidente e membro da Comissão Assessora para Análise de Novos Cursos de Pós-Graduação na UFSCar – 2019. Foi um dos coordenadores da Comissão de Análise de Discurso da ABRALIN. Traduziu diversos artigos e livros relevantes no campo dos estudos discursivos. É organizador e autor de diversos livros e artigos no domínio dos estudos discursivos. É um dos editores responsáveis pela Revista de Popularização em Ciências da Linguagem – Linguasagem da UFSCar. Foi Editor da Revista da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN de 2014 a 2017. Foi Delegado Regional da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil de 2014 a 2018. Foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL, no período de 2016 a 2018. É o coordenador da Unidade de Pesquisa em Linguística popular – UPLiP/UFSCar. É também um dos coordenadores do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de

Discursividades Multimodais – LEEDiM – UFSCar/CNPq. Tem experiência na área de Linguística com ênfase nos domínios da Linguística popular/Folk linguistics, da Análise do Discurso e da Filosofia da Linguística e do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística popular, análise do discurso, discurso político, discurso digital e epistemologia e história da linguística.

Juliana Bertucci Barbosa possui Pós-doutorado junto ao programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa da UNESP-Campus de Araraquara (2019-2020), com bolsa PNPd/CAPES. Doutorado, fomentado pelo CNPq, em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-Campus de Araraquara. Realizou, em Portugal, na Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (FLUL) e Centro de Linguística (CLUL), estágio de Doutorado PDEE fomentado pela CAPES. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e estudos descritivos no nível Sintático-Semântico. Também atua na constituição de banco de dados (montagem de corpora) e pesquisas variacionistas no Português Mineiro da cidade de Uberaba. Atualmente é professora Associada do Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-Uberaba) e professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFTM. É líder do grupo de pesquisa em Estudos Variacionistas (GEVAR), diretório do CNPq e do LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM LINGUAGEM, VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA (LEPEVAR) do IELACHS/UFTM. É também professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara (mestrado e doutorado). Membro permanente e vice-coordenadora (biênio 2021-2023) do GT de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Coordenadora da Comissão Científica de Sociolinguística da ABRALIN. Coordenadora do subprojeto de Língua Portuguesa do Programa de Residência Pedagógica da UFTM (2022-2024). Foi coordenadora do Programa de Licenciaturas Internacionais-Capes (PLI-Portugal) (2016-2020) convênio UFTM-Universidade de Aveiro. Integrante do PHPB-Minas Gerais. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Suas pesquisas atuais estão concentradas na área de Sociolinguística com interface ao ensino de Língua Portuguesa (como língua materna e para falantes de outras línguas) e descrição do Português Brasileiro.

Anexo

Em vários períodos letivos, os estudantes do meu curso Introdução à linguística, Curso básico de Redação, Língua e Comunicação, colaboraram comigo recolhendo as entrevistas que constituem o corpus de análise deste trabalho. São eles: Ivannia Alvarado, Kenneth Barboza, Fernando Ramírez, Carlos Pacheco, Nuria Fernández, Karol Acón, Geanina Santamaría, Diego Vega, Johnny Martínez, Laura Gómez, Catalina Morales, María de los Ángeles Quirós, Manuelita Quirós, Catalina Morales, Sonia Castro, Marcela Acosta, Melissa Rodríguez, Carlos Campos, Alberto Camacho, Helena Muñoz, Alex Brenes, Mary Mayorga, Jimmy Mena, Randall Corella, Andrea Chaverri, Alfonso Bolaños, Isela Araya, Graciela Araya, Jessica Fallas, Mauricio López, Héctor Concohá, Laura Quesada, Roxana Ramírez, Marya Ramírez, Lizeth Aguilar, Laura Ramírez, Jackeline Murillo, Laura Fernández, Nellyna Delgado, Yesenia Godínez, Maritza Gómez, Christian Carranza, Olga Muñoz, Carlos Alberto Sánchez, Lorena Guido, Laura Casasa, Ana Lorena Chaves, Sandra Granados, Karina Salguero, Giselle Cascante, Dolores Rodríguez, Luis Diego Vargas, Rosa María Segura, Alexandra Alvarado, Gabriela Gitti, Tatiana Herrera, Alexandra Ortiz, Herbert Espinoza, Carolina Arias, Hiram Castro, Edgar Villegas, Laura Soto, Grettel González, Jorge Antonio Brenes, Juan Guillermo Tovar, Enid Padilla, Keylor Murillo, Patricia Solano, Nancy Rivera, Guiselle Roldán, Laura Patricia López, Francisco Wong, Verónica Saborío, Manuel Antonio Machado, María Mesalles, Yans Santana, Marlene Sanz, Ana Cecilia Solano, Carlos Velásquez, Mariana Murillo, Andrea Murillo, José Acosta, Maribel Pita, Silvia Angulo, María Eugenia Rojas, Badry Baltodano, María Eugenia Hernández, Donald Morales, Zoraida Rodríguez, Rita Hernández

A todos eles/elas, meu sincero agradecimento.

EDITORAS

Ana Paula Scher (USP/UFJF/CNPq)
Olga Ferreira Coelho Sansone (USP)

CONSELHO EDITORIAL

Adelson P. Sadrins (UFRPE/UAG)
Adelia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)
Ana Paula Scher (USP)
Aniela Improta França (UFRJ)
Atilio Butturri Junior (UFSC)
Carlos Alberto Faraco (UFPR)
Carlos Piovezani (UFSCar)
Carmem Luci Costa e Silva (UFRGS)
Cassiano R. Haag (MPSC)
Cátia de Azevedo Fronza (Unisinos)
Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)
Claudia Toldo Oudeste (UPF)
Dermeval da Hora (UFPB)
Eduardo Kenedy (UFF)
Edwiges Maria Morato (Unicamp)
Eliane Silveira (UFU)
Elisa Battisti (UFRGS)
Esmeralda Negrão (USP)
Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)
Heronides Moura (UFSC)
Indaiá de Santana Bassani (UNIFESP)
Ingrid Finger (UFRGS)
Jairo Nunes (USP)
Janaina Weissheimer (UFRN)
João Paulo Cyrino (UFBA)

Juciane Cavalheiro (UEA)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC)
Luiz Carlos Schwandt (UFRGS)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Mailce Mota (UFSC)
Marcelo Ferreira (USP)
Marcos Lopes (USP)
Marcus Linguinho (UnB)
Maria Eugenia Duarte (UFRJ)
Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Pablo Ribeiro (UFSM)
Plínio Barbosa (Unicamp)
Rafael Minussi (Unifesp)
Renato Basso (UFSCAR)
Ronice Muller de Quadros (UFSC)
Ruth Lopes (Unicamp)
Simone Guesser (UFRR)
Simone Sarmiento (UFRGS)
Sirio Possenti (Unicamp)
Sonia Cyrino (Unicamp)
Tânia Maris de Azevedo (UCS)
Ubiratã K. Alves (UFRGS)
Vitor Nóbrega (UFSC)
Viviane de Melo Resende (UnB)

OBRAS JÁ PUBLICADAS

· COLEÇÃO ALTOS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA

A aventura de Saussure

Eliane Silveira

Aquisição atípica da linguagem: modelos linguísticos e prática clínica

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Marian Oliveira e Maria João Freitas

Formas de tratamento e "cordialidade": mudança linguística e conceptualizações culturais

Geisa Mara Batista

Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura

Nancy Mendes Torres Vieira

Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico: em pauta as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley

Manuel Veronez

Linguagem, cognição e ensino: reflexão sobre a linguagem em crianças com e sem diagnósticos

Thalita Cristina Souza Cruz e Fernanda Moraes D'Oliveiro

Gramaticalização e gramática gerativa

Lorenzo Teixeira Vitral

"Ai, se seu te pego...": aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

Rodriana Dias Coelho Costa Edinei Carvalho dos Santos e Kléber Aparecido da Silva

O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?

Stefania Montes Henriques

Investigações em linguística geral: textos escolhidos de Martin Haspelmath

Felipe Bilharva da Silva, Gabriel de Ávila Othero, Melissa Lazzari, Pablo Nunes Ribeiro, Sérgio de Moura Menuzzi

Fonologia e Ensino: descobertas e interfaces

Ubiratã Kickhöfel Alves e Gladis Massini-Cagliari.

Ensino de pronúncia e formação docente

Amanda Post da Silveira, Cristiane Conceição e Felipe Flores Kupske

O espanhol da Costa Rica segundo os ticos: um estudo de linguística popular

Carla Victória Jara Murillo; tradução Mariana Morales da Silva, Roberto Leiser Baronas, e Marcelo Rocha Barros Gonçalves

• COLEÇÃO LINGÜÍSTICA E SOCIEDADE

Linguagem simples pra quem? A comunicação cidadã em debate

Adelaide Silvam, Xoán Lagares e Marcus Maia

Da Subjacência à Superfície: A Contribuição de Leda Bisol para a Materialização da Fonologia no País.

Uma homenagem da Associação Brasileira de Linguística

Ubiratã Kickhöfel Alves e Gladis Massini-Cagliari.

• COLEÇÃO LINGÜÍSTICA EM AÇÃO

Introdução à estatística para linguistas

Livia Oushiro

Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução

Felipe Flores Kupske, Ubiratã Kickhöfel Alves e Ronaldo Mangueira Lima Jr.

Linguística no feminino. Vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil

Danniel Carvalho e Raquel Freitag

Manual de Morfologia Distribuída

Ana Paula Scher, Indaiá de Santana Bassani e Paula Roberta Gabbai Armelin

Manual de Prosódia Experimental

Plínio A. Barbosa

Uma introdução à semântica argumentativa

Vicente de Souza Cardoso Jr

